Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 259
Setembro 83
Segunda-feira
20$00
19

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

Tensão cresce no Líbano

Confronto armado entre a Síria e os EUA pode desencadear-se a qualquer momento

Soldado libanês na frente de combate

Dois navios de guerra norte-americanos — o **SS Bowen** e o **SS John Rogers**, que estão ancorados ao largo de Beirute — bombardearam na noite de sexta-feira para sábado, posições sírias, na montanha a Leste de Beirute. Este facto, que foi imediatamente seguido da ameaça síria de replicar a qualquer tiroteio, venha ele donde vier, transforma o Líbano num terrível barril de pólvora, pois coloca a hipótese muito próxima de uma confrontação militar directa EUA-Síria. Se nos lembrarmos que a Síria tem um pacto de amizade e não agressão com a URSS, avaliaremos a gravidade da situação. Não surpreende que se assistam a grandes esforços diplomáticos para sanar uma situação, aparentemente insolucionável. Depois dos EUA e da França, que, a pretexto da sua integração na Força Multinacional, estão a reforçar posições militares no Líbano e a intervir directamente na guerra, anuncia-se agora o envio de um porta-aviões britânico e a entrada das tropas líbias na luta.

Págs. Centrais

Cinco dias em Portugal

Samora Machel chegará a Lisboa a 7 de Outubro

Um comunicado da Presidência da República, divulgado ao fim da manhã de hoje, anuncia que o presidente da República Popular de Moçambique visitará Portugal entre os dias 7 e 12 do próximo mês de Outubro. Samora Machel, que corresponde assim a um convite do general Ramalho Eanes, será acompanhado da sua mulher, Graça Machel.

Último dia da visita

Eanes e Cuellar discutem Timor

Ramalho Eanes avistou-se hoje, pela segunda vez, com o secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar. Segundo se afirma em Nova Iorque, a questão de Timor-Leste avulta na agenda estabelecida para o encontro de hoje. Ontem à noite, Eanes foi convidado de um jantar oferecido por Perez e Marcela Cuellar. Hoje, último dia da visita aos EUA, Eanes foi homenageado com um almoço oferecido pelo «mayor» de Nova Iorque. Ao fim da tarde estará presente a uma recepção promovida pela American Association e à noite presidirá a um jantar organizado pela Câmara de Comércio Luso-Americana.

Crónica do nosso enviado especial na pág. 4

O negócio das Obrigações

Milhões voam num só dia

Isto é uma vigarice, falam de subscrição pública e depois, quando uma pessoa chega aos balcões dos bancos, dizem que as obrigações já estão todas tomadas. O *«desabafo»* provém de um leitor do «DL» que esta manhã viu frustrada, pela terceira vez, a sua intenção de adquirir umas tantas obrigações em que contava empregar as sua economias. Segundo nos disse, apresentou-se numa agência bancária de Lisboa, às 8 e 35 de hoje — portanto apenas 5 minutos depois da abertura da subscrição pública dos 2 milhões de obrigações emitidas pelo Banco de Fomento Nacional — e foi informado de que não h avia *nem uma obrigação disponível.*

Continua na pág. 24

AINDA PODE CONCORRER
VERA CRUZ

na página 2 continua a repetição dos cupões

Mota Pinto: um sorriso de quem conta, para já, com apoios de várias sensibilidades...

Num PSD sem chama

Mota Pinto vence Conselho Nacional

Pág. 5

Aumentar a produção

Carlos Amado Reis

PARECE que o Governo que temos pretende que a produção de Portugal tenha o crescimento zero, e que o FMI, indo mais longe na oposição aos verdadeiros interesses portugueses, pretende para 1983 uma produção inferior à de 1982. Eles apresentam razões – mas não razões válidas.

Portugal é um país que importa muitíssimo mais do que exporta, e acumula resultados negativos que põem em perigo a própria independência política – pois já há quem veja na hipótese de fusão com a Espanha o processo de os espanhóis nos pagarem as dívidas (devendo dizer-se, porém, que o ingresso na CEE não é melhor do que a fusão com a Espanha, e que foi em consequência do propósito de adesão à CEE que recentemente o iberismo se agitou em Portugal). A que ponto se chegou!

O que é necessário é aumentar a produção, embora de maneira seriamente ponderada.

É necessário aumentar a produção de bens exportáveis ou que substituam importações; e quanto às possibilidades de exportação é fundamental pensar nos mercados, que devem procurar-se no mundo inteiro e não apenas nem mesmo principalmente na Europa Ocidental. A chamada «opção europeia» constitui um erro trágico.

Há que pensar nos meios para produzir, nos meios para distribuir; e quanto aos referidos meios, há que dar preferência aos que originem menores importações.

Há que pensar em quem tomará a iniciativa de produzir e de comercializar; e quem escreve estas linhas é por toda a iniciativa, seja privada ou pública, mas pensa que um país em que a iniciativa privada é fraquíssima (já o era muito antes do 25 de Abril) o desenvolvimento tem que ser obra de empresas públicas.

Há em Portugal um sector industrial militar que é pequeno mas eficiente. Isso mostra que os militares são capazes de gerir indústrias. E seria precisamente aos militares, a começar pelos de Administração e pelos de Engenharia, que se deveria confiar a criação e desenvolvimento de novas empresas públicas, agora de índole não militar, destinadas a incrementar a produção para mercados internos e externos. Não só aos militares, mas em grande parte a eles – promovendo-se, ao longo dos anos, a passagem dos quadros das Forças Armadas para os sectores produtivos, e a formação de estruturas militares viradas para a defesa através da «guerrilha».

Um mercado como o japonês poderia ser para Portugal mais importante do que o mercado alemão, por exemplo. – Já se tentou habituar os japoneses a consumir «vinho do Porto»? E a revestirem o chão das suas casas com tapetes de Arraiolos?

Tanta coisa se pode fazer com investimentos modestos! – De que estamos à espera para na Lagoa de Obidos e na Pateira de Fermentelos substituirmos a proliferação de algas expontâneas por algas cultivadas, destinadas à alimentação humana, ou por uma piscicultura que também poderia praticar-se nas salinas abandonadas da zona da Ria de Aveiro – ainda antes de uma piscicultura praticada em todas de água que por enquanto só existem em antevisão? E porque não se organiza a sério a exploração dos nossos recursos marítimos, que poderia intensificar-se muito sem grandes investimentos?

Poderia alongar-me alinhando hipóteses de projectos de acção; mas ainda que alinhasse dezenas de hipóteses ficaria longe de esgotar o assunto. e afinal quem deve ocupar-se de estudos em tal domínio não sou eu. Quem deve ocupar-se de estudos no sentido do desenvolvimento económico será cada vez mais o Ministério da Defesa, porque a defesa terá de ser entendida cada vez mais como defesa económica! Essa a primeira linha de defesa!

Escrevo em 24 de Julho, e de «O Diário» de hoje extraio, de um poema escrito por alguém que começou a ser operário metalúrgico aos II anos, as seguintes passagens: – «Se eu tivesse um Chaimite fazia dele um jardim, com lindas rosas e cravos que não fossem só p'ra mim»; «Trabalhar é necessário p'rá vida não ser malina. Ai, se eu tivesse um Chaimite fazia dele oficina.»

Os referidos versos encontram-se num poema, em grande parte sem métrica mas com ideias belíssimas, de Jesuíno Gaspar de Sousa, que diz tê-lo escrito em 26 de Abril de 1977. Perfilhando inteiramente tais ideias, sustendo que a defesa de Portugal deve fazer-se prioritariamente no campo da economia e que grande parte dos quadros militares são aptos, ou poderão vir a tornar-se aptos, para transferir para esse campo a sua capacidade de acção.

Para começar: – Que nos quadros da Marinha de Guerra, talvez no Arsenal do Alfeite mas não obrigatoriamente ái, se procure gente para dirigir superiormente a Lisnave.

Nos casos da Lisnave e da Setenave nem sequer se trata de criar empresas novas ou de ampliar muito as existentes, mas de explorar convenientemente o que existe.

Considero extremamente desejável o aumento e diversificação da produção em sectores muito variados, talvez com destaque para os das industrias metalomecânicas e eléctricas, mas não terminarei sem afirmar que sou contra o aproveitamento do minério deferro de Moncorvo. Penso que é muito mais desejável o desenvolvimento das indústrias metalomecânicas do que o da siderurgia, e, embora sendo adversário irredutível da adesão à CEE, entendo que não devemos alhear-nos da situação da siderurgia nos outros países – além de que a utilização de minérios de má qualidade é antieconómica e não permitirá remunerar bem os operários sem prejudiar o futuro das indústrias metalomecânicas.

E necessário ver bem quais as produções a aumentar; mas é indispensável que aumente grandemente a produção de bens exportáveis ou destinados a substituir importações, em boas condições económicas, e quanto mais melhor. É indispensável caminhar-se para uma situação em que a vida do país não dependa já das «remessas» de emigrantes, e muito menos de empréstimos externos, e isso só pode conseguir-se incrementando, com a possível economia de meios materiais, a produção de bens exportáveis ou destinados a substituir importações (quando essa substituição possa fazer-se sem inconvenientes graves).

Governo que não procure promover o aumento da produção, não servirá o país.

A pílula contraceptiva

Uma protecção inesperada contra tumores malignos

Escoffier-Lambiotte Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

As pílulas contraceptivas têm um efeito protector contra os cancros do ovário e do útero. As mulheres que as têm utilizado regularmente apresentam, com efeito, muito mais raramente estas dus formas de tumores malignos do que as outras.

A frequência dos cancros do seio é, por sua vez, idêntica quer as mulheres tenham ou não tenham absordo contraceptivos orais. Estes dados excepcionalmente benéficos resultam de um inquérito exaustivo, conduzido durante os últimos vinte anos em oito regiões geográficas dos Estados Unidos, sob a égide do famoso Centro de Controlo de Doenças Atlanta.

Vinte e cinco milhões de mulheres americanas tomam regularmente a pílula comercializada em grande escala há mais de vinte anos.

As ligações verificadas entre certas impregnações hormonais e o aparecimento de tumores malignos nos aperelhos genitais tinham levado um certo número de médicos a lançar prevenções, muitas vezes dramáticas, em relação à «explosão de cancros femininos» que eles previam num prazo de cinco a vinte anos, período admitido como necessário para tornar patente o efeito cumulativo de grande número de carcinogenes.

A publicação, há três anos, de estudos epidemiológicos mostrando um aumento do perigo de cancros do útero nas mulheres tratadas por oestrogenes puros após a menopausa parecia confirmar essas provisões alarmistas.

Os dados agora apresentados pelo centro de Atlanta informam-nas radicalmente. As pílulas contraceptivas são compostas, na sua maior parte e com dosagens variadas, por duas hormonas do ciclo feminino: os oestrogenes, cujas quantidades foram fortemente reduzidas nas pílulas modernas, e os derivados da progesterone, ou hormona da segunda metade do ciclo menstrual, a qual, em certos casos, chega a ser a única utilizada.

Parece que o efeito protetor observado possa estar ligado à acção «anticancerína» da progesterone, efeito a que a escola francesa do Professor Mauvais Jarvis consagrou importantes e numerosos, trabalhos de pioneiros.

Por outro lado, a vigilância médica a que estão submetidas as mulheres que utilizam a pílula contraceptiva teve, com certeza, um papel preventivo com – plementar, se bem que menos importante.

Um Risco reduzido a Metade

Três inquéritos distintos constituem o relatório do centro americano de Atlanta publicando no «Journal of the American Medical Association» – JAMA.

O primeiro diz respeito aos cancros do ovário, que figuram entre os tumores mais perigosos e mais difíceis de tratar. O efeito protector verificado contra estes cancros em mulheres submetidas a uma contracepção oral é tanto mais importante quanto essa protecção é prolongada. Embora apareça ao fim de doze meses de utilização ele torna-se manifesto ao fim de cinco anos e mais ainda depois de dez a catorze anos.

Entre as utilizadoras de longa duração o risco do cancro do ovário é, em relação ao grupo testemunha da mesma idade, reduzido em mais de meatade. «O número de cancros do ovário registado nos Estados Unidos seria em 1983, 30% superior ao que é hoje se as mulheres americanas nunca tivessem utilizado contraceptivos orais« sublinha o centro de Atlanta» e em cada ano, mais de 1700 casos deste cancro são evitados graças à pílula».

O mecanismo pelo qual se produz esta protecção é ainda discutido, mas as teses actualmente admitidas sugerem que ele esteja ligado por um lado à supressão de ovulações incessantes que traumatizam mensalmente o ovário e por outro à diminuição das taxas de hormonas hipofisárias – ou gonadotropinas – que já foram reconhecidas como favorecendo o desenvolvimento dos cancros do ovário.

Os resultados difundidos pelo centro americano são ainda mais espectaculares paA O CANCRO DO ÚTERO – ou carcro de endómetro – cujo risco baixou para metade entre as mulheres que tinham tomado a pílula durante, pelo menos, um ano. Este efeito protector mantém-se no mínimo durante dez anos após a paragem da tomada do contraceptivos orais.

Trata-se de um cancro muito frequente – a sua incidência aparece em terceiro lugar entre os tipos de cancro nos Estados Unidos – e os 39 000 novos

Continua na pág. 18

CONCURSO

Recorte e guarde estes cupões, bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa» esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação (que será publicado diversas vezes durante o concurso), conforme abaixo se indica.

AINDA PODE CONCORRER

O leitor pode concorrer em qualquer altura, pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e. sobretudo, o seu «Álbum Sempre Fixe», este ano dedicado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa.

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de 13 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

PODE IR ENVIANDO AS SUAS COLECÇÕES...

Só no dia 25 de Outubro de 1983 (data do carimbo do correio) termina o prazo de envio das colecções, mas, se o leitor quiser enviar alguma que já tenha completado, os nossos serviços estão aptos a recebê-las. Envie para:

DIÁRIO DE LISBOA/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Lembramos que:

- **O LEITOR** deverá usar apenas um boletim por cada colecção, e enviar uma colecção em cada envelope. (Se enviar mais de uma colecção no mesmo envelope, elas serão numeradas com numeração seguida).
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade), morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- **O TALÃO-RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 16$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).
- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

política de A a Z

A corrida para Belém

OS trabalhos dos organismos dirigentes do PS e do PSD não trouxeram surpresas. No Partido Socialista a «oposição» adopta uma táctica maleável. Vítor Constâncio não é um condutor de guerras, Francisco Zenha distancia-se, António Guterres reserva-se para dias mais favoráveis. No Partido Social-Democrata, Mota Pinto vê consolidada a sua posição de líder, mas nos trabalhos transparece a preocupação de que a presença no Governo não tenha como consequência o apagamento da presença e da influência do PPD-PSD no País.

O Conselho Nacional do PSD aprovou uma moção que exprime o estado de espírito de muitos dos «conselheiros» e na qual claramente se preconiza a «necessidade de uma reafirmação da identidade própria do PSD na coligação». A moção sublinha que: «A participação do PSD num Governo de coligação não o impede, antes legitima, o reforço da afirmação do seu ideário e implantação nacional, assumindo um discurso e uma prática política, tradutoras da sua antonomia». Não se pretende, porém, provocar «clivagens no seio da maioria», mas salienta-se a necessidade de, sem prejuízo «do reforço de um dos elos dessa cadeia» (a coligação que permite ao PSD participar no Governo), ser posta «maior ênfase» à afirmação da identidade e da autonomia do partido.

O leitor não poderá deixar de nestas frases descortinar a preocupação dos responsáveis do PSD perante a subalternização política do partido. Sabemos que essa subalternização tem as suas compensações. Todavia, a aparência política é determinante nos comportamentos eleitorais, por exemplo. E a subalternização de Mota Pinto em relação a Mário Soares é um dado que é preciso ter em conta, não só na perspectiva dos desenvolvimentos políticos dos próximos meses, como na perspectiva das eleições presidenciais.

As declarações de António Capucho, o poderoso secretário-geral do PSD e o tranquilo ministro da Qualidade de Vida, relactivamente a uma quase inevitável vitória de Mário Soares na eleição presidencial de 1985, foram, discretamente, desautorizadas pelo Conselho Nacional do PSD. Ou melhor, foram desautorizadas como sendo a estratégia do partido, o que não invalida, a esta distância, que votar no candidato socialista Mário Soares venha a ser a fórmula táctica escolhida para essa intervenção eleitoral do PSD.

Com efeito, a posição anunciada, ou apenas admitida, por António Capucho, levaria mais longe a subalternização de Mota Pinto a Mário Soares, do PSD relativamente ao PS. Não se argumente que os poderes presidenciais são limitados, que é pálida a presença do Presidente da República na vida política nacional. A subida de um membro do Partido Socialista a Belém, e a continuidade de uma posição maioritária do grupo parlamentar socialista na Assembleia da República, representam uma inequívoca secundarização do Partido Social-Democrata. Mas mais, os «sociais-democratas» do PSD, perante a social-democratização da política do PS e enfrentados com as pressões de uma falange liberalóide e conservantista, tenderão a pensar que não se justifica (depois de Sá Carneiro e dada a experiência negativa de Francisco Balsemão) continuar no PSD. Tenderão a considerar que é chegado o momento do «Partido Social-Democrata Unificado».

Para os que se proponham manter o PSD como partido autónomo, a afirmação da identidade partidária se não deverá conduzir a uma rotura da «coligação» deverá observar uma estratégia que acautele a presença nacional do PSD. Correspondendo a esse objectivo o «Conselho Nacional do PSD reafirmou as conclusões do Congresso de Montechoro, onde se explicita a necessidade de uma candidatura própria do PSD às eleições presidenciais». Esta candidatura do PSD foi, com ênfase recordado, deverá «ser obviamente entendida como a apresentação de uma candidatura com capacidade para vencer as eleições».

Com a decisão do PSD de apresentar «uma candidatura própria do PSD», e de essa candidatura não ser uma diligência táctica, mas sim «uma candidatura com capacidade para vencer as eleições», o cenário previsível das eleições presidenciais apresenta-se sobrecarregado de «candidaturas para vencer as eleições». Se é de admitir que o mesmo venha a ser decidido pelo Partido Socialista, e se tivermos presente a «candidatura para vencer eleições» anunciada por Álvaro Cunhal no discurso pronunciado na «Festa do Avante», teremos que passar a contar com três candidaturas «para vencer eleições».

Não é difícil prever que, se o PSD apresentar «uma candidatura para vencer eleições» – e não esquecendo que o CDS também procura **o seu candidato** – a batalha eleitoral acabará por se travar entre os que defenderem Abril e a Constituição, os que protagonizarem a «nova revisão constitucional» e a liquidação suave ou brutal de Abril.

O Governo está a isolar-se. A política do Governo PS-PSD terá inevitáveis custos eleitorais. Custos eleitorais a que se eximirá dificilmente quer um «candidato PS», quer um «candidato PSD». E com mais forte razão um candidato a Presidente da República que seja membro do Governo responsável por uma política relativamente à qual o Conselho Nacional do PSD reconhece que, «é imperioso que o Governo altere a sua política de relação com os cidadãos, explicando as medidas adoptadas», até porque «a duração do clima de dificuldades não é superável nos próximos meses».

Não se pense que aderimos à ideia de estarmos condenados a «uma situação estática». A dinâmica social poderá alterar o quadro. Mas do Conselho Nacional do PSD surge um dado novo. A corrida para Belém complica-se.

ponto a ponto

FOI ontem inaugurado em Almeida um ciclo de comemorações da **Batalha do Buçaco,** com a presença do comandante da Região Militar Centro. As comemorações, promovidas pela RMC e pelo Museu Militar, culminam no próximo dia 27 com manifestações militares junto ao obelisco que, no alto da serra do Buçaco, assinalda a vitória do Exército anglo-luso sobre o Exército invasor.

COMO tem sido largamente noticiado, é esta tarde de que se efectua uma concentração unitária, a partir das 17.30, frente à Embaixada do Chile, em Lisboa (Av. Miguel Bombarda, 15), para protestar contra a violenta repressão que a ditadura fascista de Augusto Pinochet continua a usar contra o povo chileno. Os antifascistas portugueses, com ou sem filiação partidária, têm vindo a apoiar vivamente a jornada de hoje, que se destina a recordar o 10.º aniversário do golpe que, em 10 de Setembro de 1973, derrubou o regime democrático presidido por **Salvador Allende.**

HUMBERTO de Medeiros, cardeal de Boston, morreu sábado num hospital local, com 67 anos. De origem portuguesa (nasceu na Aldeia de Arrifes, nos Açores), monsenhor Humberto de Medeiros naturalizara-se americano em 1940. Era cardeal desde 1973 e arcebispo de Boston desde 1970. Era conhecida a sua posição contra a corrida aos armamentos nucleares.

O aniversário do nascimento do presidente angolano **Agostinho Neto,** em 17 de Setembro de 1921, foi sábado celebrado com a inauguração de uma exposição fotográfica e documental na Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

A exposição que se integrou nas «24 horas de natação» promovidas por aquela colectividade, apresentou igualmente numerosas fotografias sobre o MPLA-Partido do Trabalho e sobre Angola.

Assistiram ao acto inaugural o primeiro-secretário da Embaixada angolana em Lisboa, Francisco Mingas, o almirante Rosa Coutinho, antigo alto-comissário de Portugal em Angola, representantes do Município de Almada e da Junta de Freguesia da Cova da Piedade, delegações de partidos políticos, comissões de trabalhadores e organizações populares.

O presidente do conselho directivo da Faculdade de Direito de Lisboa, António de Sousa Franco, e Matilde Pessoa de Figueiredo, directora do Museu Nacional Machado de Castro, casaram-se sábado na **Sé Velha, em Coimbra.**

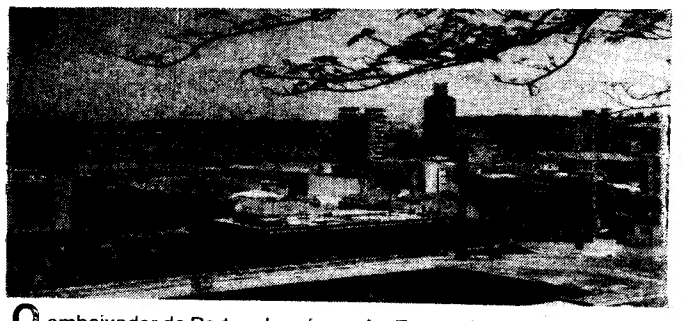
A cerimónia foi presidida pelo bispo de Mardasuma, acolitado por monsenhores Nogueira Gonçalves e João Evangelista e padre Vítor Feitor Pinto.

Entre os convidados – cerca de quatro dezenas – figuraram o constitucionalista Jorge Miranda e o antigo governador civil de Coimbra, Dias Loureiro. A noiva é, como tem sido divulgado, sobrinha de António Sérgio.

O jornalista **João Gomes**, antigo secretário de Estado da Comunicação Social no primeiro governo de Mário Soares, acaba de aceitar o convite para ocupar o cargo de provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, devendo ser a nomeação formalizada na próxima semana. O anterior provedor era, recorde-se, o militante do CDS, Pedro Vasconcelos.

O governador de Macau, **Almeida e Costa,** afirmou que a viagem que sábado iniciou aos Estados Unidos constituiria uma oportunidade para motivar os americanos para a realidade macaense, nomeadamente no aspecto turístico.

Almeida e Costa convidado para o Festival Cabrilho que se realiza em S. Diego, Califórnia, recordou a importância da comunidade portuguesa e luso-americana existente na Califórnia e com a qual terá contactos em todas as cidades onde se deslocar.



O embaixador de Portugal em **Luanda**, Fernando Silva Marques, foi recebido em audiência pelo ministro dos negócios Estrangeiros, Paulo Jorge, informa a ANGOP.

A agência não forneceu indicações acerca da natureza da audiência, mas informações obtidas em Lisboa sugerem que ela se destinou à apresentação de cumprimentos de despedida por parte do diplomata.

Fernando Silva Marques deve deixar definitivamente o actual posto ainda esta semana, para ser substituído por António Pinto da França, cujo decreto de nomeação já foi publicado.

XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura

Formosinho Sanchez, comissário técnico critica a crítica de Pedro Vieira de Almeida

Do arquitecto Formosinho Sanchez, comissário técnico da XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura, recebemos, com o pedido de publicação, uma crítica aos artigos críticos publicados no «DL» (edições de 20/7, 28/7, 4/8, 11/8, 23/8 e 1/9 do ano corrente) pelo nosso amigo e colaborador arquitecto Pedro Vieira de Almeida. O debate em torno da XVII não ficará encerrado com o texto do arquitecto Formosinho Sanchez, nem com a resposta do arquitecto Pedro Vieira de Almeida, se este entender replicar. As colunas do «DL» estão abertas. A iniciativa, pelo seu âmbito e significado culturais, justifica uma longa troca de opiniões. Dada a extensão fomos obrigados a dividir em duas partes o texto do arquitecto Formosinho Sanchez.

Posso no decorrer deste escrito tornar, por vezes, as considerações que se seguem num diálogo entre dois arquitectos. Se por acaso isto vier a acontecer, não representa menor consideração pelo leitor, este sim, merecedor de todo o nosso esforço para se lhe transmitirem ideias claras e exemplarmente isentas.

Pedro Vieira de Almeida não conseguiu este propósito por variadas razões:

– por ter sido demasiado longo, revelando falta de poder de concisão (7 extensos artigos que saíram semanalmente de 20 de Julho a 1 de Setembro);

– por se ter limitado a temas de área teórica e crítica da concepção organização espacial, aplicando ideias e termos não acessíveis ao grande público. Repare-se que os artigos incidindo só sobre o espaço interno dos núcleos, (excepção feita à área urbana em frente da Casa dos Bicos) foram apenas acompanhados por fotografias exteriores dos edifícios. Pedro Vieira de Almeida não acompanhou os seus escritos com fotografias interiores que poderiam facilitar o leitor no seguimento das suas críticas que, fundamentalmente, a eles se referiam e no último com uma imagem que não se referia à XVII;

– por os problemas técnicos ou as exigências museográficas terem sido insuficientissimamente tratadas e, quando o foram, surgiram tecnicamente errados (caso da referência à toalha de água junto da Torre de Belém);

– por ter atribuído «classificações» tão incompreensíveis e subjectivas quanto as que, escolarmente se fazem. Qual a tabela de referência e quais os critérios classificativos que permitiram o luxo humorístico de uma classificação com décimas (6,4) dada à CASA DOS BICOS? Foram atribuídas «a olho» ou usou-se um cronómetro electrónico?

Por tudo isto Pedro Vieira de Almeida merece uma resposta que não pode, nem pretende, ser exaustiva, mas que repesca em cada artigo uma ou outra crítica que me pareceu menos exemplar.

1.º artigo de 20 de Julho de 1983 – (Introdução)

Dois pontos me parecem de salientar: o que se refere à «margem de liberdade concedida a cada um dos responsáveis dos núcleos...» e o facto de que «há a considerar que voluntariamente a XVII pretendeu intervir arquitectonicamente e a nível definitivo, em quase todos os núcleos...» tendo recusado «com certo garbo e não menor atrevimento o provisório».

Comecemos pelo primeiro.

Em liberdade conceptual, ao nível da Arquitectura, não há «margens». A liberdade conceptual ou se assume inteiramente ou, se a marginamos, não a estamos a assumir. E nada disto tem a ver com «complexos perante a hipótese de sermos acusados de dirigismo», inadvertidamente (?) referida no artigo de 1.9.83.

Metodologicamente, a missão que nos coube, no âmbito de uma equipa mais vasta, foi a de garantir e assegurar a total liberdade conceptual para cada equipa projectista interveniente.

A esta posição cultural e metodológica corresponde, evidentemente, uma igual responsabilidade profissional que cada um deve assumir. Neste caso, o sector do Comissariado funcionou com «cliente», coordenador e dinamizador de uma exposição que, à partida, se desejou sempre diversificada e não unitária. Os resultados que estão patentes atingem plenamente este objectivo.

Passemos ao segundo ponto.

Efectivamente recusou-se o provisório. Não com «garbo e atrevimento», mas conscientemente assumiu-se o investimento na recuperação de um património arquitectónico que se nos apresentou mais do que degradado. Já tivemos ocasião de dizer noutro local e, aqui, voltamos a repeti-lo, que não se assumiu esta posição para recebermos louros ou louvores. Existem na estrutura estatal departamentos a quem cabe objectivamente esta missão (o IPPC e a DGEMN).

Só que os meios de que dispõem não são os mesmos que corresponderam à verdadeira acção de campanha que foi atribuída ao Comissariado. Logo, a oportunidade de se realizar uma

Continua na pág. 20

PS: uma semana para negociar

Reconciliação pressupõe eliminação do "ex-secretariado"

A semana que hoje começa será decisiva para a obtenção ou não da conciliação que está a ser tentada entre a direcção actual do PS e os elementos do ex-Secretariado. Reuniões previstas quer entre os elementos deste sector, quer entre os «negociadores» de ambos os lados ditarão a sentença final.

Caso seja estabelecida a conciliação, com a consequente apresentação de uma lista única no V Congresso que se realiza na próxima semana, é praticamente seguro que o sector (ainda que heterogéneo) do ex-Secretariado deixará de existir como tal. Este é, de resto, um objectivo de Mário Soares. «Sensibilidades **sim**; tendência organizada **não**» – o princípio.

Passos no sentido de um entendimento entre aqueles dois sectores que, desde a recandidatura de Ramalho Eanes estão em «guerra», foram dados, no sábado, na parte final da reunião da Comissão Nacional do PS. O caminho está aberto mas não está concluído, diria um dirigente socialista ao «DL».

Com efeito, apesar de não responder concretamente às condições desejadas pelos elementos do ex-secretariado, a resposta de Soares à carta do Algarve foi aceite como uma «boa plataforma de trabalho». Alguns princípios defendidos pelo ex-secretariado estão contemplados naquela resposta, designadamente o do exercício da democraticidade interna. Mas nem a questão da densidade de cada um dos sectores nas listas para os órgãos nacionais, nem o adiamento da alteração da Declaração de Princípios são contemplados.

Apesar destas limitações – que, de resto, estão na linha da não aceitação do ex-secretariado como grupo – vários dirigentes deste sector foram de opinião, no final, de que se apontava para a apresentação de uma lista única no próximo Congresso.

O comunicado final da reunião da Comissão Nacional, em cuja redacção participou Jorge Sampaio, refere a aprovação «por unanimidade e aclamação» de um voto no sentido de que sejam encontrados, antes do Congresso, «os requisitos e as condições que tornem possível uma unidade autêntia no quadro de uma vida partidária activa, transparente, dinâmica e plural».

Apelo e promessa

O documento-resposta apresentado pela Comissão Parmanente consta de seis páginas dactilografadas e pretende ser uma **declaração de unidade**. Está dividido em dez pontos e constitui um apelo à coesão do partido, ao apoio ao Governo e à aceitação dos principais pontos da estratégia global do partido. Quais? Concretamente, o empenhamento na coligação PS/PSD, a apresentação de um candidato próprio às eleições presidenciais, o aprofundamento do diálogo com os sectores da esquerda democrática e nova esquerda, para além do estímulo a acções no âmbito do poder local, do sindicalismo, do associativismo e da solidariedade social.

Noutros pontos do documento fala-se na necessidade da «normal convivência das sensibilidades internas, sem bloqueio nem obstrução de votos organizados», e na indispensabilidade de «garantir os meios e os métodos que possibilitem a existência de um modelo de reorganização apto a preservar a democracia interna».

A semana da negociação

A reunião da Comissão Nacional foi marcada por diversas intervenções, designadamente pela do secretário-geral que recordou a situação do partido até ao IV Congresso e as mudanças que de então para cá se têm verificado. Manifestos foram alguns sinais de que a tensão até há pouco tempo existente neste tipo de reuniões está esbatida.

Que a reunião não era, porém, decisiva di-lo o facto de alguns dirigentes terem saído muito antes do seu termo e de terem entrado por vezes a desoras. De facto, como afirmaram ao «DL» diversos dirigentes, só durante esta semana, com base na plataforma constituída pelo documento da Comissão Permanente, é que serão discutidos os termos concretos da «reconciliação».

Para os elementos do ex-Secretariado, a decisão final só poderá ser concretizada depois da opção que vier a ser tomada na reunião marcada para o dia 24, no Hotel Roma, com representantes daquela sensibilidade de vários pontos do País.

As reuniões entre os «negociadores» do lado da maioria e da minoria ainda não foram marcadas. Entretanto, mesmo no sábado, enquanto decorria a reunião da Comissão Nacional, membros da Comissão Permanente, entre eles Mário Soares, encontraram-se com os representantes do ex-Secretariado destacados para as negociações. Dessa reunião saiu o espírito presente no comunicado final a que já fizemos referência.

Intenções e prática

As boas intenções não tornam, todavia, líquido que a «unidade» venha a ser, na verdade, um facto. Há aspectos concretos a debater, conforme referiu um dirigente da minoria.

Se por um lado o líder socialista quer a unidade a toda a linha, pensando como está nas presidenciais de 85 e no reforço e renovação da aliança com o PSD; por outro lado, os principais elementos do ex-Secretariado consideram necessário recuperar a «tribuna» dentro do partido.

Um dirigente da «maioria» confessava-nos que a «reconciliação» significava um reforço importante da acção do Governo. Não falta, porém, quem vá mais longe e levante a hipótese de que o objectivo prático de Mário Soares se centra na inclusão da alguns membros do ex-Secretariado na remodelação governamental que até ao primeiro trimestre de 84 poderá vir a ser necessário fazer.

Qual a distância entre as boas intenções e a prática? – eis a grande questão a que terão de dar resposta os negociadores de ambos os lados durante esta semana. Os resultados a que chegarem ambos os sectores serão o primeiro indicador, mas certament que os principais virão mais tarde.

L.H.M

Visita de Ramalho Eanes aos Estados Unidos

Portugal disposto a desempenhar em África "o papel que pode e sabe"

O Presidente Eanes disse sábado à «Voz da América» que Portugal está disposto a desempenhar na África Austral «o papel que pode e que sabe» desde que para isso seja solicitado.

Em declarações a Mário Menier, dos serviços portugueses da «Voz da América», esclareceu que essa solicitação poderá vir de qualquer das partes envolvidas na situação, mas que Portugal só intervirá com o acordo de todas as outras partes.

Disse também que Portugal tem estado atento à evolução da situação na África Austral e que «tem dialogado com as partes envolvidas no sentido de as esclarecer e flexibilizar».

Acerca dos resultados da visita aos EUA, disse que ela serviu para «fazer uma revisão geral de questões bilaterais mais importantes» e que tinha verificado que da parte de Washington existe uma grande flexibilidade para negociar essas questões na defesa de interesses mútuos».

Referindo-se ao acordo sobre as Lajes disse que «a boa vontade dos Estados Unidos leva-nos a crer que o acordo estará negociado antes de Fevereiro de 1984», data em que termina o prazo da prorrogação automática.

No campo económico, afirmou estar certo que «mais uma vez poderemos contar com os Estados Unidos», destacando também a influência norte-americana nas instituições financeiras internacionais.

Quanto às questões militares, sublinhou que tinham sido abordadas de uma maneira geral, tanto as responsabilidades de Portugal quanto à NATO como as responsabilidades da NATO quanto a Portugal.

«Cabe à NATO estabelecer o objectivo de forças para cada um dos países, tendo em vista a satisfação das suas missões na NATO. Mas cabe também à NATO colaborar na obtenção dos meios financeiros para a realização dessas missões», precisou.

Interrogado pelo jornalista sobre o caso do derrube pela União Soviética do Jumbo sul-coreano, recordou que Portugal tomou uma «posição muito clara, que se impunha face a um caso de tal modo inaceitável».

Ramalho Eanes terminou sábado a sua visita a Washington, onde de manhã visitou a National Art Galery, tendo chegado a meio da tarde a Nova Iorque.

Ontem, domingo, o Presidente Eanes iniciou os seus contactos em Nova Iorque com um almoço que se realizou no Trade World Center com empresários portugueses estabelecidos naquela cidade.

À tarde, o Presidente recebeu, na Universidade de Nova Iorque (que cedeu as suas instalações em Greenwich Village para o efeito), primeiro a Imprensa portuguesa que se publica em vários Estados americanos e, logo a seguir, a colónia portuguesa residente nos Estados Unidos.

O programa terminou com um jantar oferecido pelo secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, na sua residência.

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, que acompanha o general Ramalho Eanes nesta viagem aos Estados Unidos, ofereceu, no sábado, um jantar a todos os embaixadores de países de Língua Portuguesa acreditados na ONU, incluindo o Brasil.

Nas conversações que esse encontro possibilitou foram tratados problemas de interesse comum, incluindo a situação na África Austral. (Anop)

Forma partido? "O futuro o dirá"

NOVA IORQUE, 19 (do nosso enviado especial, Eugénio Alves) — No encontro que manteve na universidade desta cidade com jornalistas da comunidade portuguesa, Eanes referiu-se uma vez mais à aliança com os Estados Unidos. «Somos aliados mas não seguidistas dos Estados Unidos», frisou o Presidente. Momentos antes Eanes falara de compromissos mútuos, e de «interesses comuns» dos dois Estados, expressões, na verdade, mais ajustadas à prática habitual do Governo português face aos EUA. Pratica no mínimo contraditória com uma mera declaração presidencial de não seguidismo.

Certo que, relativamente à África, Lisboa tem mantido até ao momento alguma distância e tem defendido soluções que não agradam basicamente aos actuais responsáveis do Pentágono e da Casa Branca. E no futuro?

Sentado ao lado direito de Eanes, Jaime Gama foi convidado pelo Presidente a dizer algo mais sobre a questão da aliança. O ministro que tem revelado nesta visita uma inesperada capacidade diplomática de relacionação com o Presidente e com os jornalistas — hesitou um pouco. Depois adiantou-se para o microfone e invocou de novo a situação geoestratégica do país e o crescente «poderio militar soviético» para justificar esse tipo de aliança, embora acrescentando, em sintonia com Eanes, que tal não significa que «em cada ponto específico tenhamos os mesmos pontos de vista dos Estados Unidos».

Mas tudo isto são palavras. E se foi possível convencer Washington de que a utilização das Lajes deve ser independente da base de Beja (pelo menos em termos de dólares a pagar) não será fácil noutra fase das conversações ou em situações concretas, negar aos EUA a passagem e estacionamento na capital do Baixo Alentejo de homens e armas para certas missões no Médio Oriente.

Nessa altura, que dirão os países produtores de petróleo e mesmo outros do Terceiro Mundo ou até da CEE, histórica e economicamente mais próximos de nós? Isto para não falar do que irá pensar e fazer a população portuguesa, naturalmente pacífica e amante da paz como publicamente o admitem os nossos próprios governantes...

Nos bastidores da comitiva comenta-se que essa utilização da base de Beja, poderá, por exemplo, ser um dos preços do auxílio económico dos EUA — via Lisboa — à África de expressão portuguesa. Aceitará essa Africa, politicamente, um tal preço?

Um partido?

O encontro com emigrantes (cerca de dois mil) foi interessante e emotivo. Eanes falou quase de improviso e citou Torga para sublinhar que os portugueses ausentes do país «são Portugal, em qualquer ponto do mundo onde se encontrem». «O português — disse o PR — sabe que apenas uma oportunidade lhe foi dada na vida: a de ser português». Depois, durante o convívio (afectado de início pela brutalidade da segurança norte-americana), Eanes conversou, abraçou e estreitou as mãos de muitos desses compatriotas ansiosos pelo contacto próximo com o principal dirigente português.

«Eu cá não sei de que partido ele é. Sei que é o Presidente de todos nós e até me vieram as lágrimas aos olhos quando ele disse para cantarmos o Hino Nacional», — ouvi a um deles, natural de Celorico da Beira e vindo de Boston onde se encontra radicado há 15 anos.

E por falar de partidos, um dos jornalistas luso-americano perguntou a Eanes se era verdade que ele pensava formar um partido após terminar o seu mandato. «O futuro a Deus pertence. Estou no mundo dos homens. Ainda não tive oportunidade de conversar com Deus sobre isso...» — respondeu, sorridente e malicioso, o general, que ontem jantou com Alexander Haig, outro ex-político em fase empresarial (como Carlucci), mas não distraído do futuro da Casa Branca... E doutros futuros.

Tio Sam esqueceu?

Antes de vir debitar este breve telex num dos muitos arranha-céus junto da Wall Street e das belas pontes de Brooklyn e Manhattam, passei com o Silas de Oliveira pela Greenwich Village (um imenso Quartier Latin). Percorremos velhas ruas de pintores e músicos que vivem há noite, vimos pequenos bares nas caves de trânquilas casas, ouvimos jazz e acabámos numa taberna de «country music» a escutar o som que há duzentos anos gerou este incrível país. Nova Iorque deprime e fascina. Os «arranhas» que quase tocam a Lua à noite, assustam de dia. A velha Greenwich Village das mil e uma raças comove-nos. Vem-nos à memória o Vietname, El Salvador, Chile, Nicarágua, Líbano. Tio Sam esqueceu a sua primeira história?

Não houve louça partida...

...e a minoria pariu um rato

Conselho Nacional do PSD morno mas unânime: "ele é o líder!"...

Mota Pinto cilindra veleidades de sucessão

«Vai haver louça partida no Conselho Nacional do PSD!» A informação, com origem em várias fontes, não se revelou exacta. Sábado, no Porto, Mota Pinto viu reforçada, sem calor nem dramatismo, a sua liderança. António Capucho, o homem forte a «abater», sofreu críticas — umas frontais, outras não —, mas não arredou pé. Até se permitiu conceder cinco minutos do seu tempo para que um opositor o continuasse a torpedear forte e feio. Num PSD instalado no desencanto, de certo modo desactivado, as grandes manobras foram adiadas para o Congresso.

Mas até lá, há que tomar iniciativas. O PSD toma-as ao enviar um recado a Mário Soares: a seu tempo, apresentaremos um candidato a Belém, «social-democrata e para vencer».

Várias lamparinas estavam colocadas debaixo do caldeirão que poderia vir a constituir o Conselho Nacional do PSD. Entre elas, o problema das presidenciais tão badalado no interior do partido depois da entrevista de António Capucho à revista «ABC»; a subalternização do PSD no seio da actual coligação; a sucessão de Vítor Crespo, ainda presidente da Comissão Permanente da Comissão Política; e, finalmente, a política económica seguida por um governo de que o PSD faz parte.

Lamparinas eram, lamparinas ficaram. Nenhuma delas conseguiu transformar-se em archote ou em fogueira que aquecesse a sério o pendor morno dos debates.

O perigo da ditadura

A atitude de Mota Pinto, logo no início dos trabalhos, não é estranha à ambiência que marcou a reunião dos conselheiros. Consciente da ameaça brandida por várias sensibilidades, que se preparavam para criticar o Governo e as medidas de austeridade recentemente tomadas, Mota Pinto resolveu «pegar o boi» pelos ditos.

Num discurso de mais de uma hora — «um dos mais brilhantes que lhe ouvimos fazer...», comentavam certos conselheiros —, Mota Pinto fez uma defesa enérgica do executivo e descreveu o quadro actual da situação económica portuguesa. «O estado em que a nossa economia se encontra, disse em substância, obriga-nos a tomar essas medidas de austeridade.»

No final da intervenção, Mota Pinto quis revesti-la de maior autenticidade. Por isso, e no seguimento de uma táctica preestabelecida, chamou à mesa o secretário de Estado do Tesouro, Alípio de Melo, que assistia aos trabalhos do conselho na qualidade de observador.

Alípio de Melo não se escusou à tarefa. Apoiando-se em números e em situações, pintou o quadro negro de uma economia que, a não sofrer tratamento de choque, «pode abrir caminhos à ditadura».

A parte económica continuaria ainda na ordem do dia através da intervençção de João Salgueiro que, num discurso por vezes crítico, mas sempre com o timbre da crítica construtiva, alertou os presentes para os perigos da terapêutica de saneamento económico adoptada pelo bloco central.

Seguindo as pisadas de Mota Pinto e de Alípio de Melo, também João Salgueiro apontou os perigos de uma saída anti-democrática.

Depois dos «especialistas» na área económica, cabia a vez dos conselheiros entrarem no debate.

Privados de alguns dos seus pares — Balsemão, Helena Roseta, Luís Fontoura, Meneres Pimentel, Viana Baptista, Mota Amaral, Nascimento Rodrigues e alguns outros que não se deslocaram ao Porto —, os membros do Conselho Nacional do PSD concentravam as suas atenções em alguns «tenores» com, aparentemente, algo para dizer. Entre estes, os socioprofissionais, a «minoria» do partido — Marcelo Rebelo de Sousa, Pedro Santana Lopes e Conceição Monteiro —, e o eterno Ângelo Correia.

Um alvo chamado António Capucho

As expectativas não foram defraudadas. No uso da palavra, Pedro Santana Lopes dava início às hostilidades ao fazer críticas contundentes ao secretário-geral António Capucho. Em causa, e segundo os termos da moção por si assinada e por Conceição Monteiro, as declarações de um homem cujo cargo «tem vindo a ganhar uma crescente expressão política».

Acusando Capucho de ter dado uma entrevista «deslocada no tempo por prematura» e onde «aceitou quase como inevitável a vitória do candidato socialista», Pedro Santana Lopes alertava os presentes: «o silêncio do Conselho Nacional sobre esta questão representaria um assentimento tácito à verosimilhança da interpretação».

Simultaneamente, propunha que o Conselho reafirmasse «a personalidade própria do PSD»; considerasse «prematuras e indesejáveis quaisquer tomadas de posição públicas do PSD acerca das presidenciais de 1985, para além das deliberações de Montechoro»; julgasse as declarações de Capucho à «ABC» como «não representativas da posição do partido».

Mota Pinto: o líder...

Os dados estavam lançados. E de tal modo bem lançados que a «minoria», que entrara no Conselho em ambiente bastante hostil — Marcelo Rebelo de Sousa que o diga: almoçou sozinho numa mesa de quatro e ouviu «algumas bocas...» —, obteria no final dos trabalhos uma pequena vitória e ver-se-ia ao longo deles por vezes bem acompanhado.

De realçar que na sua intervenção Santana Lopes, bem como os restantes oradores, nunca puseram em causa a liderança de Mota Pinto. Antes pelo contrário: Pedro Santana Lopes iria ao ponto de afirmar que Mota Pinto se «devia mostrar mais».

Os oradores iam-se sucedendo na mesa. João Jardim, o sempre imprevisível líder regional da Madeira, aprovaria a acção governamental; outros faziam críticas pontuais mas não regateavam apoio ao Governo e ao vice-primeiro-ministro Mota Pinto.

Chegava a vez de Ângelo Correia discursar. O ex-ministro da Administração Interna, a quem certos dirigentes acusam de se estar a distanciar da direcção política, não entrara para a sala do Conselho muito satisfeito. Em declarações ao «DL», mostrara o seu desinteresse pela liderança da Comissão Permanente do PSD, cargo que Vítor Crespo vai abandonar e ao qual, dizia-se, Ângelo Correia era candidato. «Não me interessa exercer cargos onde não há poder, apenas alavancas de outros poderes», afirmava.

Ângelo Correia mostrava ainda pessimismo sobre os resultados da terapêutica de choque que o Governo aplica em matéria de austeridade.

Cinco minutos para Silva Marques

No Conselho Nacional, e sem abordar o problema da sucessão de Vítor Crespo na Comissão Permanente, Ângelo Correia reafirmava o que antes declarara nos bastidores.

E iria mais longe ao mostrar o seu receio por uma possível «subalternização do PSD no seio da coligação». Embora não desejando «confrontos com o PS», Ângelo Correia defenderia «uma maior afirmação no Governo por parte dos ministros do PSD».

Colocando-se, à imagem da maioria esmagadora dos conselheiros, ao lado de Mota Pinto, Ângelo Correia alerta então o partido para os riscos que o PSD corrre quando vê o PS «invadir o espaço da social-democracia».

O ritmo morno dos trabalhos sofria por vezes alterações. Casos de Silva Marques que, sempre a propósito das declarações de Capucho à «ABC», desferia setas aceradas contra o secretário-geral. De tal modo, que a sua intervenção chegaria ao fim sem que se esgotasse o rosário de recriminações que Silva Marques tinha a fazer a António Capucho. Este, «grand seigneur», levantava-se e dizia-lhe em substância: «Acabe-as, acabe-as, dou-lhe cinco minutos do meu tempo...»

Rui Oliveira e Costa seria igualmente autor de uma intervenção «muito forte» ao descrever «uma situação nunca vista em Portugal» — a situação reinante na Comunicação Social. Atacando a política do Governo nesta matéria, Rui Oliveira e Costa perguntaria, sem obter resposta, quem era o responsável no PSD por essa política. A resposta obtê-la-ia o «DL», em «off-record», da boca de um alto dirigente do PSD: «O responsável é o Ângelo Correia.»

Garcia dos Santos veio «à baila»

Perto do final dos trabalhos do primeiro dos dois dias previstos para realização do Conselho Nacional — que afinal só durou um dia... —, a animação reinou. Primeiro com a intervenção, qualificada de «brilhante» por vários conselheiros —, do «minoritário» Marcelo Rebelo de Sousa.

Em dez pontos — talvez fossem mais... —, MRS não pouparia o Governo, a direcção política do partido e, sobretudo, o seu secretário-geral. Não tocando também na pessoa de Mota Pinto — directamente pelo menos já que Mota Pinto faz parte da direcção política do PSD... —, MRS focava não só o aspecto da «subalternização» social-democrata, como também a «inoperância» do Executivo que não fora capaz de impor a demissão do general Garcia dos Santos. Nas suas palavras, António Capucho desrespeitara as decisões de Montechoro e lançara a confusão no seio dos militantes.

Estavam os trabalhos a chegar ao fim quando Mota Pinto apresenta uma moção que, no entender da linha Marcelo/Santana Lopes/Conceição Monteiro, constituía uma vitória para as suas posições. Mota Pinto propunha e via aprovada a ideia de que «as conclusões de Montechoro, onde se explicita a necessidade de uma candidatura própria do PSD às presidenciais» deviam ser reafirmadas. Simultaneamente, sublinhava que «a identidade própria do PSD deve ser feita com maior ênfase» e que «a candidatura própria do PSD às presidenciais deve ser obviamente entendida como a apresentação de um candidato, com capacidade para vencer».

Os críticos exultavam. Para eles, Mota Pinto dava-lhes razão e de par, punha em causa as declarações de António Capucho. Magra vitória mas grande vingança na pessoa acusada de «ambição desmesurada».

O Conselho acabava. Sem grandes ondas, sem grandes querelas, os conselheiros, numa unanimidade talvez doentia, tinham dado o seu aval à liderança de Mota Pinto. Ao professor de Coimbra não foram necessárias as declarações de Barbosa de Melo — «acabe-se com o interregno (interregno igual a troika?), afirme a sua liderança» —, para saber que ela era momentaneamente efectiva. Já o sabia quando, no início do Conselho, pegou o «boi pelos cornos». Por isso, o «recado» que envia a Mário Soares surge, depois do Conselho Nacional, com impacto respeitável: «vamos apresentar um candidato para vencer...»

Manuel Anta

Em datas diferentes

Soares, Pinto e Lopes visitam a Madeira

Jardim fala da "formiga branca", dos órgãos do PSD e de coligações na ilha

Separadamente, os Primeiro-Ministro, Vice-Primeiro-Ministro e ministro das Finanças têm programadas viagens à Madeira.

Soares parte para lá já na próxima sexta-feira; Ernâni Lopes visitará a ilha de 23 a 25 de Outubro; e Mota Pinto a 7 e 8 de Novembro, embora chegue dois dias antes ao Funchal para participar nos trabalhos do IV Congresso Regional do PSD madeirense.

De acordo com a ANOP, em despachos provenientes do Funchal, Ernâni Lopes chefiará a delegação portuguesa presente na reunião da Comissão Mista Luso-Norueguesa que abordará naquela cidade questões relacionadas com a cooperação entre os dois países.

No caso da Madeira a Noruega comparticipa com 250 milhões de escudos na construção do novo entreposto frigorífico e na nova lota do Funchal, empreendimento orçado em 500 mil contos. Na referida reunião deverão ser analisadas algumas propostas visando a obtenção de financiamentos noutros sectores, nomeadamente o energético.

Quanto a Mota Pinto: irá discutir, no Funchal, em reuniões que manterá com João Jardim e outros membros do executivo regional, questões relacionadas com o Ministério da Defesa, nomeadamente a possibilidade de vir a ser encontrada uma solução para alguns aspectos ainda pendentes e que se prendem com os interesses da NATO em Porto Santo.

Da formiga branca aos órfãos do PSD

Em entrevista ao centro regional da RDP/Madeira, João Jardim disse que as relações entre os executivos da República e o regional «têm sido as melhores».

No entanto, o diabo é que, segundo J. Jardim, «se começa também a verificar neste Governo o que era uma constataão nos anteriores, ou seja, a existência de *uma formiga branca* que mais não é do que máquinas burocráticas nos vários ministérios que muitas vezes emperram as resoluções dos problemas».

Sobre a situação interna do PSD o dirigente madeirense sublinhou que os sociais-democratas após a morte de Sá Carneiro têm estado «órfãos de liderança».

«Fez-se a tentativa de Pinto Balsemão que foi o falhanço que todos conhecemos e está-se agora a fazer a tentativa Mota Pinto que espero venha a vingar» – adiantou.

A propósito do IV Congresso Regional do PSD da Madeira, que se realizará nos primeiros dias de Novembro, Jardim diz que «não se verificou nunca a existência de qualquer tipo de sensibilidades constituídas de oposição à orientação que vem sendo adoptada».

O presidente do Governo Regional defendeu a manutenção da política de contactos permanentes» com as comunidades de emigrantes no estrangeiro e que tem vindo a proporcionar «a obtenção de alguns bons resultados».

«Isso implica, a meu ver, uma ausência regular do Presidente do Governo, pelo que considero que é a altura de se pensar na existência de um vice-presidente do governo regional».

Jardim fará portanto o sacrifício de viajar regularmente e no PSD regional está toda a gente já a pensar – chegou a altura – na existência de um vice.

Coligações

Interrogado sobre a possibilidade de serem constituídas na Madeira coligações políticas o dirigente madeirense referiu que «se o PSD não se apresentar às eleições regionais de 84 coligado e obtiver vitória absoluta, governará sozinho para não trair a vontade do eleitorado».

Sublinhando que os órgãos do partido «ainda não se pronunciaram sobre esta matéria» Jardim considerou que «a manter-se no Continente o bloco central e se na Madeira o PSD não obtiver maioria absoluta, é natural que também se venha a optar pela coligação com o PS».

«Outra alternativa que se coloca é a possibilidade de vir a ser constituída, antes da realização das eleições regionais, uma coligação e nesse caso seria ela a governar se obtivesse a maioria absoluta» – concluiu.

CDS quer nova revisão constitucional e negoceia com 'partidos democráticos'

O CDS quer mais uma revisão constitucional e a sua comissão política recomendou ontem ao respectivo grupo parlamentar a apresentação de um projecto de revisão da parte económica da Constituição. Tal facto, nos termos de um comunicado final da reunião da comissão política daquele partido, deverá ocorrer após os contactos que Lucas Pires mantém actualmente com «os restantes partidos democráticos no sentido de viabilizar a aprovação do projecto», considerado pelo CDS como «instrumento fundamental para a recuperação económica».

Na reunião foi eleito para o cargo de secretário-geral adjunto João Abrunhosa.

Entretanto, Nuno Abecasis, que na Câmara Municipal de Lisboa tem vindo a encontrar dificuldades para continuar com os seus métodos de gestão caracterizados por decisões tomadas frequentemente à revelia dos restantes elementos da vereação, recebeu «apoio político total» da comissão política do seu partido, no momento em que, ainda segundo o mesmo comunicado, «a aliança PS/PC desenvolve naquela autarquia um persistente boicote», que na opinião da direcção política do CDS «torna-se responsável pelos prejuízos que a população de Lisboa está já a sofrer».

O objectivo central da reunião da comissão política do CDS era todavia analisar «variados problemas que se levantaram na actual situação económica e social do País, tendo sido anunciada para a amanhã a apresentação de um documento sobre as «Cem medidas» prometidas pelo PS, texto que nas suas linhas gerais foi já aprovado.

Segundo Carvalho Cardoso, que expôs à comissão política «a grave situação em que se encontra a agricultura», o Governo quase nada fez até agora de concreto para promover o aumento das produções e da produtividade agrícola, «contrabalançando o desânimo e a descrença dos agricultores decorrente do brutal aumento do custo dos adubos, das rações, do gasóleo, das taxas de juro e de todos os outros factores de produção.

Neste âmbito a comissão política do CDS anunciou também que vai requerer ao seu grupo parlamentar que interrogue o Governo sobre a situação no domínio da agricultura, ao mesmo tempo que revelou a intenção de oportunamente, apresentar na Assembleia da República projectos de lei relativos a questões agrícolas.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS MÉDICOS DE CLÍNICA GERAL

Certifico, narrativamente, que, por escritura de 27 de Maio de 1983, lavrada a fls. 74 e seguintes do livro n.º 15-J das notas do 22.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Maria Helena Santa Rita Rebelo da Silva, foi constituída a associação denominada Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral, com sede provisória em Lisboa, na Rua Particular à Rua de Campo de Ourique, 3, cave, direito, na freguesia do Santo Condestável, por tempo indeterminado e abrangendo todo o espaço português.

A Associação tem fins científicos, culturais e sociais, de aperfeiçoamento organizativo, técnico, ético e humano da prática médica da clínica geral.

Podem adquirir a qualidade de associados todos os médicos portugueses da carreira médica da clínica geral ou que exerçam clínica geral como actividade médica principal.

A admissão ao estado de associado depende da aprovação da direcção, sob proposta apresentada pelo candidato.

Da decisão da direcção caberá recurso para a assembleia geral a apresentar por um associado no pleno gozo dos seus direitos associativos.

O não cumprimento das disposições que regem a vida da Associação implica a cominação de sanções a fixar em regulamento.

A suspensão por período superior a 6 meses ou a expulsão são da competência exclusiva da assembleia geral.

O mandato de todos os órgãos eleitos da Associação é de 2 anos, prorrogáveis, podendo ser exonerados antes desse prazo por dois terços de votos do órgão que elegeu.

A dissolução ou prorrogação da Associação requer o voto favorável de três quartos do número total de associados.

Está conforme.

22.º Cartório Notarial de Lisboa, 1 de Junho de 1983.

A Terceira-Ajudante,
Maria de Fátima M. G. de Sousa N. Lourenço
4-0-2522

Secretariado Provisório
Apartado 109
2302 TOMAR CODEX

Moção contra a Indonésia

Pouco interesse dos países de expressão portuguesa

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, afirmou ontem, em Nova Iorque, que abordará a questão de Timor no discurso que vai proferir na Assembleia Geral da ONU no dia 26.

Timor teria sido, aliás, uma das questões abordadas pelo ministro português na troca de informações que teve com os embaixadores de língua portuguesa, incluindo o Brasil, no jantar realizado no sábado, na residência do secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar.

Parece que nenhum dos países desse grupo está interessado em apresentar o projecto de moção condenando a Indonésia, embora devendo estar conscientes dos riscos de uma votação desfavorável.

A situação actual em que permanece de pé a resolução de 1982 é considerada favorável.

O assunto será, no entanto, examinado tanto pela Comissão dos Direitos Humanos, como pela Comissão de Autodeterminação da ONU, no âmbito das quais se deverá, por enquanto, circunscrever a acção diplomática dos países de língua portuguesa sobre a questão de Timor.

comunicação social

SJ contra obstrução na Base das Lajes

O Sindicato dos Jornalistas enviou telegramas de protesto ao embaixador dos Estados Unidos e ao comandante da Base das Lajes a propósito de incidentes ocorridos naquela base com jornalistas portugueses.

O SJ considera inaceitável que jornalistas portugueses a trabalhar em território nacional sejam impedidos de exercer a sua profissão por entidades americanas e até preteridos em relação a jornalistas americanos».

Os jornalistas portugueses foram impedidos de entrevistar o vice-presidente do Estados Unidos, George Bush, que no domingo passado do mês corrente, dia 11, fez escala na Base das Lajes. O Sindicato salienta não ser a primeira vez que incidentes deste género ali acontecem.

O Sindicato dos jornalistas comunicou oficialmente o caso ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, solicitando que tome medidas para que tais situações não se repitam no futuro.

Assembleia (amanhã) de jornalistas

A Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas reúne-se, em sessão extraordinária, amanhã, terça-feira, dia 20 de Setembro, às 20 e 30, na sede do Sindicato, com a seguinte ordem de trabalhos:

Análise da situação existente no sector público da comunicação social: medidas a tomar.

Na delegação do norte, a assembleia funcionará à mesma hora e com a mesma ordem de trabalhos.

Como é dos estatutos, não havendo número legal de sócios à hora indicada, a assembleia funcionará uma hora depois com o número de presenças estatutariamente estabelecido.

Mudanças na RTP

Os responsáveis da «Grande Reportagem», uma vez extinto o programa, vão ficar sob a dependência directa de Hélder Freire, jornalista do PSD nomeado para a chefia dos «programas de informação não diários».

O mesmo acontecerá ao programa «Primeira Página», apresentado por Margarida Marante, o qual passará a ser controlado directamente pelo mesmo Hélder Freire.

José Manuel Barata Feio, o actual responsável pela «Grande Reportagem», foi encarregado pela administração de pesquisar entre os arquivos da RTP material destinado à elaboração de uma série *histórica* sobre o último quarto de século.

Constam estas informações da última edição do «Expresso» (sábado passado), e ditas da responsabilidade de membros da administração da Radiotelevisão Portuguesa.

Um «não», no entanto: Miguel Sousa Tavares, chefe de Redacção do Departamento, teria recusado a proposta que lhe foi feita de apresentar um novo programa intitulado «Panorama». Vai dirigi-lo Carlos Blanco, e segundo aquele semanário, «destina-se a escoar material que a RTP tem em «stock» há vários anos.»

Entretanto, na sequência de críticas de vários sectores à actual informação televisiva, cujos responsáveis directos foram nomeados pelo PS e PSD, o presidente da Administração da RTP, Palma Ferreira, decidiu encarregar-se pessoalmente do pelouro, retirando-o a Cerqueira Correia.

Escola de Jornalismo em Bragança a partir de Outubro

Bragança vai ter uma escola de Comunicação Social que funcionará a partir de Outubro no Seminário de S. José — disse à ANOP um porta-voz do Gabinete de Imprensa do Paço Episcopal.

O curso de formação de futuros jornalistas (iniciativa que pertence aos bispo da diocese de Bragança-Miranda) terá a duração de três anos.

Nele serão ministrados, logo no primeiro ano, disciplinas técnicas relacionadas com a Imprensa, Rádio, Televisão, Cinema e com temas éticos e pastorais.

Além dos alunos matriculados no Seminário de S. José, o Centro de Iniciação ao Jornalismo admitirá a inscrição de quaisquer alunos externos que desejem frequentá-lo.

As razões fundamentais que estão na base desta iniciativa, «são o fundamento em que se encontra Bragança dos grandes centros urbanos e o reconhecimento de que os meios de comunicação social são os melhores instrumentos para a difusão da cultura e para a promoção do desenvolvimento e da formação humana e política do homem» — declarou a mesma fonte, citando o bispo de Bragança-Miranda.

D. António José Rafael pensa também que a Igreja deve estar atenta ao evoluir destes fenómenos que tanta importância têm para a juventude.

"Notícias de Évora" — 80 anos na rua

O matutino «Notícias de Évora», dirigido por Carlos Pedrosa Reis, entrou recentemente no octogésimo terceiro ano de publicação.

Em editorial, é feito o balanço da longa vida do periódico considerada positiva, não esquecendo contudo «mais um ano de trabalho e canseiras, alegrias e tristezas incompreensíveis e até algumas injustiças».

Referindo-se às dificuldades que o jornal atravessa, o editorialista afirma que «não é fácil realizar tal compromisso diariamente ao longo de 83 anos» — e que a última palavra em relação à continuidade da publicação pertence aos colaboradores, assinantes e leitores em geral.

Por último, o editorial refere que o «Notícias de Évora» é um jornal «independente de qualquer força política ou económica, não estando por isso mesmo vinculado a quaisquer pressões, sejam elas de Governos, partidos ou de outros grupos estatais ou privados».

Divergências na Guarda são apenas um exemplo

Taxa de mil escudos para ir a espanha não é assunto pacífico entre a maioria

O «bloco central» não se entende sobre a futura aplicação (ou não) da taxa de mil escudos aos milhares de portugueses que diariamente atravessam a raia fronteiriça com a Espanha e que, se forem acompanhados de um filho, menor, poderão vir a desembolsar milhar e meio de escudos. Esses que hoje vão a Espanha duas e três vezes – e também os que cruzam a fronteira diariamente apenas para «respirar outro ar» – terão de contentar-se em fazê-lo, caso a medida avance, uma vez por semana, se o objectivo é fazer compras. E compensa.

Por mais de uma vez a «maior das maiorias» tem divergido ao seu mais alto nível. Não espanta, pois, que agora, no caso da ida a Espanha, por uma horas ou por mais dias, haja entre elementos do PS e do PSD «conflito», como o verificado em declarações proferidas na Guarda pelo presidente da Câmara, Abílio Curto, e o vereador do PSD, Valério do Couto.

Mas em Espanha ninguém acredita, e muito menos a população fronteiriça, que a medida venha a ser concretizada. No entanto, andam todos preocupados. E não estão só, porque também a população da raia portuguesa que vai muitas vezes a Espanha comprar a carne que nos falta ou os medicamentos que escasseiam deste lado, vivem sob o mesmo pesadelo e receiam a ameaça. Mas acreditam em excepções, se essa vier a se a regra. Entretanto, os «alcaides» (presidentes) das câmaras municipais espanholas na fronteira com Portugal querem saber como é, o que se prepara em Portugal. Daí a visita que o presidente do «ayuntamiento» de Ayamonte, do outro lado do Guadiana, frente a Vila Real de Santo António, fez há dias aos Paços deste último concelho.

Francisco Gomes encontrou-se em Vila Real com o presidente substituto do Município, uma vez que Alfredo Graça está de férias, e pouco levou na sua bagagem para Espanha. Não há ainda um texto oficial e ninguém conhece os termos fundamentais da proposta que o Governo poderá submeter à votação da Assembleia da República. Mas em certos meios a iniciativa é considerada inconstitucional. A ser posta em prática poderia render, como já aqui referimos, cerca de seis milhões de contos por ano – caso os portugueses insistissem em deslocar-se a Espanha com a assiduidade verificada o ano findo.

As dificuldades no comércio luso-espanhol aumentarão, na hipótese de tal medida vir a ser concretizada, assim como, de resto, o turismo escoado para Portugal, se tivermos em conta o número de entradas (em 1982) de espanhóis e, sobretudo, se também forem abrangidos pela obrigatoriedade de pagaram essa taxa – que parece estender-se a todos os estrangeiros.

Reacções distintas

Abílio Curto afirmou na Guarda que a taxa de mil escudos para a travessia da fronteira não vai afectar as relações entre os dois povos de raia. Como atrás referimos, não é esse o entendimento de um vereador do PSD da Câmara Municipal da Guarda, razão também por que sublinhámos que há divergências no «bloco central» neste aspecto. Entretanto, o ministro do Comércio admitiu que a lei possa vir a ser alterada, na sua recente deslocação ao Algarve. Álvaro Barreto afirmou na ocasião que a proposta poderia ser reponderada antes da sua aprovação final. Voltando à Guarda: instado a pronunciar-se sobre eventuais repercussões da aplicação desta taxa, recentemente decretada pelo Governo, Abílio Curto, também deputado socialista, afirmou não ser um acto isolado: É uma forma de ir ao encontro da política de austeridade – acentuou.

Preconizou, a propósito, o lançamento de taxas que «devam onerar os que vivam em melhores condições financeiras e criar regalias que visem minorar os efeitos dos impostos que afectam as classes mais desfavorecidas».

Depois de classificar aquela deliberação governamental como «um acto nacional» Abílio Curto vincou que estas medidas possibilitariam a distribuição de riqueza», de acordo com os ideais do socialismo democrático e social-democracia».

Celorico da Beira

Presidente da Câmara denuncia falta de apoio do Governo

O presidente da Câmara de Celorico de Beira criticou ontem o Governo por não atribuir verbas para a construção de sedes dos executivos camarários, no decorrer de uma intervenção proferida na sessão inaugural da nova sede dos paços do concelho.

Faria de Almeida protestou ainda contra o pagamento de taxas de juro de 32 por cento sobre empréstimos contraídos pelas autarquias locais, tendo revelado que são necessários 40 mil contos para a implantação de infra-estruturas no concelho de Celorico da Beira.

O novo edifício dos paços do concelho, orçado em 40 mil contos, integra os serviços municipalizados, tesouraria da Fazenda Pública e repartição de Finanças, tendo o Governo comparticipado com apenas 500 contos.

Na mesma ocasião, declarou que iria solicitar à PJ uma investigação a alegadas faltas constantes de um inquérito administrativo executado à sua anterior gestão. Recorde-se que Faria de Almeida foi submetido a um inquérito por determinação do Ministério da Administração Interna do Governo de Pinto Balsemão, no qual eram referidas várias irregularidades.

O facto foi condenado por Faria de Almeida que disse ser o inquérito «tendencioso e incorrecto». Faria de Almeida pretende agora a revisão do processo que, referiu, «foi um inquérito político para atingir fins eleitorais».

Desmentiu rumores segundo os quais iria dimitir-se após a inauguração dos novos paços do concelho. Acusou ainda elementos do Centro Democrático Social (CDS) de estarem a desenvolver localmente uma «guerra psicológica», à sua actividade municipal.

Faria de Almeida cumpre actualmente o terceiro mandato camarário, sendo a câmara constituída por dois elementos do PSD, dois do CDS e um do PS.

Empossado o novo presidente da Câmara Municipal de Guimarães

Na tomada de posse realizada no sábado do novo presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Manuel Ferreira, do Partido Socialista o presidente cessante da Assembleia Municipal, Haendel de Oliveira, eleito pela AD, referiu que o acto a que presidia, encerrava «um capítulo de má memória da história recente do concelho». Numa alusão directa aos acontecimentos de vizela, que com os sucessivos adiamentos das eleições autárquicas impediram a normaléização da vida municipal de Guimarães, Haendel de Oliveira diria ainda «se a chegada a hora de voltar esta páginas negra e aplicar todas as energias na empreitada do desenvolvimento económico-social de Guimarães».

Ao usar da palavra, Manuel Ferreira apontaria, por sua vez, como prioridades de actuação da edilidade o estabelecimento do Plano Director Municipal, maior intervenção no sector dos transportes urbanos, desenvolvimento de políticas de turismo e cultural e, especialmente, o estabelecimento de uma «corrente política de habitação, um dos mais angustiantes problemas locais».

A edilidade empenhar-seá também no prosseguimento da reestruturação dos serviços e no rigoroso controlo orçamental, com dominuição do endividamento actual — afirmou o presidente do Município.

A câmara vimaranense é constituída por quatro vereadores do PS dois do PSD, dois do CDS e um da APU. Quanto à Assembleias Municipal funcionará com 147 representantes das autarquias concelhias.

Navios estrangeiros procuram cemitérios atómicos à sucapa

Navios oceanográficos com a missão de procurar locais destinados a cemitérios de resíduos radioactivos encontram-se nos mares do arquipélago dos Açores, denunciou ontem no Parlamento o deputado social-democrata Vasco Garcia.

Intervindo antes da ordem do dia, aquele deputado revelou que os navios «Jean Charcot» e «Discovery», respectivamente de nacionalidade francesa e inglesa, têm outras missões para além do estudo da bilogia marinha, geologia submarina ou poluição.

Para Vasco Garcia, esses navios, que trabalham para a Agência de Energia Nuclear da OCDE, «andam afinal envolvidos num processo mortal para o Atlântico». A intervenção de Vasco Garcia levou o presidente da comissão de assuntos internacionais da Assembleia adeclarar que o assunto será estudado na próxima reunião da comissão.

Iniciada a ordem de trabalhos a Assembleia aceitou por unanimidade um pedido de urgência do Governo regional, aprovando uma proposta de decreto no sentido de o plano e orçamento da região serem votados de forma integrada em cada ano na sessão legislativa de Novembro.

O plenário aprovou igualmente por unanimidade, como de resto todas as matérias apreciadas, uma proposta de decreto regional sobre venda livre de medicamentos. Os medicamentos abrangidos por este diploma referem-se ao tratamento de síndromas menores que não requeiram cuidados médicos e serão estabelecidos por portaria da Secretaria dos Assuntos Sociais.

Foi aprovada também a proposta de decreto sobre trabalho em tempo parcial, que possibilita ao funcionalismo regional a prática de metade do horário em determinadas condições. O trabalho em tempo parcial, a que corresponde metade do salário, pode ser prestado diariamente de manhã ou de tarde, ou três vezes por semana. Podem requerer este regime de trabalho os funcionários que tenham a ser cargo descendentes menores de 12 anos que precisem de cuidar, enfermos quando acidentados e quando a junta médica o recomendar.

São igualmente beneficiados com o diploma os que sofrem de invalidez não inferior a 75 por cento, e os funcionários que frequentem cursos em qualquer grau de ensino.

Violência na família portuguesa

Maioria dos homens considera 'admissível' bater na mulher

Cerca de 27 por cento dos homens portugueses com mais de 55 anos consideram «admissível» que os maridos batam nas mulheres, mas essa percentagem é de apenas 11 por cento nos jovens até 24 anos de idade, revela um relatório da Comissão da Condição Feminina que integra um estudo encomendado a uma empresa especializada em meados de 1982.

Algumas das questões postas à população maior de 15 anos residentes em Portugal continental foram: «Que pensa sobre os maridos que batem nas mulheres?», «Que pensa sobre as tareias que os pais dão aos filhos?», «Que pensa quanto à forma de actuação da mulher?», e «como deve a mulher agir para responder às agressões do marido?»

Sobre a primeira questão, o relatório concluiu que cerca de 80 por cento dos indivíduos maiores de 15 anos considera que nunca é admissível os maridos baterem nas mulheres, enquanto 16 por cento referiu ser admissível em certas ciscunstâncias e 2 por cento considera «sempre admissível».

Consideram «admissível em certas circunstâncias, fundamentalmente indivíduos residentes no litoral e interior Sul, em localidades de dois mil habitantes, homens de 35 a 44 anos e mais de 55 anos, de estratos socioeconómicos médio, inferior e baixo.

Por outro lado, a análise regional da questão permitiu constatar que os indivíduos que entendem «admissível» (sempre ou em certas circunstâncias) situam-se em maiores percentagens, nas regiões do litoral (22 por cento), do interior Norte (20 por cento) do interior Sul (20 por cento) e em localidades de ambiente rural (menos de dois mil habitantes, ou seja, 22 por cento).

Agressão aceite no interior

Na análise das entrevistas, conforme as idades, constatou-se que para cerca de 27 por cento dos indivíduos com idades superiores a 55 anos, «é admissível (sempre ou em certas circunstâncias) que os maridos batam nas mulheres». Nos grupos tários restantes, as percentagens obtidas são inferiores.

«No entanto – salienta o relatório – no grupo de idades mais jovem – 15 a 24 anos – existem cerca de 11 por cento de indivíduos que entendem ser «admissível os maridos baterem nas mulheres (cerca de três por cento acham mesmo que é uma situação sempre admissível)»

O relatório acrescenta que «é significativamente mais relevante nos homens pertencentes aos estados socioeconpomicos médio inferior e baixo» considerar que os maridos batem nas mulheres.

Salienta-se ainda que cerca de 12 por cento das mulheres portuguesas entende «admissível» que os maridos batam nas mulheres.

Resumindo estes dados, conclui-se que consideram «sempre admissível» bater nas mulheres fundamentalmente indivíduos residentes no litoral e no interior Norte, em localidades de dois mil habitantes, homens de 15-224 anos e 45-54 anos, de estratos socioeconómicos médio, inferior e baixo.

Sobre a segunda pergunta formulada pela CCF, que questiona as «tareias» dadas pelos pais e mães nos filhos, o relatório revela que globalmente, mais de metade (56 por cento) dos indivíduos maiores de 15 anos, entendem «admissível» (sempre ou em certas circunstâncias) que os pais e mães batam nos filhos, cerca de dois por cento entendem ser «sempre admissível», cerca de 42 por cento entendem «nunca admissível» e cerca de dois por cento não se pronunciaram sobre a questão.

Violência sobre filhos

Procurando definir o perfil dos indivíduos que entendem «sempre admissível» que os pais e mães batam nos filhos e os que «admitem», mas em circunstâncias especiais, constata-se que: consideram «sempre admissível» os indivíduos residentes no litoral em localidades de dois mil habitantes, homens de 15 a 34 anos e de 55 a 64 anos, de estractos sócioeconómicos médio, inferior e baixo.

Consideram «admissível», em certas circunstâncias, indivíduos residentes no interior Norte, em localidades de dois mil habitantes, mulheres de 35 a 44 anos e mais de 55 anos, de estratos socioeconómicos médio, inferior e baixo.

Sobre a terceira questão formulada, referente ao que pensa a população sobre a reacção que deve ter a mulher espancada pelo marido, o relatório apontou:

Os resultados globais obtidos indicam que 31 por cento das pessoas entende que a mulher «deve enfrentar o marido», 27 por cento que «deve suportar a agressão», 20 por cento que «deve sair de casa», 14 por cento que «deve queixar-se às autoridades» e dez por cento não respondeu.

Regionalmente, constatou-se que na Grande Lisboa, 18 por cento entende que «deve suportar a agressão», 38 por cento que «deve enfrentar o marido», 28 por cento que «deve sair de casa», 13 por cento que «deve queixar-se às autoridades» e dez por cento não respondeu.

No Grande Porto, 27 por cento respondeu que «deve suportar a agressão», 36 por cento que «deve enfrentar o marido», 14 por cento que «deve sair de casa», 14 por cento que «deve queixar-se às autoridades» e 11 por cento não respondeu.

Mulher deve suportar sevícias

No litoral, 26 por cento considera que «deve suportar a agressão», 25 por cento que «deve enfrentar o marido», 22 por cento que «deve sair de casa», 16 por cento que «deve queixar-se às autoridades» e dez por cento não respondeu.

No interior norte, 34 por cento respondeu que «deve suportar a agressão», 27 por cento que a «deve enfrentar», 15 por cento que «deve sair de casa», 18 por cento que «deve queixar-se às autoridades» e sete por cento não respondeu.

No interior sul, a resposta indica que 29 por cento entende que «deve suportar», 37 por cento que «deve enfrentar», 18 por cento que «deve sair de casa», seis por cento que «deve queixar-se às autoridades» e 11 por cento não respondeu.

«Os indivíduos (homens e mulheres) das regiões da Grande Lisboa, do Grande Porto e do interior sul são, em percentagens mais elevadas, de opinião que «a mulher deve enfrentar o marido quando agredida por este» — conclui o relatório.

E acrescenta que a análise desta questão, por sexo, permite constatar que os homens são, em percentagem mais elevada, de opinião que a mulher quando agredida pelo marido «deve suportar a agressão».

As mulheres são, em maior percentagem, de opinião que na condição referida, devem «enfrentar o marido».

Assim, 28 por cento dos homens contra 25 das mulheres consideram que «a mulher deve suportar a agressão do marido», 25 por cento dos homens contra 36 por cento das mulheres consideram que «a mulher deve enfrentar o marido», 20 por cento dos homens contra 19 por cento das mulheres considera que «a mulher deve sair de casa», 14 por cento dos homens contra 12 por cento das mulheres considera que a mulher «deve queixar-se às autoridades e dez por cento dos homens contra oito por cento das mulheres não deu resposta.

de ontem para hoje

Dia da Guarda Fiscal comemorado com espectáculo no S. Luís

O Dia da Guarda Fiscal irá ser comemorado na próxima quarta-feira, sendo de destacar no programa a realização de um espectáculo no Teatro de S. Luís, com início às 21 horas. O programa será preenchido com um concerto pela Banda da Guarda Fiscal, dirigida pelo capitão Sílvio Pleno, e com a actuação do Grupo Coral do Batalhão n.º 2 da corporação, orientado pelo cabo Fabião Machado, com cantares alentejanos e canções populares portuguesas e espanholas. O Corpo da Guarda Fiscal foi criado em 1885. A partir do 25 de Abril de 1974 à GF foi atribuída a missão de controlar o movimento de passageiros nas fronteiras terrestres. marítimas e aéreas. Em 1982 a GF apreendeu cerca de um milhão de contos de produtos em infracção fiscal.

«Sud-Expresso» trucida reformado

Um homem de 51 anos, Fernando Flores Alves, foi trucidado pelo comboio «Sud-Expresso» quando seguia ao longo da via férrea, próximo da estação de Albergaria dos Doze. Fernando Flores, residente em Serradinha, que estaria embriagado, chegou já sem vida ao hospital de Pombal. O «Sud-Expresso» saíra de Santa Apolónia e dirigia-se ao Porto.

«Conto do vigário» em jeito de boleia

O reformado Manuel Alves de Pinho, de 78 anos, residente na freguesia de Louro, Vila Nova de Famalicão, foi despojado de cem contos que acabara de levantar de uma agência da Caixa Geral de Depósitos, em Viatodos, no Porto. O caso passou-se na tarde da última sexta-feira, mas só ontem foi participado na GNR de Barcelos. De acordo com a respectiva queixa, Manuel Alves de Pinho dirigia-se para Viatodos quando lhe surgiu um automobilista a oferecer boleia, ao mesmo tempo que se intitulava «filho do senhor Martins, de Lemenhe», indivíduo que, pelos vistos, era conhecido do septuagenário. Sem duvidar das más intenções do ofertante, Manuel Alves de Pinho resolveu «abrir-se» e dizer ao que ia. Por isso, à saída da CGD, para além do «filho do senhor Martins», o septuagenário era também aguardado por um outro desconhecido. No regresso a casa, Manuel Alves de Pinho viu, então, o novo ocupante do carro apontar-lhe uma arma à cabeça e retirar-lhe os cem contos que havia levantado momentos antes, ao mesmo tempo que era obrigado a sair da viatura sem qualquer explicação. Vá lá que não ficou muito longe de casa...

Electrodomésticos japoneses de contrabando

A Guarda Fiscal aprendeu em Portalegre electrodomésticos de origem japonesa em situação de contrabando que eram transportados numa viatura pertencente a um comerciante daquela cidade. O material era constituido por oito televisões a cores, três videotapes com câmara, quatro compactos, três rádio-gravadores, dois «walkman», 24 rádio-relógios, seis auto-rádios com colunas, dez máquinas de lavar, seis aspiradores, seis batedeiras e outro material, tudo no valor presumível de 1520 contos. Nos termos da lei, foi também apreendida a viatura cujo valor se calcula em mil contos.

Bombeiros ameaçados por quatro cães

Ascendem a cerca de trinta mil contos os prejuízos causados por um incêndio que destruiu parcialmente, na madrugada de ontem, a fábrica de estamparia «Riotêxtil», situada no lugar do Rio, em Nogueira, da Maia. O fogo deve ter começado numa arrecadação onde havia grande quantidade de produtos inflamáveis e, talvez por isso mesmo, propagou-se muito rapidamente a outros sectores daquela unidade fabril. De acordo com uma informação dos bombeiros, «salvaram-se apenas os escritórios e algumas máquinas». A propósito, cabe aqui referir que as quatro corporações de bombeiros que compareceram para combater o sinistro lutaram com sérias dificuldades para entrarem nas instalações fabris, uma vez que as mesmas estavam sob a vigilância de quatro cães que mais pareciam lobos. A «Riotêxtil» tem doze operários que terão os seus postos de trabalho assegurados. Pelo menos, parece ser essa a disposição dos proprietários da empresa que, por sinal, tinham estado nas instalações fabris algumas horas antes de o fogo se manifestar – ao que se julga – devido a um curto-circuito.

Dois incendiários apanhados em flagrante

Dois agricultores Abade e Gonçalves, de 18 e 19 anos respectivamente, foram detidos pela GNR e confessaram ser os autores de vários incêndios nas matas de Aguiar da Beira, a troco de dezoito contos dados por um indivíduo cuja identidade não foi divulgada pelas autoridades. Abade e Gonçalves foram surpreendidos quando se preparavam para atear novo fogo nas matas de Penavesde, desta vez a troco de quarenta contos.

Pescas luso-espanholas

Associação algarvia exige cancelamento de licenças

Os armadores algarvios discordam frontalmente das declarações proferidas por Jaime Gama a uma agência espanhola sobre as pescas, e sobretudo quanto à abertura manifestada pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros a favor da concessão de um maior número de licenças de pesca aos barcos espanhóis na zona entre as doze e as duzentas milhas como contrapartida à total eliminação da pesca espanholadentro as 12 milhas portuguesas.

A ADEPA (Associação de Empresas de Pesca do Algarve) reagiu já as declarações feitas por Jaime Gama à Colpisa, transcritas pelos dezassete principais jornais editados nas capitais de província de Espanha, pronunciando-se a favor do cancelamento desse tipo de licenças. na referida zona. A ADEPA considera ainda «perfeitamente correcta» a decisão do Governo português de não voltar, no futuro, a licenciar barcos espanhóis para a pesca nas águas territoriais (doze milhas).

Recorde-se que Jaime Gama afirmou à Colpisa que as relações entre Portugal e Espanha não devem reduzir-se a uma equação entre pescas e intercâmbios comerciais e, noutro passo, que «a partir de agora, uns e outros estaremos mais interessados em encontrar soluções na área das 200 milhas, do que em procurar sistematicamente a aprovação de planos provisórios».

Imediatamente a seguir, armadores de pesca da Galiza exigiram do director-geral espanhol das Relações Pesqueiras Internacionais a necessidade de se reiniciarem com urgência as negociações de pesca com Portugal, avançando com 26 e 27 do corrente como dias para uma reunião, a nível técnico, entre delegações dos dois países. Mas logo se verificou, junto de fontes portuguesas, que tal anúncio não tinha razão de ser, uma vez que o impasse se mantém e o seu desbloqueamento não está previsto para tão breve. Entretanto, a agência EFE com base em informações recolhidas em diversos meios, desmentiu que estivesse previsto para de hoje a oito dias o recomeço das «conversações pesqueiras».

Interesses nacionais

De novo, para além da abertura manifestada por Jaime Gama para a concessão de licenças a Espanha entre as doze e as duzentas milhas, há também o facto do ministro dos Negócios Estrangeiros ter admitido a formação de sociedades mistas e investimentos conjuntos.

Mas, sobre o essencial das suas declarações, a ADEPA confia que o Governo português «defenderá firmemente os interesses nacionais como lhe compete face às pretensões espanholas», considerando que, «depois de tantos meses de uma posição correcta seria extremamente grave o regresso a uma situação semelhante ou pior que a que vigorou até Dezembro do ano passado».

A ADEPA entende que a eliminação de licenças de pesca a barcos espanhóis na zona das doze milhas não é mais do que uma prática convencionada internacionalmente e uma necessidade de adaptação face à evolução do direito do mar. «Trata-se, assim, de uma adaptação normal que já devia ter sido implementada há mais tempo e que não carece de nenhuma contrapartida do lado português, tanto mais que os barcos portugueses também não pretendem pescar dentro das doze milhas espanholas», realça a ADEPA em comunicado.

Lagostim português

Quanto ao cancelamento de licenças a barcos espanhóis na zona das doze às 200 milhas portuguesas aquela associação algarvia afirma tal ser imperativo nacional, por estas duas razões:

«Em primeiro lugar, porque a atribuição de quotas de pesca no âmbito da adesão de Portugal ao Mercado Comum obriga a que desde já se diminua o esforço de pesca espanhola para as modalidades de pesca onde a frota pesqueira portuguesa se pretende desenvolver. Com a situação que vigorou até 31 de Dezembro de 1982, a Espanha adquiria uma quota de pesca que impediria, de facto, o crescimento da nossa frota, porque se trata de uma zona biologicamente sensível como é o Algarve».

«Em segundo lugar: com a recente atribuição de 36 licenças a embarcações portuguesas para a pesca do lagostim, a par da exustão a que o stock foi submetido pelas embarcações espanholas até 31/12/82, obriga a que, para que se torne viável e rentável esta pesca por embarcações nacionais, seja necessário a eliminação total e imediata da pesca espanhola de lagostim nas nossas águas. A pesca (espanhola) do lagostim português tem, assim, de terminar imediatamente, para ser possível o desenvolvimento da frota pesqueira portuguesa. Caso contrário, a Espanha não só adquiriria, para sempre uma quota de pesca atribuída pela CEE, como continuaria a provocar a exustão completa do lagostim português, que é essencial para o futuro dos pescadores portugueses» – refere a ADEPA.

Proprietário duma garagem do Porto negociava com automóveis roubados

Na sequência da captura há dois meses do comerciante António Nogueira da Silva, de 33 anos, residente em Vila das Aves mas proprietário de uma garagem no Porto, na Rua Antero de Quental, a Polícia Judiciária, através das suas brigadas externas e da 6.ª Secção, conseguiu descobrir um autêntico armazém de viaturas furtadas e destinadas ao tráfico no «mercado negro». O referido armazém situado na Vila das Aves, junto de uma unidade fabril, onde António Nogueira e a sua «rede» desenvolviam a sua actividade marginal, com lucros avaliados em dezenas de milhar de contos.

Para além de muitos automóveis ligeiros, alguns dos quais ainda em fase de «adaptação», os investigadores apreenderam diversos camiões e duas caravanas. Curiosamente, alguns dos veículos apresentavam-se novinhos em folha o que permite concluir que alguns dos automóveis furtados se destinavam a «substituir» outros, eventualmente postos fora de circulação.

A tarefa dos investigadores não foi fácil, já que escasseavam os elementos de prova. Todavia, aconteceu um facto inesperado que veio contribuir para a rápida descoberta do armazém. Facto que o «DL» noticiou há dias, quando um cadastrado — José Maria de Sousa Ribeiro, de 34 anos — logrou à GNR de Guimarães, quando elementos desta força procediam a uma rusga num bar de S. João da Ponte, naquela cidade.

Na fuga precipitada, José Maria deixou ficar o carro — um «VW Jetta-CL» — carregado de armas, munições e outros acessórios próprios para acções delituosas, incluindo a falsificação de veículos. O próprio carro era portador de uma chapa com matrícula falsa.

Rosado Correia promete incentivo à construção civil

Financiamento de 45 mil contos para transportes públicos de Braga

O ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, anunciou ontem em Braga a concepção por parte do Governo de um financiamento de 45 mil contos destinados a valorização económica dos transportes urbanos da capital minhota. Rosado Correia anunciou esta medida no final de uma visita efectuada ao Parque Municipal de Exposições de Braga onde decorrerá até ao próximo domingo a Terceira Exposição de Máquinas e Materiais de Construção («Construnor/83»), certame que inaugurou em representação do Primeiro-Ministro.

O ministro do Equipamento Social, adiantou que o Governo pensa dar a curto prazo um insentivo ao sector da indústria de construção civil com a abertura de um programa de financiamento à habitação social e às cooperativas uma vez que o mesmo sector regista uma carência de 700 mil fogos que é necessário solucionar, acrescentando que neste momento existem 27 mil pedidos de crédito à banca de que se espera o desbloqueamento a breve prazo.

Relativamente à concessão do financiamento aos transportes urbanos de Braga, o ministro considerou que a nível nacional a situação é má, correspondendo à existência de um equipamento envelhecido. Sobre o problema dos maquinistas da CP com processos de despedimento, Rosado Correia disse que o Governo aguarda a deliberação do Supremo Tribunal.

Falta de água em Faro: PS responsabiliza presidente AD

A secção de Faro do Partido Socialista, em comunicado ontem divulgado, responsabilizou o presidente da Câmara local, eleito pela AD, pelas dificuldades que a população do concelho tem vindo a sentir no abastecimento de água, que, por «incúria», não programou obras que tivessem evitado uma tal situação. Refira-se, a propósito, que a falta de água naquele concelho tem vindo a agravar-se nos últimos meses, registando-se cortes frequentes e, em alguns bairros periféricos da cidade de Faro, de que o Bairro de Montenegro é um exemplo, a água não corre nas torneiras há quase quinze dias.

No seu documento o PS pergunta porque razão a Câmara da capital algarvia não foi contemplada com subsídios atribuídos pelo Governo para acudir a situações de emergência, como se verificou com as Câmaras de S. Brás, Castro Marim, Tavira e Albufeira. O PS acusa ainda o presidente da Câmara de manter silêncio sobre posições tomadas em reuniões com o governo civil para discutir o problema, e desafia o executivo a um esclarecimento exacto e pormenorizado da situação, pois, diz, «não basta subir as taxas se a água falta nas torneiras».

Quadros de pintores famosos roubados em Penalva do Castelo

De uma casa solarenga em Penalva do Castelo, o «Solar do Albuquerque», foram roubados no último sábado quadros de pintores famosos (já estão referenciados dois de Pilman e dois de Cornelius Vanensen) a ainda marfins e faqueiros de prata.

O solar é propriedade do eng. José Joaquim de Albuquerque, residente na Praça D. Afonso V, 160, 1º, no Porto, estava confiado a uma governanta e três empregados que só depois do furto, avaliado em milhares de contos, se aperceberam do sucedido, apressando-se então em comunicar o facto à GNR de Penalva do Castelo que, por sua vez, alertou a Polícia Judiciária.

Para penetrarem no solar, que fica situado na Quinta da Insúa, os assaltantes rebentaram os vidros de uma porta virada para o jardim, sem despertarem suspeitas, após o que ficaram com tudo à sua mercê. Apesar dos valores existentes na casa, esta era de fácil acesso e não dispunha de qualquer tipo de alarme.

De referir que os asaltantes tiveram tempo para tudo.

Conferência pelo Direito do Trabalho

Sessão de Lisboa manifestou o propósito de lutar contra a aplicação do "lay-off"

Reunida este fim-de-semana na Voz do Operário, a sessão do distrito de Lisboa da Conferência Nacional pelo Direito ao Trabalho decidiu denunciar e repudiar a política do Governo PS/PSD «que já se revelou inadequada para resolver a crise económica e financeira do País e os problemas sociais dela decorrentes».

A sessão, em que participaram representantes da maioriadas estruturas sindicais do distrito, rejeitou «total e frontalmente» o projecto sobre suspensão ou redução temporária de prestação de trabalho «pelos seus objectivos, pelo seu conteúdo e pelas suas consequências».

Os delegados à Conferência manifestaram ainda a sua «inteira disponibilidade e empenhamento nas formas de luta a desenvolver em várias frentes», designadamente «intensificar a luta nas empresas onde os ataques do Governo e do patronato se fazem já sentir, incentivando a solidariedade dos outros trabalhadores para com os destas empresas, reforçando a unidade de todos».

Registam-se várias intervenções, entre as quais a de Florival Lança, da União dos Sindicatos de Lisboa, que depois de referir a movimentação que se tem verificado em torno da discussão do «lay-off» e a «disposição de luta aí demonstrada», saudou os 13 anos da CGTP/IN que se comemoram no próximo dia 1 de Outubro. «A melhor forma de os comemorarmos – sublinhou – é transformarmos esse dia numa grandiosa jornada de dinamização e esclarecimento para as lutas que se vão seguir».

Exigida resposta aos 22 pontos da CGTP

Activistas da União dos Sindicatos de Évora classificaram o «lay-off» de «Lei dos despedimentos» e aprovaram nesse sentido um parecer, a ser enviado ao Ministério do Trabalho.

Em comunicado distribuído no final de uma reunião, os activistas sindicais afirmam ter sido denunciado, durante o encontro «a utilização dos dinheiros públicos por parte dos agrários, e os reflexos negativos dessa mesma utilização».

O encontro dos activistas sindicais de Évora enquadrou-se na «Conferência Nacional pelo Direito ao Trabalho, contra a suspensão de Contratos, os Despedimentos e o não pagamento de salários».

Na reunião foi ainda aprovada uma moção, na qual se reivindica ao Governo uma «resposta imediata aos 22 pontos da CGTP» e se resolve mandatar o plenário nacional da CGTP-IN a realizar no dia 24, «para decidir formas de luta a adoptar contra a política do Governo Mário Soares/Mota Pinto».

Também o Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Funchal se manifestou contra a proposta de lei sobre a suspensão ou redução temporária da prestação de trabalho.

Em comunicado, aquela estrutura sindical madeirense considera que a referida proposta de diploma «pretende dar satisfação a reivindicações quer do patronato português, quer do capital estrangeiro, que têm vindo a condicionar a aplicação de investimento ou a implementação de projectos no nosso país».

O sindicato sublinha que o Governo de Mário Soares pretende «colocar nas mãos do patronato armas tão poderosas e de efeitos tão nefastos para os trbalhadores que estes se verão privados de direitos essenciais, de uma forma directa ou indirecta».

Acusa o diploma em discussão pública de visar fundamentalmente «desarticular o movimento sindical e afastar as associações sindicais, isolando os trabalhadores nas empresas para os sujeitar a medidas arbitrárias e contrárias aos seus interesses».

A estrutura sindical manifesta o seu «frontal repúdio» do «lay off», a cuja aprovação se oporá por considerar que o diploma também desrespeita direitos e garantias de ordem constitucional, designadamente o direito à retribuição, à contratação colectiva, à actividade sindical nas empresas, bem como atribuições e competências das associações sindicais e das comissões de trabalhadores.

A União dos Sindicatos de Beja (CGTP/IN) que igualmente criticou o projecto governamental, emitiu um comunicado em que adverte que «reforçará a luta pela defesa dos direitos dos trabalhadores», incluindo «a resistência» à aplicação da medida do Governo.

Sector têxtil

Sete mil trabalhadores ameaçados de desemprego

A CGTP-In divulgou dados segundo os quais cinco mil trabalhadores têxteis foram despedidos no primeiro semestre do corrente ano, enquanto outros sete mil se encontram expostos ao mesmo risco.

Os dados fazem parte de um estudo elaborado pela Federação dos Sindicatos Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Couros e Peles de Portugal, com base em elementos colhidos junto das empresas do sector.

O número dos despedimentos verificados no primeiro semestre representa 25 por cento do total dos trabalhadores do sector e em 74 por cento dos casos os despedimentos foram de iniciativa patronal.

Os cerca de sete mil trabalhadores em risco de despedimento fazem parte de 49 empresas em vias de encerramento, 30 das quais estão já total ou parcialmente com problemas financeiros ou abandono da entidade patronal.

A CGTP-In considera que «seria quase certo» que as referidas empresas recorreriam à aplicação do **lay-off**, «se a luta dos trabalhadores não puser termo a este monstruoso projecto».

Pessoal da Gelmar concentra-se amanhã em S. Bento

Os trabalhadores da Gelmar concentram-se amanhã em frente à Prsidência do Conselho de Ministros, em Lisboa, e junto às câmaras municipais da área das outras unidades de produção da empresa.

Esta acção reivindicativa foi decidida por unanimidade em plenário, por mais de 300 ou 400 trabalhadores da empresa em Lisboa e visa o pagamento de salários em atraso (Julho e Agosto) e o afastamento da comissão administrativa da empresa.

Os trabalhadores lutam ainda contra o processo de despedimento colectivo que está em curso e pela viabilização da empresa.

Injecta

Sem salários há mais de três meses, os trabalhadores da fábrica de material eléctrico Injecta, no Porto, decidiram em plenário exigir o pagamento imediato do que lhes é devido. Segundo um porta-voz sindical, «o montante da dívida da entidade patronal atinge os 5500 contos».

«Em reunião recentemente realizada na delegação do Porto do Ministério do Trabalho, quer este organismo, quer a entidade patronal, não deram quaisquer garantias quanto ao pagamento dos salários» — sublinhou o sindicalista.

Se durante o dia de hoje o problema não for solucionado, os trabalhadores poderão adoptar várias formas de luta, entre as quais uma manifestação de rua amanhã.

Novobra

A administração da empresa Materiais Novobra deve aos trabalhadores parte dos salários de Junho e Julho e a totalidade do mês de Agosto e do subsídio de férias.

Os trabalhadores interrogam-se sobre os motivos do atraso e, uma vez que os níveis de produção se mantêm normais, concluem que «a resposta começa a ser clara. Há desígnios, intentos políticos, por detrás de uma crise que, não existindo (na empresa), se pretende criar».

Depois de afirmaram que «a empresa produz, vende, realiza capital» os trabalhadores, em face do não pagamento dos seus salários, põem em dúvida sobre se a administração não estará a preparar-se para aplicar a lei dos despedimentos.

A aventura dos jesuítas

O padre Peter-Hans Koldenbach, holndês, reitor do Instituto Pontifício Oriental, de Roma, foi eleito a semana passada Geral da Ordem dos Jesuítas, substituindo o padre Pedro Arrupa, demissionário. A Ordem religiosa mais conhecida da Igreja Católica (26 mil membros) normalizou assim a sua situação, depois de ter tido na sua dircção um delegado de João Paulo II que desaprovava certas orientações.

Martírio do beato, no Japão, Francisco Pacheco

Mesmo os profanos têm alguma ideia do que são os jesuítas. Os «soldados do Papa». Gente poderosa, rigorosa, ligada à alta burguesia de onde são originários. Inteligentes, sem dúvida, fortes mesmo, mas secretos e bastante retrógrados. «Jesuítas», numa palavra...

Qual é o real valor deste «cliché»? A resposta seria fácil se existisse uma única Companhia de Jesus. Ora a verdade é que nos deparamos com vários grupos, substancialmente diferentes entre si. Se o antigo professor de filosofia, impante de certezas, continua a existir em veneráveis colégios de Espanha ou dos Estados Unidos, há paralelamente o jesuíta-sociólogo francês, o padre-operário do nordeste brasileiro e mesmo aqueles religiosos indianos mendigos voluntários e semigurus... Dispersos geograficamente, diferentes cultural e profissionalmente, os jesuítas já não têm a mesma visão da sociedade.

Atenção, dirão os historiadores: a Companhia nunca foi monolítica. Em quatro séculos e meio de actividade, produziu indivíduos singulares, para não falar, em fenómenos como Teilhard Chardin. Já no século XVII, em Pequim, os jesuítas celebravam missa em chinês.

Isto é exacto. Mas tratava-se, nessa época, de religiosos ocidentais, recém-chegados com a sua cultura e desejosos de a difundir. A diversidade relativa da Companhia era compensada por uma filosofia e por regras uniformizantes. Até data recente, um estudante jesuíta podia formar-se tanto em Beirute como em Munique ou em Sidney. Um «escolástico» indiano aprendia Aristóteles da mesma maneira que os seus homólogos americanos, espanhóis ou holandeses. Mas hoje, não é concebível ser jesuíta em Nova Deli sem conhecer o induísmo como as palmas das próprias mãos. Já não se trata de uma simples adaptação à cultura local: os próprios autóctones tornaram-se jesuítas e afirmam a sua cultura própria.

Diversidade cultural

A Companhia de Jesus tem vindo a retrair-se: menos de 26 mil membros no início deste ano, contra 34 mil e 700 em 1960. O que não a impede de contar ainda com cerca de 400 colégios secundários e 115 estabelecimentos de ensino superior. Mas a geografia mudou. Se os Estados Unidos têm o maior número de jesuítas (5658), é a Índia que se encontra em segundo lugar (3088). Um quarto do total de estudantes jesuítas pertence ao país da senhora Ghandi. A Espanha (2658 membros) perde velocidade, como a Itália (1879) e a França (1114). As nações latinas – com o Quebeque e a Holanda – têm sido as vítimas principais da diminuição das vocações, situação agravada ainda por diversas deserções. Uma só excepção no «velho continente»: a Polónia de João Paulo II.

Os 10 mil jesuítas existentes na Europa exercem ainda um papel dominante na Companhia. Mas o fenómeno terceiro-mundista é irresistível, com uma Ásia em progressão constante (4400 membros), uma América Latina um pouco mais incerta (3700) e uma África que conta ainda com uma minoria de religiosos autóctones (1200). O futuro da Companhia é muito mais promissor na Indonésia onde se contam 164 estudantes para 376 jesuítas, do que em França onde 40 por cento dos efectivos têm mais de 65 anos.

Riqueza indiscutível, esta diversidade cultural não passa sem alguns inconvenientes. À partida, é mais ou menos ultrapassada pela desenvolvimento das comunicações: entre jesuítas dos cinco continentes trocam-se impressões, existe respeito mútuo e aceitação recíproca, mesmo se nem sempre se compreende perfeitamente. Mais graves, porém, são os fossos ideológicos. Certos discípulos de Inácio de Loiola consideram a tradição cristã como uma repetissão do passado. Para outros, contudo, ela traduz-se num processo de invenção permanente. Sucede, desta modo, que num mesmo país haja jesuítas habitando mundos diferentes. Um grupo de conservadores espanhóis chegou mesmo a propor, há alguns anos, a criação de casas «homogéneas» – no fundo, duas Companhias de Jesus –, coisa que lhes foi recusada.

Um elitismo contestado

Apoiando-se na história da Ordem, cada jesuíta pode encontrar o que precisa para defender as suas teses. Há alimento em abundância: da maior audácia ao conservadorismo mais obtuso. Aventura plena de dramas, de lágrimas e mesmo de sangue, porque os jesuítas contam nas suas fileiras com uma longa lista de mártires. Eram somente dez quando Inácio de Loiola, em 1540, obtém o reconhecimento pontifical para a Companhia, tornando-se, no ano seguinte, no primeiro Geral. Cedo os jesuítas partem à conquista do mundo: India, Japão, China...

Plenos de imaginação, chegam a criar um Estado indígena no Paraguai. É então, em 1773, quando já são 23 mil, que Clemente XIV dissolve brutalmente a Companhia. A Ordem de Santo Inácio renascerá vinte e um anos mais tarde com uma nova face: antiliberal, antimodernista e irredutivelmente papista. No meio de grandes polémicas acabarão por ser os seus membros expulsos de França, regressando mais tarde sem contudo se transformarem antes dos anos 40 e sobretudo do Concílio Vaticano II.

Um jesuíta francês de antes da Guerra, que hoje entrasse numa comunidade jesuíta do seu país, ficaria profundamente desorientado. O que o perturbaria em primeiro lugar seria um certo clima: as relações entre padres e entre gerações distenderam-se. Os assuntos das conversas mudaram: o «exército do Papa» já não está em estado de mobilização permanente. Apaixona-se pelo mundo que o cerca em lugar de o rejeitar ou de tentar conquistá-lo.

Este jesuíta aperceber-se-ia com espanto de que as «escolásticas» já não ocupam uma dúzia de anos de estudo. A formação tem hoje lugar preferencialmente na cidade e já não a casa retirada no campo. Em vez de ser meramente intelectual, é agora acompanhada por estágios. Já não se pretende aprender tudo em alguns anos, mas antes dar bases sólidas para uma formação permanente.

Da educação à política

A este visitante deslocado alguém diria que poucos jovens jesuítas se sentem tentados a trabalhar nos colégios da Companhia. Desconfiam do academismo e rejeitam o elitismo. A alfabetização dos imigrantes parece-lhes pelo menos tão importante como a formação de futuros quadros.

Estas modificações nada têm de extraordinário. No fundo, limitam-se a reflectir a evolução da Igreja católica depois do Concílio Vaticano II. Se existe conflito entre a Companhia de Jesus e o Papa, é porque alguns religiosos são acusados de irem demasiado longe e de já se comportarem como jesuítas, pelo menos segundo a concepção do Vaticano.

Suplício de S. Francisco Xavier

O conflito nasceu de um mal entendido. Dos jesuítas esperava-se que aplicassem – e fizessem aplicar – os ensinamentos do Vaticano II com o mesmo zelo e a mesma disciplina que tiveram em relação ao Concílio de Trento. Não pronunciaram todos um voto especial de obdiência ao Papa?

Ora acontece que as circunstâncias haviam-se alterado radicalmente. Depois, em Trento, Concílio em grande parte disciplinar, os jesuítas não passavam de algumas dezenas. Após o Vaticano II, verdadeira revolução das mentalidades, a Companhia contava 30 mil membros. Mais do que «fazer aplicar» esta revolução de contornos incertos, houve que vencer tensões e deixar que alguns dos seus membros levassem demasiado longe a interpretação do Concílio.

O Vaticano II impulsionou os católicos para uma abertura a outras culturas e à solidariedade com os mais desfavorecidos. Numerosos jesuítas deduziram daqui que deviam separar-se dos meios dirigentes e colocar-se ao serviço das classes populares ou dos povos do Terceiro Mundo. Donde uma nova mobilização – pela justiça social – que os tornou mais solidários com as comunidades locais e, por isso mesmo, menos atentos aos objectivos religiosos e universais da Santa Sé.

Esperando que a tempestade passe

Foi na América Latina que o fenómeno mais se acentuou. À força de cortejar as classes desfavorecidas, os jesuítas invadiram o terreno político. Transformaram-se vanguarda da Igreja envolvida, ao contrário dos dominicanos que, salvo no caso do Brasil, foram mais conservadores. Isto criou fortes tensões com algumas hierarquias religiosas locais, como na Colômbia. A América Central foi palco das experiências mais ousadas. Em 1973 o padre Fernando Cardenal fundava em Manágua a Frente dos Estudantes Revolucionários Cristãos. Hoje faz parte da meia dúzia de religiosos que ocupam funções no regime sandinista.

Mas a política não é o único motivo de preocupação para Roma. Aos jesuítas reprova-se-lhes também o facto de darem demasiado espaço, na sua vida quotidiana, ao empenhamento social ou profissional. Tornaram-se homens de acção, em lugar de continuarem a ser padres e religiosos. O jesuíta sociólogo de hoje tem tendência a consagrar o seu tempo à sociologia, enquanto o antigo professor de química, que passava o dia a manejar provetas no laboratório do colégio, vivia no seio da instituição religiosa.

Outro motivo de censura da Cúria Romana: os jesuítas trouxeram para o debate público reflexões erradas ou que pertencem ainda ao campo da pesquisa. Reflexões de natureza moral na revista francesa «Études», por exemplo, ou reflexões de carácter científico em certas publicações americanas. Mesmo a muito oficial «Civvilta Cattolica» publicada em Roma, permitiu-se uma vez ou outra algumas tímidas aberturas.

O padre Arrupe era suspeito, aos olhos do Vaticano, de encobrir estes desvios. Na realidade não encobria nada e, pelo contrário, desaprovava frequentemente. Mas era um verdadeiro liberal, muito sensível às culturas locais, com tendência para confiar nos seus pares. Era um homem de animação, mais do que de direcção. A Companhia deve-lhe muito: o clima de liberdade interna, o desenjoeiramento das instituições e a conservação da unidade.

João Baptista Messari, prisioneiro em Touquins

O golpe de força de João Paulo II não deixou de surtir efeito. Alguns jesuítas tornaram-se mais prudentes no seu comportamento, mantendo contudo intactas as suas convicções. Limitam-se a estar quietos enquanto aguardam que a tempestade passe. Os responsáveis puxaram as rédeas evitando dramatizar. A Ordem já passou por situações semelhantes, mesmo piores. Eles não ignoram que muitos jesuítas estão procurando uma identidade entre a actividade religiosa e o envolvimento social. Mas sabem também que uma definição demasiado estreita desta identidade provocaria a divisão da Companhia. Hoje, a «milícia do Papa» está condenada ao pluralismo. («Le Monde»)

Robert Solé

Trabalhadores clandestinos têm de ir embora

— *repetiu Mitterand*

O presidente francês, François Mitterrand voltou, a semana passada, a repetir que embora os imigrantes tenham que ser respeitados, os clandestinos «deverão ir-se embora de França». Mitterrand fez esta declaração durante o programa televisivo «L'Enjeu».

No que respeita ao problema dos imigrantes, o presidente francês disse que «... é isso, eles (os imigrantes) estão aqui legalmente. Devem beneficiar de todos os direitos dos trabalhadores franceses. Isso quer dizer que eles devem ser respeitados, remunerados, albergados e não serem sujeitos a constantes investigações policiais. É preciso que eles sejam respeitados».

O problema, segundo Mitterrand, são os trabalhadores clandestinos. «O problema que se põe hoje – acentuou – é o dessas dezenas, centenas de milhares de trabalhadores clandestinos. Isso custa-me muito, mas eu tenho deveres. Devo proteger o emprego dos franceses».

«Deve-se também evitar – acrescentou Mitterrand, referindo-se a incidentes racistas – essa espécie de exasperação, porque há muita gente que não pensou bem e reage instintivamente, de qualquer maneira.»

«É preciso que eles compreendam que não compreendemos e não nos coloquemos nas fileiras dos exploradores do pânico. É preciso não levar ao rubro esses sentimentos que são desagradáveis, detestáveis.»

«Mas essa realidade existe – afirmou – logo, os trabalhadores imigrantes clandestinos deverão ir-se embora de França.»

Ted Kennedy: o fim de um sonho

O grande sonho da vida do falecido Joe Kennedy, o patriarca do famoso clã norte-americano, parece estar reduzido a cinzas: o seu único filho vivo, Ted, candidato crónico à Casa Branca após a morte dos seus dois irmãos John e Bob, parece definitivamente afastado da corrida para a liderança da mais poderosa nação ocidental.

Sucessivos escândalos colocaram o último político do clã num declive de popularidade depois do divórcio de Joan Bennet, a única mulher Kennedy que admitiu publicamente ser insuportável a vida naquela família.

«Ted lançou a sua vida privada e política numa tal confusão que agora se torna impossível recuperar as posições que tinha antes. Todos sabem que Ted chegou ao fim da linha» – confirma um íntimo dos Kennedy, acrescentando: «A sua carreira como político é um buraco e ele está consciente disso. Agora, por extraordinário que nos possa parecer, a nós que durante todos estes anos estivemos a seu lado para o ajudarmos no Senado e nas suas campanhas eleitorais, a família e os colaboradores pedem-lhe que se retire enquanto o pode fazer com a cabeça erguida».

Alguns pretendem que a verdadeira razão do afundamento político de Ted não reside tão-só nos escândalos romanescos o nas «gaffes» sociais, mas prende-se também com as péssimas condições físicas do senador: engordou imenso, as mãos tremem-lhe constantemente, bebe em excesso e come de mais.

«O mal vem de trás – conta o amigo íntimo –. Qualquer político pode cometer erros, mas no caso de Ted ele abusou. Hoje já ninguém se lembra das excelentes leis que fez votar no Senado. Em cotrapartida ninguém esquece o caso Chappaquiddick e a forma como os jornais relataram a destruição da sua vida familiar, transformando a mulher um farrapo humano. Ted mergulhou a sua vida num lamaçal. Nenhum político que tenha ambições se pode dar a esse luxo.»

Aparentemente, é tarde para realizar a velha ambição Kennedy: o poder está cada vez mais distante.

«O seu único apoio são os filhos –, explica a irmã de Ted, Pat Lawford –. São maravilhosos e aprenderam a aceitar o pai tal como é, sem reservas nem críticas. Só há um ponto onde estão contra ele, a forma como Ted conduziu a sua vida em relação à mãe.»

A grande luta actual de Ted já não é por votos, mas pela tutela dos filhos. Joan divorciou-se, um acto que nenhuma outra Kennedy ousara cometer antes. Após uma grave crise de alcoolismo, do qual ela se recompôs ao cabo de meses de tratamentos, Joan Bennet encontrou coragem para abandonar o clã, única forma de se recompor do estado depressivo em que se encontrava. Mas a separação não foi amistosa: entre Ted e Joan as diferenças são tão profundas que nunca se falam, comunicando apenas através dos filhos. Para Ted, a separação teve custos mais altos do que para Joan: enquanto ela se recompôs, ele afundou-se.

O «Boston Globe», que publicou recentemente um artigo sobre a despedida de Kennedy da vida política, foi criticado pelo senador que contrapôs que não pensa abandonar a sua carreira. Mas íntimos de Ted garantem que a saída é inevitável, «a única alternativa que lhe resta» afirmam.

O trabalho clandestino em período de crise

É um bem ou uma calamidade? Deve ser suprimido, tolerado ou ignorado? O «trabalho negro» ou «trabalho clandestino», pouco importam os títulos, tem partidários e adversários.

Fenómeno multiforme do qual os responsáveis são sempre «os outros», é geralmente condenado publicamente tanto pelos parceiros sociais como pelos poderes públicos.

Não há limites precisos neste mundo económico subterrâneo em que se ocupam milhões de empregados, não declarados como tais. É um mundo que abrange desde o pintor de fim-de-semana até trabalhadores com horários diários de mais de 10 horas; que utiliza desde o imigrante ilegal, sem qualificação especial, até ao programador de computador ou outros profissionais altamente qualificados. Todos estes engrossam as fileiras dos trabalhadores clandestinos.

Amplitude do fenómeno

Por causa, ou talvez apenas a despeito, da recessão actual, os indicadores apontam para um aumento do «exército» de trabalhadores clandestinos na maioria dos países ocidentais industrializados. Este «exército» opera a diferentes níveis em quase todos os sectores económicos. A amplitude exacta do trabalho ilegal e não declarado é, por razões evidentes, pouco conhecida. Mas um recente estudo, que acaba de ser publicado pela Organização Internacional do Trabalho, revela que, em certos países industrializados com economias de mercado, os trabalhadores clandestinos representam cerca de 10 por cento da população activa, e que o seu número ultrapassa por vezes o total de desempregados. Em relação à população activa esta percentagem de trabalhadores será de 3 a 5 por cento em França, 8 a 12 por cento na República Federal da Alemanha, 13 a 14 por cento na Suécia, 10 a 35 por cento em Itália, enquanto nos Estados Unidos o seu número ultrapassará os 25 milhões.

Incidência económica

Não se conhece ainda bem a incidência económica do fenómeno, mas segundo cálculos relativos às chamadas economias subterrâneas, de que o trabalho não declarado é o principal suporte, os rendimentos desta actividade ilegal serão consideráveis. Em 1979, por exemplo, estima-se que terá representado 5 por cento, ou mais, do Produto Nacional Bruto (PNB) de diversos países da Europa Ocidental, bem como dos Estados Unidos. Os governos querem pôr cobro a esta situação, nomeadamente devido às enormes somas que são desviadas dos cofres do Estado. Mas é mais fácil dizer do que fazer. Com efeito, sempre que tentativas concretas são realizadas, designadamente através de medidas repressivas, geralmente limitadas a um sector de actividade determinado ou a um grupo específico de trabalhadores, elas acabam por se mostrar decepcionantes.

Os detractores de tais acções afirmam que seria melhor substituir as medidas repressivas por medidas preventivas. Cita-se um estudo da Câmara de Comércio de Paris que recomenda às autoridades que ponham termo aos aumentos das cargas fiscais e sociais, que simplifiquem as formalidades administrativas e que façam ver ao público as vantagens e a segurança que oferecem os empregos legais, em comparação com o trabalho clandestino.

Vantagens e incovenientes

Medidas preventivas baseadas na motivação dos trabalhadores terão de ser igualmente experimentadas, indica um estudo da OIT que sublinha que o dinheiro constitui a motivação dominante, mas não exclusiva, que incita os trabalhadores a aceitarem um emprego complementar ou a tempo inteiro, mas não declarado. Estudos sociológicos recentes mostraram, com efeito que, para aqueles que exercem a tempo inteiro actividades fastidiosas e sem interesse, o trabalho clandestino fornece frequentemente ocasião de demonstrarem alguns talentos e certas competências técnicas, muitas vezes com a secreta esperança de encontrarem um novo emprego mais interessante. Também os reformados, habituados a uma vida activa, obtêm no trabalho clandestino um sentido de utilidade e novos contactos sociais. Por fim, certos «obcecados do trabalho» procuram um emprego complementar porque detestam o lazer e não sabem como utilizar os tempos livres.

O trabalho clandestino apresenta-se particularmente atraente para certos jovens que rejeitam a ética tradicional do trabalho, indicam dados da OIT.

Custos mais baixos

Para as empresas submetidas a pressões crescentes pelos poderes públicos, o recurso ao trabalho clandestino é tentador devido ao seu custo mais baixo. Oferece, para além disso, uma reserva de mão-de-obra aproveitável segundo as flutuações da procura e sem as preocupações inerentes ao recrutamento e segurança de trabalhadores fixos.

Estes defensores do trabalho clandestino afirmam igualmente que em período de crise económica esta forma de trabalho contribui para diminuir as tensões sociais.

O lado negativo apresenta outros aspectos, como seja o perigo de agir sobre a saúde dos que aceitam um emprego complementar: a fadiga acumula-se e pode provocar insónias que tornam o trabalho mais vulnerável face aos acidentes e à doença. Desta forma, o trabalhador que aceita tais empregos corre ainda o risco de acabar por perder o seu emprego principal.

À margem da sociedade

Quanto aos trabalhadores não declarados, mas empregados a tempo inteiro, elas encontram-se geralmente à margem da sociedade, sem possibilidade de recurso às instâncias legais e sem direito às regalias da segurança social.

É sobretudo o caso dos imigrantes em situação ilegal que, vulgarmente, ocupam empregos perigosos, mal remunerados e normalmente recusados pelos nacionais.

Num plano mais geral, observa-se que o trabalho clandestino contitui uma forma desleal de concorrência para as empresas que a ele não recorrem e permite a exploração dos trabalhadores. Uma das hipóteses consideradas, é que o trabalho clandestino pode ainda contribuir para o desenvolvimento de empregos precários e que a ausência destes trabalhadores nas estatísticas oficiais pode conduzir a erros de avaliação na elaboração de planos económicos e sociais.

Difícil resolução

Um estudo da OIT menciona o interesse que se manifesta pelo trabalho clandestino e pela economia subterrânea ao nível internacional.

Segundo este estudo, o problema do trabalho clandestino dada a sua complexidade, os múltiplos factores que se encontram na sua origem e a tendência a organizar-se e diversificar-se – não é susceptível de ser resolvido por simples disposições regulamentares. Para serem eficazes, as medidas preventivas e repressivas devem, por um lado, ser realistas, variadas e solectivas quanto à sua natureza e ao seu conteúdo e, por outro lado, devem ser acompanhadas dum envolvimento cooperativo efectivo entre os poderes públicos e as organizações patronais e laborais para a efectivação de uma política actuante.

APROVADO PELOS ALUNOS * APROVADO PELOS ALUNOS * APROVADO PELOS ALUNOS
SÉNECA T:40092 SÉNECA T:822776 SÉNECA

24 horas

Vida de Sequel em perigo

A vida do dirigente sindical chileno Rodolfo Seguel (29 anos), em greve da fome há doze dias na prisão de Santiago onde se encontra preso, «está em perigo», afirmou o Comando Nacional dos Trabalhadores Chilenos. Num comunicado, o CNT exige do Governo que ponha fim às acusações contra Seguel, que já perdeu dez quilos e está sujeito a uma nítida diminuição da pressão arterial.

Ofensiva das FAPLA

As Forças Armadas Angolanas (FAPLA) efectuaram nos últimos dias várias operações contra guerrilheiros da UNITA, de Jonas Savimbi, provocando 74 mortos e 11 prisioneiros nas fileiras da UNITA, segundo revela a agência angolana de Impresnsa ANGOP. A ANGOP, que não indica as datas precisas destas operações afirma citando fontes oficiais em Luanda, que uma base da UNITA foi destruída a 57km de Cazombo (Sudoeste do país, província de Moxico). As operações foram também conduzidas pelas FAPLA na província de Huambo e perto de Malanje (Norte do país), da Jamba (provníncia da Huila) e de Bela-Vista.

Greve geral na Bélgica

Os trabalhadores belgas entram hoje no quinto dia consecutivo de greve geral em protesto contra medidas do Governo que prevêem diminuição de salários. No sábado os representantes sindicais do sector público e o Governo reuniram-se para chegar a um acordo que não foi conseguido. Após a recusa dos negociadores em aceitar as novas propostas governamentais no que se refere a restrições do orçamento, os principais sindicatos do sector fixaram reuniões para terça-feira a fim de decidirem novas formas de luta.

Povoações paquistanesas bombardeadas

Aviões afegãos «MIG 21» fizeram ontem uma incursão aérea sobre o Paquistão tendo bombardeado povoações próximas da fronteira com o Afeganistão, de que resultaram um morto e um ferido – anunciaram fontes oficiais paquistanesas. As mesmas fontes acrescentaram que um dos aviões lançou oito bombas com a cobertura dos outros no vale de Kurram, cerca de 200 quilómetros a Oeste de Islamabad.

Japão nas forças de paz da ONU

O ministro japonês dos Negócios Estrangeiros, Shintaro Abe, proporá na próxima Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, um documento apelando a uma participação activa do Japão nas operações de manutenção da paz da ONU, soube-se no domingo junto de responsáveis do Ministério dos Estrangeiros em Tóquio.

Atentado contra a «Aeroflot»

Os escritórios de uma agência de viagens que representa a companhia aérea soviética «Aeroflot» em Kuala Lumpur foram completamente destruídas, sábado à noite, por um incêndio. O director da agência declarou que tinha recebido, três dias antes, vários telefonemas indicando que os seus escritórios iriam proximamente «pelos ares».

Bispo jejua pela paz

O bispo de Limburt, mons. Kemp, presidente da «Pax Christi» – o movimento católico pela paz – e membro activo dos pacifistas da RFA, jejuou ontem na sua diocese, a convite do movimento «Jejum pela Vida», soube-se de fonte próxima dos pacifistas. A acção de mons. Kep será seguida por vários deputados «verdes» ecologistas-pacifistas e por alguns teólogos católicos.

Sismos em Itália

Oitenta tremores de terra foram registados hoje de manhã durante uma hora em Pozzuoli, localidade italiana de 60 mil habitantes perto de Nápoles, anunciou o centro sismológico local. Os habitantes de Pozzuoli evacuaram de imediato as suas casas, quando o mais forte dos tremores foi sentido, pelas 9h20. Outro tremor de intensidade forte foi sentido às 8h59, com grau três na escala de Mercalli. Pozzuoli e arredores registam desde há mais de duas semanas numerosos tremores de terra e um aumento da oscilação do solo, que durante um ano se elevou em 78 centímetros na zona do Porto da cidade.

Explosões em Maseru

O edifício dos correios e o armazém de mercadorias do aeroporto de Maseru, foram abalados por duas explosões noticiou sábado a polícia. A mesma fonte, disse que não havia vítimas e que o atentado no edifício dos correios foi provocado por uma encomenda armadilhada, enquanto que do armazém de mercadorias por uma bomba depositada numa mala.

Da Polónia para Berlim

Nove cidadãos polacos – três homens, duas mulheres e quatro crianças – refugiaram-se sábado à tarde, em Berlim Oeste, onde chegaram num avião que alugaram na Polónia, anunciaram as autoridades militares americanas. O aparelho aterrou às 15h12 tmG no aeródromo militar americano de Tempelhof. Um porta-voz americano precisou que se tratava de um Antonov-2, um monomotor de construção soviética, que tinha sido alugado pelos ocupantes.

Encontro Ceausescu-Bush

Desarmamento no centro das conversações

A visita oficial que o vice-presidente dos Estados Unidos, George Bush, efectuou ontem à Roménia decorreu sbo o signo das negociações sobre o desarmamento, os Direitos do Homem e as relações económicas romeno-americanas.

Recebido ontem à tarde pelo presidente Nicolae Ceausescu, George Bush e o chefe de Estado romeno começaram, perante a Imprensa, uma troca de pontos de vista sobre o desarmamento e a segurança. O presidente romeno convidou os jornalistas a falarem mais nos euromísseis. Por seu turno, o vice-presidente americano notou que não há guerra na Europa desde 1945. «Mantenham a paz, Mantenham a paz», disse Bush.

O cice-presidente dos Estados Unidos entregou uma carta do presidente Ronald Reagan ao chefe do Estado romeno, que segundo os observadores trata-se da resposta americana à carta do dia 21 de Agosto na qual Nicolae Ceausescu pedia ao presidente Reagan para chegar rapidamente a um acordo nas negociações americano-soviéticas de Genebra relativas aos euromísseis, ou então para adiar a data limite para o começo da instalação dos mísseis americanos na Europa.

A questão do desarmamento esteve no centro das conversações que os dois estadistas tiveram, em privado, às quais se seguiu um jantar, indicou-se de fonte diplomática.

Anteriormente, durante um almoço em que esteve presente o vice-presidente romeno, Gheorghe Radulescu, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Stefan Andrei, George Buch sublinhara, num brinde, o compromisso dos dois paíaes em encontrarem soluções para os conflitos mundiais, acrescentando que o presidente Reagan era «profundamente favorável a uma redução significativa dos armamentos».

Relativamenta à questão dos Direitos do Homem, George Bush considerou que tinha tido ontem de manhã uma discussão «franca» com os dirigentes romenos. «Devemos trabalhar em conjunto para que os ideais de Helsínquia e de Madrid encontrem uma expressão concreta, particularmente os Direitos do Homem, incluindo os contactos humanos e a emigração», disse George Bush.

Recorda-se que os Estados Unidos desempenharam um papel essencial na não-aplicação do decreto romeno sobre a emigração ao ameaçarem Bucareste de não renovarem, em fins de Junho, a cláusula da nação mais favorecida.

A questão desta cláusula comercial foi alvo de debates durante a sessão de trabalho da manhã de ontem, soube-se de fonte americana. A Romenia desajaria que os Estados Unidos lhe concedessem a cláusula da nação mais favorecida, por um período de vários anos, e não apneas por um ano, como o que acontecia ate agora.

Visita importante a Budapeste

George Bush, que chega hoje a Budapeste para uma visita oficial, procedente de Bucareste, será o primeiro vice-presidente americano a deslocar-se à Hungria e a personalidade dos Estados Unidos com um cargo mais alto a efectuar uma visita aqule país em toda a história das relações americano-hungaras.

Esta última etapa – de 24 horas – da digressão do vice-presidente dos Estados Unidos a países de Leste simboliza não apenas o bom estado das relações entre os dois Estados, como também concretiza a política americana de difernciação levada a cabo em relação aos países do bloco socialista pensa-se nos meios diplomáticos ocidentais em Budapeste.

Depois da Roménia, onde George Bush foi saudar a política independente do Presidente Ceausescu, a visita a Budapeste aparece como um encorajamento à continuação da política de abertura, designadamente no domínio económico.

O estado em que se cnontra a economia mundial – de que a Hungria sofre actualmente as consequências directas – estaño no centro das conversações. Os problemas da dívida hungara, avaliada no fim do ano passado em 7,8 mil milhões de dólares, também deverão ser abordados, particularmente a atitude americana no seio do FMI, organização de que a Hungria é membro desde 1982.

Por outro lado, os Estados Unidos renovaram, sem problemas, em Junho último, a concessão da cláusula da Nação mais favorecida à Hungria.

De fonte diplomática ocidental consider-se que as relações entre a Hungria e os Estados Unidos melhoraram constantemente desde que o secretário de Estado, Cyrus Vance entregou a Budapeste, em 1978, a coroa de Santo Estevão, símbolo da unidade hungara. A visita de George Bush coincide, por outro-lado, com a do ministro hungaro dos negócios Estrangeiros, Peter Varkony aos Estados Unidos, onde se deve avistar com o secretário de Estado

Sanções à URSS vistas pela TASS

Washington quer prejudicar companhias aéreas ocidentais

Washington «tenta explorar» o caso do «Boeing» sul-coreano e «a histeria anti-soviética suscitada» para «prejudicar os concorrentes europeus ocidentais e japoneses das companhias aéras americanas», escreve no domingo a Agência TASS.

Com efeito, sublinha a agência oficial soviética num despacho datado de Washington, as companhas americanas encontram-se já há muito tempo numa situação difícil na sequência da «cessação dos voos para a União Soviética que lhes foi imposta por Washington».

Ora, «a limitação das ligações aéreas decida por certos países ocidentais por instruções da Administração americana atinge antes do mais os seus próprios interesses económicos», considera a TASS. Com efeito, acrescenta a agência, «as companhias aéreas ocidentais que decidiram interromper o tráfego com a União Soviética sob a pressão de Washington sofrerão prejuízos enormes» o que, segundo a agência soviética, convém aos interesses das companhias concorrentes americanas.

A TASS felicita-se pela posição adoptada pelos «Governos de certos países ocidentais» que, sublinha, entenderam que as sanções americanas se voltam antes do mais contra os seus próprios interesses económicos». «Não é por acaso se a França, a Grécia e a Turquia, embora aliados dos EUA na NATO recusam juntar-se ao complto anti-soviético de Washington, votado desde já ao fracasso», escreve a agência em conclusão.

Entretanto, em Edimburgo, o chefe de redacção do «Pravda», Victor Afanasiev, declarou à BBC 4 que as primeiras informações dadas pela URSS a respeito da destruição do «Boeing» sul-coreano não eram satisfatórias.

Comentando o atraso de seis dias das autoridades em admitirem que o avião tinha sido abatido, aquele membro do Comité Central do PCUS e considerado um dos colaboradores mais próximos de Iuri Andropov, considerou que «os nossos militares são culpados; provavelmemte deixaram passar inexactidões; talvez não estivessem seguros do que tinha acontecido».

Estreito de Ormuz na "mira" de Teerão

O presidente do Irão, Ali Seyed Khamenei, anunciou ontem que «não sairá nem mais uma gota de petróleo do Golfo Pérsico» se o petróleo iraniano for ameaçado.

«Que o Governo francês e todos aqueles que teêm o olhos no petróleo do Golfo Pérsico – e que têm necessidade dele – saibam que não sairá nem mais uma gota de petróleo do Golfo Persico se uma arma ou qualquer outro meio ameaçar o petróleo iraniano e a sua exportação» disse Ali Khamenei durante uma sermão pronunciado por ocasião da festa do «Aid El Ada», na Universidade de Teerão.

Os iranianos «dominam completamente o estreita de Ormuz e estão prontos para fazer a quaisquer acções destruidoras do Imperialismo mundial. Se eles quiserem destruir seja o que for, enfrentá-lo-emos», prosseguiu o presidente da República Islâmica.

Por seu lado, o Imam Khomeiny tomou domingo a palavra depois de um silência de duas semanas , para declarar em substância que os aviões «super-estandar» são «inúteis».

Fazendo alusão aos aviões de ataque, de fabrico francês, cuja entrega ao Iraque foi adiada (segundo as fontes de informação em França), o guia da Revolução Islâmica, que recebia os mais importantes dirigentes do país, declarou: «será que os Mirages vendidos (pela França) ao Iraque puderam fazer alguma coisa?

Sobe a

Os Estados Unidos e a Sír
do fim-de-semana advertênci
a tensão no Líbano, numa a
ços diplomáticos conhecem
quanto se espera o recomeç
rio saudita, Emir Bandar Be
chegou a tal ponto que o gov
em Conselho de Defesa e
porta-aviões britânico para a
nesas. Dois navios de guerr
Bowen» e o «SS John Roge
dos ao largo de Beirute — b
de sexta-feira para sábado
situadas na montanha, a Les
da pelas Forças Armadas
contituíam uma resposta às
cadas» que alvejaram o dc
dos Estados Unidos e o Min
sa, em Yarze, a Leste de B
voz do contingente america

A réplica síria foi rápida e vigorosa. Um porta-voz militar sírio declarou, pouco tempo depois, que «qualquer disparo efectuado de terra, do ar ou do mar contra as regiões onde se encontram as forças sírias provocarão uma resposta sobre essas fontes de tiro».

O gabinete israelita reuniu-se em Conselho de Defesa para ouvir um relatório do chefe do Serviço de Informações Militar, general Ehud Barak, sobre a situação que se regista no Líbano, enquanto a Imprensa britânica evocava ontem a possibilidade de um dos três porta-aviões da «Royal Navy» que devem participar num exercício da NATO, no Mediterrâneo, se deslocar para o largo do Líbano, com o objectivo de auxiliar os soldados britânicos da força multinacional.

No terreno, o dia de ontem

Dific

O incidente do adiamento da chegada do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros pode perturbar a abertura da Trigésima Oitava sessão plenária das Nações unidas, comentam fontes diplomáticas na capital dos Estados Unidos.

Moscovo e Washington acusam-se mutuamente da responsabilidade do incidente, e o tom da polémica não deixou de subir nas últimas horas.

O governo de Washington não pode ignorar o protesto das Nações Unidas, e a gravidade de que se revestiria a ausência do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, da Trigésima Oitava sessão plenária da Assembleia da ONU.

Aquela organização já considerou que os Estados unidos deverão assumir as suas responsabilidades de anfitrião do maior de todos os organismos internacionais.

A ausência de um representante, ao mais alto nível, do governo soviético, pela primeira vez em 25 anos, daria novos argumentos aos sectores quew defendem que a sede da ONU deve ser transferida para outra capital.

O porta-voz do Departamento de Estado norte-americano disse que o governo de Washington «não tem nenhuma intenção de impedir a chegada de Gromiko às Nações Unidas», acrescentando que «estamos dispostos a tomar todas as medidas necessárias para que possa aterrar num

Líbano é barril de pólvora

e a tensão sírio-americana

e a Síria lançaram no passa-
vertências mútuas, agravando
numa altura em que os esfor-
hecem um «ponto morto», en-
começo do vaivém do emissá-
ndar Ben Sultan. A escalada
e o governo israelita se reuniu
fesa e que poderá seguir um
para as águas territoriais liba-
e guerra americanos — o «SS
n Rogers», que estão ancora-
ute — bombardearam na noite
sábado posições de artilharia
a, a Leste de Beirute, controla-
madas sírias. Estes disparos
osta às fontes de tiro «identifi-
m o domicílio do embaixador
e o Ministério libanês da Defe-
te de Beirute, indicou o porta-
americano, major Jordan.

a e
ilitar
mpo
paro
r ou
nde
rias
so-

niu-
esa
che-
ões
rak,
gis-
Im-
on-
dos
oyal
ipar
no
ocar
m o
lda-
ulti-

tem

foi assinalado por disparos de artilharia muito violentos contra as posições do exército regular na região de Suk El Gharb (a Leste de Beirute) e de Khalde (à saída sul da capital), bem como sobre as regiões de Hazmiyeh, Baabda e Hadath, à saída leste de Beirute. Por outro lado, caíram quarenta granadas de morteiro — pela segunda vez desde que começou o conflito da montanha — na região de Jbeil (Biblos, 38 km a Norte de Beirute), que fizeram três mortos e sete feridos, segundo os últimos balanços.

De acordo com a agência síria de imprensa, SANA, o aeroporto de Jbeil foi bombardeado por unidades de artilharia dependentes das forças da «Frente de Salvação Nacional» libanesa (oposição). Uma fonte oficial do Líbano indica que os disparos procediam da região de Batun, na localidade de Kfar Abayde, controlada pelas forças sírias.

A aviação libanesa interveio ontem, pelo terceiro dia consecutivo, destruindo três baterias de artilharia nas regiões do Alto Metn e de Aley.

Na parte da tarde, um comunicado militar indicava que o exército libanês tinha repelido assaltantes nas colinas de Kaifun, a Leste de Suk El gharb, infligindo-lhes perdas. Segundo o comunicado, entre os mortos havia corpos de combatentes palestinianos. Um deles tinha um cartão do «Fatah», outro da «Frente Democrática para a Libertação da Palestina» e um terceiro da «Frente de Luta Popular» (próxima da Síria), afirma o texto.

Os fuzileiros navais americanos do continente da força multinacional envolveram-se durante a manhã em tiroteio de armas automáticas com «elementos armados», na região do aeroporto de Beirute.

Por último, caças bombardeiros do tipo «F-14» americanos efectuaram voos de reconhecimento por cima de Beirute, por duas vezes. Por outro lado, a agência líbia Jana informou que as tropas líbias estacionadas no Líbano receberam instruções para se colocarem à disposição do alto comando sírio e do líder libanês Walt Joumblatt.

Segundo a sua agência noticiosa oficial, a flíbia dispõe de várias centenas de soldados no vale de Bekaa, a Leste de Beirute, sob controlo do exército sírio.

Numa mensagem enviada ao Concelho de Segurança da ONU, o dirigente líbio, Muamar Gadhafi, ataca os çeua e a França que, segundo ele, ameaçou a paz mundial no Líbano e no Chade.

Estas forças estrangeiras constituídas pelas forças dos Estados Unidos da América e Francesas que foram para o Líbano em nome da paz e segurança acabaram por se tornar em ameaças para a paz e segurança pois transformaram o conflito internacional, pois as forças multinacionais aliaram-se a uma parte do Líbano, contra a outra que está ao serviço dos objectivos imperialistas.

«Em relação ao Chade, o conflito era um conflito interno entre várias facções numa luta pelo poder, mas nunca chegou a ser um conflito generalizado a todo o território chadiano. Isto quer dizer que mais ou menos havia uma certa segurança e paz no Chade, especialmente quando várias forças no Chade chegaram a um acordo em 1976 e na cidade de Lagos, mas o rebelde Husse Habre não respeitou esses acordos.

Se analisarmos a situação actual no Chade, verificamos que podemos chegar a uma situação que poder ser explosiva a qualquer momento ameaçando a paz e segurança em África no geral e na Líbia e no Chade em especial...

«Nós sabemos que a intervenção americana no Chade em nome da paz e da segurança é responsável pela actual situação tão perigosa que se vive no Chade, pois esta intervenção americano-francesa transformou a questão chadiana numa «questão internacional» que pode levar a que outra potência militar venha, a interferir no Chade.

«Os aviões e os porta-aviões americanos e franceses que destroem e matam os muçulmanos no Líbano são os mesmos que, matam os muçulmanos e destroem as suas casas no norte do Chade. Esta intervenção directa faz lembrar as «cruzadas» embora noutro tipo de civilização humana.

Entrar num período novo de cruzadas desencadeadas pelos Estados Unidos da América e pela França, significa uma obrigação de todos os muçulmanos de apoiarem agora ou mais tarde os seus irmãos muçulmanos do Líbano e do Chade, o que pode ameaçar a segurança e a paz mundial.»

Gemayel

O presidente libanês, Amine Gemayel, acusou, domingo, a Síria de impedir a reconciliação dos druzos e dos cristãos por não retirar as suas tropas do Líbano, numa entrevista à cadeia de televisão «ABC». Por outro lado, o chefe de Estado libanês, interrogado pela cadeia de televisão francesa «Antenne 2», declarou, domingo à noite, que a Força Multinacional e o contingente francês no quadro desta força «não tem absolutamente nada a fazer nessa guerra que hoje se trama no Líbano».

Entretanto o ministo israelita da Defesa, Moshe Arens, afirmou, domingo à noite, que o governo libanês propôs ao Estado Hebreu que este último «liberte o território libanês da presença síria em troca da assinatura pelo Líbano dos acordos de Camp David». Arens, sem dar outras indicações, nomeadamente de data, indicou que Israel recusou tal proposta.

Argentina: "sim" ou "não" à bomba atómica?

Nenhum projecto de fabrico de uma bomba atómica «jamais figurou nos projectos de desenvolvimento da energia nuclear» na Argentina, pois este provocaria uma corrida aos armamentos na região sul-americana, declarou, domingo, em Lima, o almirante Luís Sanchez Moreno, embaixador da Argentina no Peru.

Sanchez, que fez esta declaração quando acompanhava uma personalidade argentina ao aeroporto de Lima, desmentiu assim indirectamente certas informações deixando entender que a Argentina poderia já possuir a bomba atómica. A Argentina é «tecnologicamente capaz de fabricar esta bomba», declarou entretanto Sanchez.

O fabrico de uma bomba atómica abriria uma corrida aos armamentos no cone sul (Argentina, Paraguai, Uruguai) e é contrário ao espírito pacífico do povo argentino, acrescentou o almirante Luís Sanchez Moreno.

O Presidente da Comissão Argentina sobre a Energia Atómica, Carlos Castro Madero, tinha afirmado em 23 de Agossto passado que o seu país não tinha nenhum projecto de fabrico de armas nucleares.

No passado dia 12, declarou todavia a um jornalista brasileiro que o seu país procedia a estudos para se dotar de um submarino nuclear podendo estar operacional daqui a 6 ou 8 anos.

Por outro lado, na sua edição de sábado, o «New York Times», citando informações recolhidas por especialistas dos serviços de informação americanos, assegurava que a Argentina encara a hipótese de se dotar com a arma nuclear.

Segundo aquele jornal, um relatório do Governo americano dá conta de um «plano secreto» fomentado por responsáveis argentinos para desviar uma tonelada de urânio. Recorda-se que a Argentina se recusou a assinar o tratado de não proliferação nuclear, e possui, de acordo com o «New York Times», o programa nuclear mais avançado dos países em vias de desenvolvimento, ao abrigo do qual terá construido, desde 1974, várias instalações atómicas.

Durante uma hora

Padre sul africano à frente dos Dominicanos

O padre Albert Nolan, sul-africano, com 42 anos de idade, foi durante uma hora apenas o superior geral dos Dominicanos, informou sábado um porta-voz da Ordem dos Padres Pregadores.

A 2 de Setembro passado, o capítulo da Ordem elegeu-o superior dos Dominicanos.

O padre Nolan explicou então aos seus confrades que achava mais útil o seu apostolado na África do Sul, onde se consagra à luta contra as injustiças e à discriminação racial, do que à frente da Ordem dos Padres Dominicanos.

Foi preciso uma hora para convercer os membros do capítulo, que aceitaram a sua renúncia, e elegeram em seu lugar o padre irlandês Damian Byrne.

Foi a primeira vez na história da Ordem, fundada por São Domingos no princípio do século XIII, que um superior geral acabado de eleger renunciou ao seu cargo, ainda que esta eventualidade seja prevista pelas regras da Ordem.

A ausência de Gromyko na ONU

ficuldades para a Assembleia Geral

o da
ético
pode
gési-
das
fon-
dos

acu-
spon-
tom
subir

n não
s Na-
le de
ia do
ócios
myko,
o ple-
U.
consi-
os de
onsa-
maior
terna-

esen-
o go-
a vez
argu-
w de-
deve
apital.
rta-
eri-
de
hu-
che-
ões
que
mar
rias
um

aeroporto militar próximo de Nova Iorque».

Horas antes, o governo tinha apoiado a resolução dos governadores dos estados de Nova Iorque e Nova Jersey de proibir a aterragem de aviões soviéticos em missão diplomática nos aeroportos civis dos respectivos estados.

Uma fonte da Casa Branca disse que os soviéticos aproveitaram o incidente para anular a visita de Gromyko porque não desejam que o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros esteja presente no hemiciclo das Nações Unidas quando Ronald Reagan discursar, a 26 de Setembro.

O presidente dos Estados Unidos anunciou que pensava continuar os seus ataques a Moscovo devido ao caso do Jumbo sul-coreano porquanto «esta tragédia constitui um marco na história».

Maior maleabilidade

Os Estados Unidos estão prontos a uma maior «maleabilidade» nas negociações euroestratégicas de Genebra em consequência dos pedidos prementes dos seus parceiros ocidentais, afirma o jornal oeste alemão «Die Welt» na sua edição de hoje.

O presidente americano Ronald Reagan terá dado indicações a este propósito em cartas enviadas ao chanceler oeste alemão Helmut Kohl e a outros chefes de governo e países membros da NATO, acrescenta o jornal conservador.

Washington admitirá que a URSS tenha na Ásia 108 SS-20 na condição de Moscovo se declarar pronto a não aumentar ao seu número e renunciar à sua exigência de tomar em conta, «para o cálculo europeu» as forças nucleares francesa e britânica, afirma o «Die Welt».

Os Estados Unidos pensariam, por outro lado, reduzir os 572 foguetes, cujo estacionamento está previsto para a Europa Ocidental a partir do fim de 1983 em caso de malogro das negociações euroestratégicas, a 300 cabeças nucleares, acrescenta o quotidiano conservador.

Por seu turno, a URSS tinha proposto a limitação do número de vectores a 300, sem fechar, contudo, a porta a uma discussão sobre o número de cabeças nucleares.

Uma nova directiva para o negociador americano, Paul Nitze, deverá ser definitivamente elaborada no decorrer de consultas entre os técnicos governamentais da NATO a partir de hoje, precisa o «Die Welt».

A questão da nova repartição entre «Pershing 2» e mísseis de Cruzeiro em caso de redução a 300 do número dos foguetes da NATO a colocar, continua «totalmente aberta» no seio da Aliança Atlântica, prossegue o jornal.

Segundo a dupla decisão da NATO de Dezembro de 1979, 108 «Pershing 2» devem ser colocados na RFA e 464 mísseis de Cruzeiro em cinco países da Europa de Oeste. Os técnicos da NATO, escreve «Die Welt», propõem-se manter esta relação.

O «New York Times», citando fontes governamentais não identificadas, tinha afirmado há uma semana, que os negociadores americanos teriam sido autorizados a insistir sobre uma paridade somente na Europa, a um nível de cerca de 300 cabeças nucleares de uma parte e outra. Na Ásia, os Estados Unidos estariam prontos a contentarem-se com um «congelamento» do nível das forças soviéticas sobre 108 «SS-20».

Apelo do Papa

João Paulo II pediu ontem aos peregrinos concentrados frente à residência Papal de Verão, em Castelgandolfo, para rezarem pelo impedimento de uma catástrofe nuclear.

No final da oração do Angelus e da homilia dos Domingos, João Paulo dirigiu-se de improviso aos 10 mil católicos presentes, pedindo-lhes que rezassem pela paz no Mundo, para que a humanidade não tenha que viver o desastre da catástrofe nuclear e também, pela vida humana, para que esta seja protegida desde a concepção até ao último momento da vida terrestre.

Manifes

Uma centena de mulheres terminou no sábado em Genebra, uma marcha a pé iniciada em 6 de Agosto em Berlim, destinada a solicitar o desarmamento nuclear na Europa.

O pedido de desarmamento foi efectuado pelas manifestantes, frente às sedes diplomáticas, em Genebra, dos Estados Unidos e da União Soviética.

Representações pacifistas da Suíça, França, Suécia, Itália, Grã-Bretanha e Áustria integravam a manifestação final na Avenida da Paz, ponto estratégico das negociações entre soviéticos e norte-americanos para redução dos euromísseis.

Dirigentes das organizações da marcha «Mulheres pela Paz» leram em frente às embaixadas norte-americana e soviética, declarações para pedir «o congelamento imediato da produção de armamentos nucleares».

Outras finalidades da Marcha da Paz consistem em evitar a instalação em território europeu da NATO dos anunciados 572 mísseis «Pershing 2» e Cruzeiro e conseguir, simultaneamente, o desmantelamento dos «SS-20» soviéticos.

JOGOS DE MAPLES
SOFÁS–CAMA
COMPRE NO FABRICANTE
A PRONTO OU PRESTAÇÕES
ESTOFOS SUPERCONFORTO
Av. Almirante Reis, 35 (defronte Igreja dos Anjos)

Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO PÚBLICO
Agências Aduaneiras

Constitui objecto do presente concurso a exploração dos seviços das agências aduaneiras da CP — Caminhos de Ferro Portugueses, EP situadas em Valença do Minho, Barca d'Alva, Vilar Formoso, Marvão-Beirã, Elvas, Lisboa e Porto.

As propostas poderão referir-se somente a uma agência aduaneira, grupo de agências aduaneiras ou totalidade e deverão ser entregues até às 17 horas do dia 8 de Outubro de 1983, no Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa, directamente pelos concorrentes ou seus representantes, mediante recibo passado pela CP, ou serão enviadas em carta registada com aviso de recepção, para a morada abaixo indicada, de modo a serem recebidas até ao dia e hora acima referidos.

A abertura das propostas será efectuada no dia 12 de Outubro de 1983.

As propostas serão redigidas em português e encerradas em sobrescrito fechado com os seguintes dizeres:

«Proposta para a exploração da Agência Aduaneira em (ou Agências Aduaneiras) dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP».
Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP.
Apartado n.º 2733
1118 LISBOA CODEX

Para a obtenção do «programa do concurso» e «contrato tipo» os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Estudos Comerciais — Departamento Comercial — Estação de Santa Apolónia — 1.º Andar — Porta 7 — 1196 LISBOA CODEX.

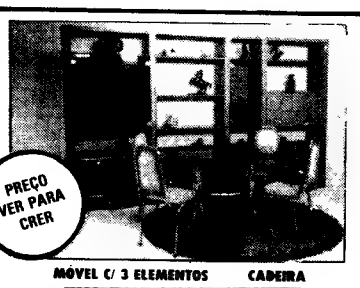
COMPRE AO FABRICANTE

DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

SALÕES DE EXPOSIÇÃO (Fábricas Porto e Lisboa)
VILA FRANCA DE XIRA — R. Alves Redol, 80-B (Rua Principal)
ALVERCA — 4+100 — R. Catarina Eufémia, Lote 1 — Codex 2615 — Tel. 2582403
LISBOA — Estr. Benfica, 174 (a 500 m de Sete Rios) Codex 1500 - Tel 780599
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 - Tel. 530076 (a 30 m da Portugalia)
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 - Codex 2800 - Tel 2769001
ODIVELAS — Salão na Fábrica - R. Alfredo Ruas, 50 — Pedernais - Tel 9810711 (a Ponte da Bica) — Est Odivelas — Caneças
SACAVÉM — R. de S. José, Lote 1 (esquina c a Estr Lisboa)
PAIVAS — Estrada Nacional, 10 - Lote 30 (mesmo no extremo dos Paivas c a Cruz de Pau)
CASTELO BRANCO — Av. Nuno Álvares, Bloco-B (Junto à Estação)

NOTE BEM: A loja da Av. Almirante Reis, 125, está aberta todos os dias das 9 às 22 h. e à hora do almoço, incluindo Domingos e Feriados (Centro Comercial Gália). Ao sábado de tarde estamos abertos em Vila Franca, Alverca, e Benfica.

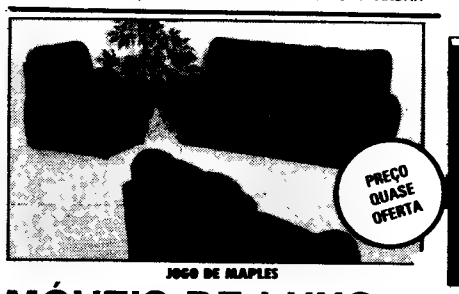
EM ALMADA, SECÇÕES DE SUPERSALDOS NO 1.º ANDAR



MÓVEL C/ 3 ELEMENTOS CADEIRA
MESA CROMADA C/ VIDRO FUMADO

QUARTO CASAL

QUARTO CRIANÇA



JOGO DE MAPLES

ESTANTE DE CANTO, NORMAL
ESTANTE DE CANTO DE LUXO

QUARTO C/ RÁDIO, ALÇADO A VELUDO

MÓVEIS DE LUXO
clássicos e modernos
Somos A FÁBRICA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

2 RODAS mais atenção!

VIGIE
as brincadeiras das crianças

PASSE SOCIAL

Uma mão cheia de ***VANTAGENS***
Uma mão cheia de ***TRANSPORTES***

A venda nas bilheteiras da CP

O Passe Social representa inúmeras vantagens para o seu titular. E uma das mais importantes é, sem dúvida, a sua validade para os mais variados meios de transporte — o comboio, o eléctrico, o autocarro, o metropolitano, a camioneta, os barcos cacilheiros... Muitos milhares de portugueses conhecem-no já. Por isso, não perca tempo. Compre, a tempo e horas, o seu Passe Social.

A venda nas bilheteiras da CP. Linhas de Cascais, Sintra, Azambuja e Barreiro.

Caminhos de Ferro Portugueses
CP/Design

DESPORTO

Cova da Piedade: barreirenses deram fraca réplica

Amadora: a dois minutos do fim, expulsão (de Luz) e penaltie (lógico) deram empate a amorenses

Futebol: nacionais secundários já com bastantes surpresas

Enquanto as selecções se preparam para os vários embates desta semana (esperanças e AA frente à Finlândia e olímpicos em Itália) começaram os campeonatos nacionais dos escalões secundários, já com desfechos curiosos. Ora veja-se como ficou a 1.ª ronda da Zona Norte da 2.ª divisão:

Leixões - Vizela, 3-2; Paços de Ferreira - Valdevez, 3-0; Tirsense - Feirense, 1-0; Chaves -Lixa, 1-0; Gil Vicente - Académico de Viseu, 1-1; Riopele -Famalicão, 3-0; Sanjoanense -Valonguense, 0-1; São Martinho -Fafe, 0-0.

Zona Centro: Académico de Coimbra - Anadia, 1-0; União de Leiria - Sporting da Covilhã, 0-0; Beira-Mar - União de Coimbra, 3-1; Caldas - Peniche, 2-2; Torriense- - Elvas, 2-1; Benfica de Castelo Branco - Alcobaça, 0-0; Rio Maior - Naval 1.º Maio, 2-1; Guarda - União de Tomar, 2-1.

Zona Sul: Belenenses - Lusitano de Évora, 1-0; Olivais e Moscavide - Sesimbra, 1-0; Estrela da Amadora - Amora, 1-1; Odivelas - Esperança de Lagos, 3-1; Cova da Piedade - Barreirense, 2-0; Olhanense - Silves, 1-0; Marítimo - Nacional, 2-0; União da Madeira - Sacavenense, 1-0.

Divisão 3

Resultados da 1.ª jornada do Campeonato da 3.ª Divisão, série A: P. Barca - Prado, 0-0; Felgueiras - Taipas, 1-1; Cerveira - Limianos, 0-1; Bragança -Mirandela, 0-1; Vianense - Valenciano, 1-0; Merelinense -Freamundo, 2-0; Moreirense -Aves, 0-3; Monção - Mogadourense, 2-0. Série B: União de Lamas - Esmoriz, 0-0; Marco -Cesarense, 4-0; José Alves -Régua, 1-1; Paivense - Vilanovense, 1-1; Lamego - Ermesinde, 2-0; Ovarense - Leça, 2-0; Valadares - Amarante, 0-1; Paredes - Lourosa, 0-0.

Série C: Oliveira do Bairro -São Romão, 4-1; Mangualde -Barco, 5-1; Viseu e Benfica -

Golo do Leixões, surpresa e festa

Estarreja, 1-3; Lusitano - Marialvas, 2-0; Tortosendo - Oliveirense, 1-1; Gouveia - Santacombadense, 3-0; Tondela -Mealhada, 0-2; Sourense - Poiares, 2-1.

Série D: Estrela - Nisa, 1-1; Marinha - Alferrarede, 2-0; Nazarenos - Alcains, 5-1; Atouguiense - Marinhais, 1-0; S. Bernardino - Marrazes, 0-0; Bombarralense - Marinhense, 1-0; Seixal - Vasco da Gama, 0-0; Lusitano - Torralta, 0-1; Campinense - Alvorense, 1-0; Quarteirense - Comércio e Indústria, 0-0; Quimigal - Paio Pires, 0-0; Moitense - Estrela, 1-2; Trafaria -Canaviais, 1-0.

Totobola: previsão

Entre 650 e 700 totalistas preveem os serviço do totobola para o concurso de ontem.

Com 12 resultados certos estimam os mesmos serviços entre 18 000 a 20 000 apostas. O valor de cada prémio deste concurso número 35 é de 13 388 230 escudos.

Atenção, portugueses

Resultados logrados este fim-de-semana pelos quatro clubes que tocam aos portugueses nas competições uefeiras: o Linfield venceu (3-0) em Ballymana, para o campeonato da Irlanda do Norte; o Dínamo de Zagreb somou nova derrota (1-2, em casa) para o campeonato jugoslavo; o Sevilha foi batido pelo Espanhol (0-1) aqui na vizinha Espanha e, em Inglaterra, o Aston Villa baqueou perante o Liverpool (1-2).

Otto no Brasil: estreia a vencer

Na 1.ª partida dirigida por Otto Glória, o Vasco da Gama derrotou o Bom Sucesso por 2-1, em encontro da jornada de abertura da 2.ª volta do campeonato do Rio de Janeiro. Outros resultados da jornada: Americano-Campo Grande, 0-0; América-Botafogo, 1-1; Fluminense-São Cristóvão, 2-0. O encontro Volta Redonda-Goytacaz foi interrompido aos 81 minutos de jogo, quando o resultado era de 2-2. Estiveram isentos desta jornada o Flamengo e Bangú..

Classificação geral: 1.º Fluminense, 22 pontos; 2.º América, 17; 3.os Bangú e Botaofogo, 15; 5.º Goytacaz, 11; 6.os Flamengo, Volta Redonda, Campo Grande e Vasco da Gama, 10; 10.º Americano, 9; 11.º Bom Sucesso, 8; 12.º São Cristóvão, 1.

TOTOBOLA a chave

Tirsense-Feirense	1
Leixões-Vizela	1
Riopele-Famalicão	1
Gil Vicente-Acad. Viseu	x
Caldas-Peniche	x
Benf. Cast. Branco-Alcobaça	x
Beira-Mar-União Coimbra	1
Cova Piedade-Barreirense	1
Odivelas-Esperança Lagos	1
Marítimo-Nacional	1
Amadora-Amora	x
Olivais Moscavide-Sesimbra	1
Belenenses-Lusitano	1

"Volta do Futuro": José Xavier em 13.º

Os ciclistas portugueses presentes na «Volta à França do Futuro» entraram ontem, em Vitrolles, fim de uma etapa de 136,5 km, integrados no pelotão, tendo sido creditados com o tempo de 3h22,54, salvo António Pinto (3h30,55). A etapa ontem disputada (Nimes-Vitrolles, a 14.ª) foi ganha pelo francês Vincent Barteau (3h20,25);

O posicionamento dos ciclistas portugueses na tabela geral após esta etapa passou a ser a seguinte: 13.º José Xavier (44h 23,18); 23.º António Alves (44h25,50); 37.º Manuel Cunha (44h35,35); 42.º José Marques (44h39,48); 78.º Carlos Marta (45h10,02); 84.º Paulo Ferreira (45h18,47); 92.º António Pinto (45h26,03).

Lidera a prova o alemão democrático Olaf Ludwig (44h09,09), seguido do francês Jean-François Chaurin (44h12,35) e do holandês Maarten Ducrot (44h13,36). Os 4.º, 5.º e 6.º lugares da classificação geral são ocupados neste momento pelos franceses Pascal Guyot, Yvon Madiot e Charles Mottet, respectivamente.

Volta à Madeira

Marco Chagas (da Mako Jeans) venceu 11.ª edição da «Volta à Ilha da Madeira» em bicicleta. Venceslau Fernandes (Rodovil/Ajacto) que envergou a camisola amarela desde a 1.ª etapa, classificou-se na 2.ª posição, tendo conquistado também a camisola verde (prémio da montanha).

Belenenses, 1-Lusitano de Évora, 0

Históricos parados no tempo

Não fora aquela entrada de rompante e os dois **pontapés de canto** ganhos em todo o desafio (mesmo assim facilitados por falta de destreza da defesa «azul») e ninguém diria que estivera no Restelo um Lusitano de Évora, que foi das mais prestigiosas formações do nosso futebol, com um historial magnífico e figuras que, desde o guarda-redes Vital ao esquerdino José Pedro, quase viraram «lenda» no belíssimo Alentejo dos doces cantares. Ontem, salbo o outro Vital(zinho), José Chico, Abreu e José Carlos, apenas se viu um amontoado de rapazes despachando a bola para o local onde menos facilitasse a vida dos contrários, para o ponto mais longíquo da sua baliza, em lances sobre lances onde não se vislumbrava a menor ponta de ordenação táctica ou uma pequena réstea de ambição.

Depois, sucedeu que o Belenenses (mesmo conquistando 17 «cantos») parecia uma cópia (esfumada, é claro...) do Benfica, que catapulta sistematicamente a bola pelo ar até à grande área adversa: só que os «encarnados» têm personalidades que podem bruscamente resolver qualquer problema e os restelianos, a avaliar pelo modelo antieborense, parecem depender do que Jorge e Djão conseguirem, uma vez que Joal parece estar lecionado (informação do bom amigo Fernando Mendes) e a cabeça de oiro de Vital esteve ontem muito falha de pontaria. Há (também) uma tremenda confusão na linha média, Sambinha completamente perdido: sem saber se é ponta-de-lança ou preparador de disparos para a frontaria. E aí, um erro grande: restituam Sambinha à sua condição de bom defesa e só então o Belenenses pode começar a arrumar a casa, para não voltar a dar idéia de ser uma manta de retalhos onde cada pedaço de tecido pretende brilhar mais que o anterior, talvez para justificar o preço ante os donos da sua nova casa.

Faltaríamos a um dever sagrado se não salientássemos que a produtividade lisboeta ficou a léguas-luz da pequenez atacante dos reis de Évora: mas, improfíquoa, carecendo de muito exercício de pontaria, ficou-se pelos dois **livres** que esbararam nos postes de Vidal (remates de José António e Jorge) mais no «tirão» de Djão a culminar pela jogada de Jaime que, ao lado de Jorge, formou no verdadeiro sinal de perigo para os nada pretenciosos forasteiros.

Foi pena que, na sua apresentação às hostes do aplauso, o Belenenses se deixasse enrolar na manta lusitanista: e também apenas o trio citado (Djão, Jaime e Jorge) se possa juntar ao óptimo José António, ficando a plateia resteliana de credo na boca, à espera de rapidamente ver a sua formação com cabeça, tronco e membros. Porque, amigos, se não fôr desta feita, com muitos milhares de contos investidos, quem apostará no tão desejado retorno da Cruz de Cristo às grandes procissões do futebol?

Já o Lusitano, bem vistas as coisas, tem atenuantes: fora de casa, atemorizado pelo nome antigo do contrário, não apresentou um só avançado de raiz, o que significa renúncia antes do atirar a primeira carta para a mesa. Oxalá outro galo cante quando o festival se desenrular sob o manto puro do Sol alentejano.

Neves de Sousa

José Chico: o melhor lusitanista guarda a bola

Com excelente arbitragem do farense Francisco Silva (que foi auxiliado por Martins Gravanita e Alexandre Afonso) alinharam:

Belenenses: Figueiredo; Pereirinha, José António, Hélder e Quaresma (Paulo Meneses, aos 77); Ruben, Jaime, Sambinha (Jorge, 64) e Carraça; Vital e Djão.

Lusitano de Évora: Vital; Paulo Vilar, José Carlos, Jorge e José Manuel; José Chico; Abreu, Aldeias, Paulo César, Manuel Fernandes (Kikas, 53) e Artur (Paulo, 68).

Golo por Djão, aos 72 minutos. Cartão amarelo a Paulo Vilar e Paulo César.

DESPORTO

Selecções dão uns pontapés enquanto não chega o dia 23

As formações nacionais de futebol vão cumprindo o plano ainda elaborado por Otto Glória, mas desta feita sob o episódico comando de Fernando Cabrita (AA e esperanças) e José Augusto (olímpico).

Ontem, o dr. Camacho Vieira, responsável pelo Departamento Médico federativo, fez (para o «DL») o ponto da situação no tocante a jogadores lesionados, mas ainda em estágio em Carcavelos:

– *O caso mais difícil parece acontecer com João Alves, que contraiu uma entorse no pé direito, durante o treino de sábado. Oliveira tem uma contusão forte na coxa esquerda, Reinaldo acusa contractura muscular do adutor e Humberto, de vez em quando, queixa-se do joelho direito, precisamente onde foi operado há quatro anos. Quanto a Pietra, ainda tem sequelas da lesão que sofreu na face posterior da coxa esquerda.*

Entretanto, a novidade já esperada. a presença do leãozinho Futre no lote dos jogadores que integram a selecção «A».

Ontem de manhã estiveram no Jamor. as selecções «A» e «Olímpica» realizaram, sob a orientação de Fernando Cabrita («AA») e José Augusto («Olímpicos»), enquanto no relvado n.º 2

Gomes com a bola no treino do Jamor

e sob a orientação de António Morais, a selecção de «Esperanças» realizava uma «peladinha».

No relvado principal não treinaram Alves e Reinaldo. Oliveira só treinou no segundo período. As duas selecções efectuaram um jogo-treino, com duração de 70 minutos (40+30m), tendo no primeiro período as formações alinhado assim:

«AA»: Bento; Pietra, Humberto, António Bastos Lopes e Inácio; José Luís, Carlos Manuel e Jaime Pacheco; Jordão, Gomes e Nené.

«Olímpicos»: Zé Bento; Coelho, Frederico, Oliveira e Álvaro; Paquito, Frasco e Vítor Santos, Barrinha, José Rafael e Lito.

Registe-se a entrada do vimaranense Barrinha, que foi chamado para substituir Carlos Xavier (Sporting), afastado por lesão. Também o «leão» Futre foi render outro convocado, neste caso Vitorino (Boavista). No segundo período não entraram Bento, Pietra, Humberto, Jaime Pacheco e Jordão (nos «AA»), sendo rendidos por Lúcio, Gabriel, Lima Pereira, Futre e Oliveira, saindo nos «Olímpicos» Frederico e Frasco, rendidos por Paris e Nunes.

O treino não teve o mais pequeno interesse: nem golos nem velocidade. Muita indisciplina táctica para as soluções ofensivas e quase total alheamento dos jogadores num bate-bola insípido.

Evidentemente que há compromissos imediatos a respeitar: esperanças, amanhã (na Medideira) e AA na 4.ª-feira (em Alvalade) perante finlandeses, a contar para o apuramento até terras francesas, onde vai disputar-se o próximo Campeonato Europeu. Lógico que também os designados como «Olímpicos» vão, também esta semana, estar em acção em Génova, frente a italianos. Mas, nota-se perfeita intranquilidade entre os jogadores por não saberem o que vai ser decidido na reunião federativa do próximo dia 23, quando for escolhido o sucessor de Otto Glória. A solução (aliás) pode ir ao encontro do pensamento de vários «internacionais» que veriam com muito bons olhos as turmas portuguesas comandadas por Artur Jorge, um técnico jovem, perfeitamente identificado com o futebol moderno e com a «equipa de todos nós».

Mendes, Futre e Oliveira: futuro e presente do nosso autêntico futebol

José Augusto fala com os «olímpicos»

Natação foi espectáculo

"Seixalíada": uma realidade

Foi o acender da pira que marcou o início da 2.ª «Seixalíada». Por isso houve festa no campo da Medideira, onde não faltou a música pela Banda da Sociedade Filarmónica Operária Amorense, a beleza das «marjoretes» de Corroios e futebol exibido pelas «miúdas» da Canoa (Oeiras) e do Amora e um jogo entre as 'velhas glorias' que, em tempo não muito distante, enquadraram as equipas do Sporting e do Barreirense.

Tratou-se de um espectáculo de raro brilho e invulgar entusiasmo, dando garantias de que esta 2.ª «Seixalíada» irá constituir um marco de orgulho na débil estrutura da educação física no nosso país. Deseja-se que, para além desse propósito, este acontecimento venha a constituir a arrancada para a reclamada democratização do desporto neste Portugal onde factores básicos se ficam no esquecimento.

A movimentação da «Seixalíada» e os primeiros resultados, em basquetebol (seniores-/masculinos): Jornal «Nova Maré», 16 - Infantário «O Bebé», 85 e Junta de Freguesia da Amora, 74 - Clube Lusitano do Seixal, 60.

Atletismo, 500 m (escalão 6/7 anos, masculinos): 1.º Nuno Romão (C.S.S. Pinhal Frades); 2.º Miguel José (S.F.O. Amorense); 3.º Nuno Ganhão (S.F.O. Amorense). Femininos: Carla Soeiro (S.F.O. Amorense); Daniela Francisco (idem);: Sílvia Bento (C.S.S. Pinhal de Frades). Nos 700 m (escalão 8/9 anos masculinos): Rui Ganhão (S.F.O. Amorense); Luís Ramires (Com. Moradores Fogueteiro); Nuno Carrilho (C.S.S. Pinhal Frades);

Femininos: Dincia Chaves (S.F.O. Amorense); Sandra Gonçalves (N.A.D. Fogueteiro); Cláudia Silveira (Clube Lusitano do Seixal). 1000 m (escalão 10/12 anos, masculinos): José Teixeira (C.S.S. Pinhal de Frades); Paulo Nunes (Paio Pires Futebol Clube); Manuel Rosado (idem). Femininos: Cristina Camacho (S.F.O Amorense); Iolanda Sousa (idem); Carla Gonçalves (N.A.D. Fogueteiro). 3000 m (escalão 13/15 anos, masculinos): Paulo Vinagre (S.F.O. Amorense); Manuel Lopes (Clube Lusitano Seixal); Alfredo Duarte (C.S.S. Pinhal de Frades). Femininos: Maria da Graça (C.S.S. Pinhal de Frades) Maria Manuela (S.F.O. Amorense), Paula Chaves (idem).

Colectividades acorreram à festa

Natação, vencedores das várias provas: Nuno Patrício, Magada Moura, Carla Sofia, Carlos Conceição, Luísa Ribeiro, Pedro Ribeiro, Norberto Carlos, Lígia Nunes, Luís Lopes, Sílvia Moura, Francisco Cabau, Manuela Patrício, João Silva, Carlos Sousa, Joaquim Patrício, João Gémeo e António Leal. Nas estafetas, o Clube de Campismo «Luz e Vida» venceu todas as provas. Participaram 160 atletas.

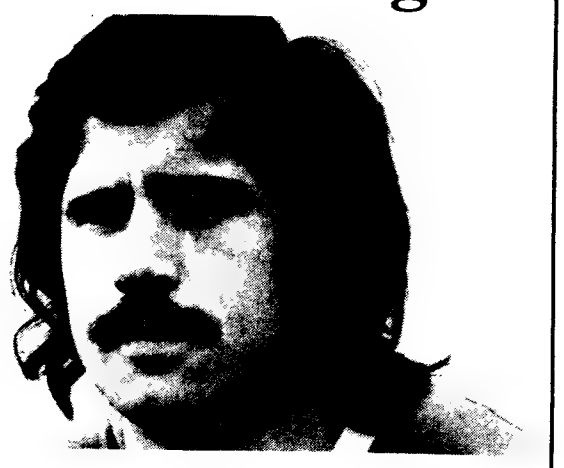
Programa de hoje no futebol de salão, das 20 às 23 horas, na Quinta de S. Nicolau: Paivas e Verdizela. Ténis de Mesa, das 21 às 23 horas: em Miratejo, Paivas, Ginsio de Corroios, Portugal Cultura e Recreio, Seixal Futebol Clube e Grupo Rec. de Santo António; Xadrez às 21 horas na C.P. Siderurgia Nacional; Basquetebol (às 20 horas), na Escola Preparatória Paulo da Gama.

Gerd Muller: a homenagem

O Bayern de Munique e a selecção alemã Federal de futebol defrontam-se hoje, em honra do que pode ser considerado como o maior goleador germânico de todos os tempos: Gerd Muller. Esta será, com quase quatro anos e meio de atraso, a homenagem do futebol da RFA àquele que foi chamado o **«bombardeiro da nação»** e que entre 1964 e 1969 semeou o pânico nas balizas contrárias. Muller marcou 636 golos numa carreira com o auge situado em princípios da década de 70.

O «palmarés» deste «internacional» será dificilmente igualável, embora por vezes tenha ficado em segundo plano relativamente a companheiros como Paul Breitner e Franz Beckenbauer, que com ele e o guarda-redes Sepp Maier constituiram o quarteto histórico do Bayern de Munique. Gerd Muller reside desde 1979 na cidade norte-americana de Fort Lauderdale, onde dirige um restaurante. Está magro, sem a figura possante e musculada dos tempos do Bayern e da selecção.

No estádio onde hoje será homenageado, Muller marcou



o golo que considera mais belo e importante da sua carreira. Foi o que na final do «Mundial» de 1974 deu o título à RFA, com 2-1 sobre a Holanda. Aliás, 1974 foi o ano de maiores êxitos da história futebolística de Gerd Muller, ao vencer o campeonato mundial pela selecção e a «Taça dos Campeões Europeus» e o campeonato alemão federal pelo Bayern.

No «Mundial»f do México (1970), Muller foi o melhor marcador, com 10 tentos. Foi o principal atirador em sete campeonatos da «Bundesliga» e mantém o recorde nacional, com 40 golos obtidos em 1971/72. Duas vezes foi «bota de ouro» (1970 e 1972) e nos 427 jogos de campeonato que disputou pelo Bayern marcou 365 golos. Em 74 jogos pelo clube de Munique diante de equipas estrangeiras, Muller marcou 67 golos. Pela selecção alinhou 62 encontros, marcando um total de 68 golos.

Insólitos do futebol

As 100 internacionalizações de Jennings: o irlandês Pat Jennings, guarda-redes do Arsenal, fará a sua 100ª internacionalização no Windsor Park (de Belfast) por ocasião do próximo Irlanda do Norte-Áustria, a contar para o campeonato da Europa das nações. Jennings (38 anos) torna-se o jogador com mais internacionalizações do seu país.

•

Martin «Carrasco» do Real Madrid: jogador de talento, mas gostando pouco dos treinos, Alberto Martin está mais habituado a ficar no banco dos suplentes do que a jogar ao lado dos seus companheiros do Málaga. No entanto, os três golos que marcou frente ao Real Madrid, que sofreu umas das derrotas mais estrondosas de toda a sua história (2/6), vai fazer reflectir com certeza o seu treinador, António Benitez...

•

O regresso de Ward, que custou 400 mil libras ao Nottingham Forest antes de ser cedido por um quarto desta soma ao Seattle Sounders, está de regresso a Inglaterra. Com efeito, o clube norte-americano acaba de falir e o antigo avançado-centro internacional deverá passar a jogar no Derby County.

Desporto britânico de luto

«Sir» Denis Follows, uma das mais destacadas figuras do desporto britânico, faleceu em Londres, com 75 anos. Denis Follows, cuja vida foi dedicada ao desporto, foi o principal responsável pela participação britânica nos Jogos Olímpicos de Moscovo, apesar da tentativa de boicote liderada pela administração Reagan e apoiada pelo primeiro-ministro Margaret Thatcher. Follows foi secretário da Federação Britânica de futebol durante onze anos e responsável pela organização do «Mundial» de 1966, em Londres, no qual Portugal se classificou em 3.º lugar.

DESPORTO

Mamede: "show" em Tóquio

Fernando Mamede obteve, em Tóquio, a melhor marca do ano nos 5 000 metros, com o tempo de 13.08,54, melhorando assim a marca que obtivera no passado dia 4, em Rieti, 13.09,92 e deixando o segundo classificado, um atleta japonês a 28 s.

O professor Moniz Pereira afirmou (em Lisboa), que estava muito satisfeito com a formidável proeza de Mamede, que bateu o seu máximo pessoal na distância e fez um tempo que já pode considerar-se normal para o atleta, que confirmou assim, ser o melhor atleta do ano nos cinco e dez mil metros.

A única surpresa para Moniz Pereira foi a de Mamede ter corrido os 5 000, em detrimento dos 10 000.

Moniz Pereira confirmou, ainda, que Lopes estará ausente em Outubro, da Maratona de Nova Iorque, devido a estar em tratamento a uma lesão num dos joelhos.

Entretanto, nos Estados Unidos (Estado de Nova Hampshire) Rosa Mota foi 2.ª numa meia maratina, gastando o tempo de 1h 13m 17s.

Placard

Clubes de Coimbra

Quatro colectividades desportivas do distrito de Coimbra elegeram, nos últimos dias, novos dirigentes. A assembleia geral, direcção e conselho fiscal do Grupo Desportivo da Voca — Gala (Figueira da Foz), são agora presididas, respectivamente, por Carlos Alberto de Jesus Lima, António Manuel Pereira Matias e António José Jesus Agostinho. O Grupo Cultural e Desportivo de S. martinho de Árvore (Coimbra) elegeu para idênticos cargos José Pimenta, Vítor Cunha e António Cardoso. Rui Viana, Aurélio Mota e Leite e Fernando Lapa presidem, agora, aos corpos gerentes do Grupo de Futebol Ulmeirense, de granja do Ulmeiro (Soure). Para presidir à assembleia geral, direcção e conselho fiscal, durante a próxima época, do União Desportiva de Tocha (Cantanhede), foram eleitos António Mendes, Fernando da Silva Jorge e Carlos Dinis.

Vilamoura: golfe

Ossen Gartenmaisre e Frans Laimer formam a equipa austríaca que é a principal favorita no torneio de qualificação do 30.º Mundial de Golfe, a realizar em Vilamoura, de 22 a 25 deste mês. Gartenmaisre foi o melhor europeu (21.º) no Mundial de 1982, em Acapulco, e terá no Algarve a sua 18.ª presença num Mundial.

A Bélgica (outra das formações favoritas) faz representar por Philippe Toussaini e André Van Damme. A Noruega apresenta dois amadores (Per Hansgrund e Tom Fredricksen), enquanto pela Suécia jogará Magnus Persson, responsável pelo 2.º lugar do seu país no Mundial de Amadores e jogador mais jovem do «open» britânico de 1982.

Além destes quatro países, estarão presentes, em Vilamoura, equipas de Portugal, Dinamarca, Grécia, Holanda, Islândia, Marrocos, Nigéria e Suíça. A representação portuguesa foi confiada a Domingos Silva e Rogério Valente, com Luís Espadinha e Joaquim Rodrigues como suplentes.

As quatro melhores equipas ficam apuradas para a fase final do Mundial.

Armadorense: a turma futebolística classificada em 4.º lugar na 3.ª Divisão distrital da última temporada

Visitando colectividades populares

Armadorense: 31 anos de vida

«Era debaixo de um candeeiro, na Travessa do Armador (daí o nome de Armadorense), que o António Mateus, o Fernando Gomes, o Constantino e o Virgílio Gomes (entre outros) se reuniam e combinavam as partidas de futebol. Certo dia, o António Mateus (já falecido) teve a feliz idéia de fundar um clube, comunicou o pensamento aos companheiros e tudo se tornou real a 26 de Setembro de 1952, numa casa situada na Calçada do Mirante. Para além do jogo de cartas faziamos encontros de futebol. Participávamos em todos os torneios populares realizados nas zonas mais próximas. Chegámos muitas vezes a fazer caminhadas para realizar dois ou três jogos. Andávamos quase com as equipas (formadas pelos sócios) às costas, porque os transportes não eram como hoje. E só jogava quem estivesse com as quotas em dia.»

Alexandre Silva, um dos sócios mais antigos (e que durante mais de dez anos fez parte dos corpos gerentes do clube) é quem nos fala do seu historial:

«Pouco mais de um ano durou a nossa estadia na Rua do Mirante e mudámo-nos para a Rua do Cruzeiro, onde hoje permanecemos. Aqui, para além do futebol, surgem outras modalidades: ténis de mesa e, mais tarde, a pesca desportiva. O ténis de mesa chegou a ter fama no clube, devido ao jogador Carlos Pina (o seu grande impulsionador) e, em seguida, ao seu filho Jerónimo Pina que, depois de sair do Armadorense, representou o Belenenses, o Palmeiras e o Benfica. Pertence agora à EPAC, embora esteja presentemente em Bruxelas, a disputar um torneio. Também por cá passaram (recordo ao acaso) José Xavier, que representou depois o Sporting e o irmão (Artur Raimundo) que foi mais tarde do Casa Pia. Também tivemos classes de meninas, donde podemos destacar Olga Menezes, que aqui se iniciou, indo depois para o Paço de Arcos. Aqui se realizaram várias finais da Taça de Portugal, entre o Benfica e o Sporting. A selecção nacional costumava igualmente treinar nas nossas instalações. A pesca desportiva é uma modalidade que presentemente está parada mas que nos deu vários troféus nos torneios em que participámos.»

O Clube Recreativo e Desportivo Armadorense conta desde o início do ano, após a eleição da nova direcção, com três novas secções: andebol, ginástica e futebol de salão. Quem nos fala sobre elas é o seu grande impulsionador: Alfredo Carrasquinha, vice-presidente. Que diz:

«No andebol, temos uma equipa de seniores que se encontra a disputar a 3.ª Divisão Distrital. Treinamos em diversos pavilhões: Liga de Algés, Rainha D. Amélia e Ajuda. A ginástica conta já com cerca de 60 atletas, que são orientados por dois professores de Educação Física. Quanto ao futebol de salão, temos uma equipa de iniciados (11-14 anos) e também uma turma de veteranos com «jovens» de 65 anos. A formação de iniciados é muito querida dentro do clube, devido à simpatia que os garotos irradiam. Conto até um episódio curioso que se passou com os miúdos: fomos convidados a participar num torneio organizado pelos «Pingas» e ficámos em último lugar. No entanto, os nossos miúdos de palmo e meio, embora tendo perdido todos os jogos, foram sempre correctos pelo que lhes foi dada a Taça de Disciplina, e agradaram à assistência que os chamava de «bebés». Ainda integrados nesse torneio foram convidados a fazer um jogo de demonstração na hora que antecedeu a final.»

Além das modalidades de mais recente prática no Armadorense, além do futebol, que vem dos tempos de fundação do clube, há o atletismo, com grande número de praticantes e ainda xadrez e damas. No xadrez, o Armadorense teve o ano passado cerca de 40 miúdos presentes no Troneio da Ajuda. Mas o futebol é a secção de maior impacto, como nos afirmou o seu vice-presidente:

«O futebol é o que arrasta mais gente, a equipa mais acarinhada pelos sócios. Temos apenas um «team» no escalão senior, que se encontra na 3.ª Divisão Distrital e que na época transacta ficou em 4.º lugar. Apostamos esta temporada na subida à 3.ª Divisão Nacional. Temos um jogador que foi «internacional» juvenil e júnior no Benfica: Eduardo Pina (mais conhecido por Babá») e ainda um irmão do Mário Ventura (Gilberto Ventura, que já jogou no Belenenses). Aqui se iniciaram também Tito e Godinho (do Belenenses). O nosso local de treino é o Campo da Tapadinha: e é aí que disputamos os jogos oficiais que nos compete realizar em casa. Por curiosidade, posso acrescentar que o nosso equipamento é azul, igual ao do Belenenses, porque nesta zona as pessoas são muito simpatizantes do clube do Restelo. Temos nas instalações do Armadorense um posto médico com dois enfermeiros (Melo e Mário Lourenço) que costumam acompanhar os atletas, e dão ainda assistência aos sócios.»

De realçar a eficiente organização do Armadorense, que possui uma direcção muito trabalhadora: todos os seus elementos podem ser pedreiros, cozinheiros, pintores ou encarregados de limpeza, porque não há dinheiro para poder pagar a profissionais:

«O Armadorense vive à base do rendimento do bufete, das sessões de fados, da quotização dos cerca de 780 sócios e ainda dos amigos do futebol (antigos jogadores que pagam uma quota suplementar). Quanto a subsídios oficiais, embora pequenos, eles têm aparecido: a CML contribuiu, no ano passado, com um subsídio de cerca de 300 contos para a construção de um salão. Este ano já contactámos outra vez a CML e disseram-nos que estão à espera do orçamento para depois atribuírem as verbas às colectividades. Também agora a DGD contribuiu com um pequeno subsídio para a prática da ginástica. Quem nos tem ajudado muito é a junta de freguesia que contribui com vários subsídios ao longo do ano. O sr. Brás (presidente da junta de freguesia) é o nosso presidente da assembleia geral. Mas as nossas grandes fontes de receita são as sessões de fados que costumamos organizar todos os sábados à tarde, e a «Noite do Fado», organizada uma vez por mês. Por cá passaram nomes populares: Carlos do Carmo, Fernando Maurício, Vasco Rafael, Artur Garcia e António Carvalho. Fizemos este ano homenagem ao jovem Fernando Jorge vencedor do concurso da «Grande Noite do Fado», que se realizou no Coliseu dos Recreios, por iniciativa da Casa da Imprensa. Estas sessões de fados são feitas no grande salão que o clube possui e que serve também de ginásio para os miúdos.»

Disse ainda Alfredo Carrasquinha:

«Para além das sessões de fados, costumamos utilizar o nosso salão para bailes. Já organizámos um encontro Lisboa -Porto em dança-rock. Costumamos ceder o salão a sócios para casamentos e baptizados. Também o colocamos à disposição da junta de freguesia por altura das campanhas eleitorais, para debates políticos pelos diversos partidos. O salão possui um palco onde habitualmente ensaia um grupo musical e ainda um conjunto de miúdos que estão a preparar pequenas peças de teatro. Antigamente tivémos um elenco teatral que estava constantemente a ser convidado por outros clubes. Este grupo desfez-se, todavia, a seguir à morte do seu encenador: Alfredo Carvalho (que foi sócio de mérito).»

A terminar, uma referência aos festejos do 31.º aniversário do clube que decorrem neste mês de Setembro: torneios de snooker, sueca, bilhar, matraquilhos, krapô, ténis de mesa, xadrez e futebol de salão. Na 2.ª-feira (dia 26) haverá um debate sobre futebol, para o qual foram convidados Toni (treinador adjunto do Benfica), Homero Serpa (jornalista de «A Bola»), Sambinha (jogador do Belenenses) e, ainda, António Medeiros (treinador do Estoril). Na 6.ª-feira (30) será o encerramento das festividades com jantar e fados: e, logo, a entrada em novo ciclo de vida.

Filomena Araújo

EUA e Cuba dominam boxe nas Américas

A equipa dos Estados Unidos venceu o Quinto Campeonato Americano de Boxe Amador, que se disputou em Houston (Estado do Texas). Os pugilistas norte-americanos venceram seis das doze finais disputadas no 3.º e último dia do torneio. Os outros vencedores são os cubanos (com quatro triunfos) e o Canadá (com dois). Os vencedores das finais vão integrar a equipa da América do Norte e Caraíbas que se deslocará ao Campeonato Mundial de Boxe Amador, marcado para Roma.

Em «minimoscas», o campeão foi o norte-americano José Rosário, que venceu Orlando Marrero, de Porto Rico. Nos pesos «mosca», o triunfo coube ao cubano Pedro Reyes, vencendo na final o norte-americano Todd Hickman. O norte-americano Jesse Benevides venceu aos pontos (numa decisão muito discutida) o dominicano Pedro Nolasco. Em pesos «pluma» o cubano Jesus Sollet venceu o norte-americano Andrew Minster. De novo um cubano (Ramon Goire) triunfou em pesos «ligeiros», derrotando o dominicano Angel Beltre. A 3.ª vitória consecutiva dos cubanos coube a Calendário Duvergel, derrotando (num excelente combate) o norte-americano Vicent Webb, na final de «superligeiros». O norte-americano Ron Esset derrotou depois o canadiano Wayne Gordon. As, Sawn O'Sullivan (do Canadá) desforraria a equipa ao vencer, a seguir, o norte-americano Frank Tate. Em «médios», o norte-americano Virgil Hill venceu surpreendentemente o cubano Bernardo Comas. Também inesperadamente, outro cubano (o «meio-pesado» Pablo Romero) perdeu com o norte-americano Ricky Womack. Na final de «pesados» o triunfo coube ao norte-americano Craig Payne (vencedor do campeonissimo cubano Teofilo Stevenson) que não teve dificuldade em derrotar o guatemalteco Roberto Galan.

Segundo os comentadores, a imparcialidade dos juízes deixou muito a desejar durante todo o torneio, em que mais uma vez ficou demonstrada a superioridade norte-americana e cubana no boxa do continente americano.

Basquetebol: hoje Torneio "Pioneer"

Esta noite, inicia-se o Torneio Pioneer, uma pedrada no charco do nosso basquetebol. Jogos para o pavilhão de queluz: Benfica-Belenenses e Queluz/Pioneer-Imortal/Montechoro. Nas Antas: Sangalhos/Caves Aliança-Olivais de Coimbra e FC Porto/Palladium-Stade Français, de Paris. Embates a principiarem pelas 20 horas. Um festival basquetebolístico (promovido pela Setron, Lda.ª), que reuniu os órgãos de Comunicação Social com as vedetas do Queluz. Na imagem: o jornalista Neves de Sousa («DL»), Carlos Lisboa (o melhor basquetebolista português, 24 anos, 1 e 88, extremo), o radialista Abel Figueiredo (da Rádio Comercial) e Rui Pinheiro (29 anos, extremo, 1 e 99 de altura)

MICROSCÓPIO

Xadrez: mundial

Os «grandes mestres» Garry Kasparov e Viktor Korchnoi chegaram a um acordo de princípio para a realização do seu «match» da meia final do torneio de candidatos ao título mundial de xadrez. Após vários encontros na capital jugoslava, os dois jogadores assinaram um texto que vão remeter à Federação Internacional da Modalidade (FIDE) e à Federação Soviética, no qual pedem **«uma solução rápida para a questão surgida com os locais de realização das meias-finais do torneio de candidatos ao título mundial».**

Os semifinalistas pedem uma reunião urgente (na Suíça), entre o presidente da FIDE, um representante da Federação Soviética e eles próprios, para se encontrar uma solução para este problema antes do congresso máximo da Federação. Korchnoi (suíço de origem soviética), fora já declarado vencedor da meia-final, dada a recusa de Kasparov (grande favorito ao título), em jogar a meia-final em Pasadena (Estados Unidos), local designado pela FIDE com a oposição da Federação Soviética de Xadrez.

Ténis: circuito satélite

O israelita Sharahr Perkiss venceu o segundo torneio do Circuito Satélite, em ténis (que decorreu no Porto), ao vencer na final o norte-americano Marc Flur. Perkiss venceu com as parciais de 6/2, 2/6 e 6/0.

O terceiro torneio deste circuito está já a decorrer no Alvor (Algarve), com a disputa do «qualifying». Para este torneio de qualificação, o português Manuel de Sousa venceu o belga Houssolange (7/5, 7/5), enquanto Carvalho da Silva, António Figueiredo e Luís Chaves perdiam frente a adversários estrangeiros.

Basquetebol madeirense

A assembleia geral da Associação de Basquetebol do Funchal reconduziu José Manuel Oliveira no cargo de presidente da direcção daquele organismo desportivo: José Oliveira tinha apresentado a sua demissão do cargo em virtude da falta de condições de trabalho, que parecem agora criadas de modo a possibilitar uma acção eficaz em prol do basquetebol regional.

Voleibol cresce

O Centro Social e Desportivo de Câmara de Lobos vai passar a praticar o voleibol. A colectividade, que até agora apenas praticava futebol, passará a competir na nova modalidade nos sectores masculino e feminino.

A ilha dos cães

13

Desenho **Florenci Clavé**

Texto **Guy Vidal**

Continua

Pílula contraceptiva

Continuação da pág. 2

casos anualmente detectados dão origem a 3000 óbitos.

O efeito protector dos contraceptivos orais é tanto maior quanto for o período de utilização e vem a atingir o seu máximo entre os dez e os catorze anos de tomada contínua da pílula. As mulheres que tinham utilizado contraceptivos do tipo «sequencial» , menos difundido, à base da oestrogene pura e não contendo, como as pílulas clássicas, progesterone, apresentam, pelo contrário, um risco mais elevado ao cancro do útero do que as do grupo testemunha. Esta observação vem confirmar o que se tinha dito em 1980 sobre o aumento de número de cancros de endómetros nas mulheres na menopausa submetidas a um tratamento exclusivo de oestrogenes. A adição a este tratamento de doses suficientes de progestogene suprime o risco, como o demonstraram várias publicações recentes.

Os investigadores de Atlanta estimam «que 2000 casos de cancro do endómetro são evitados, por ano, pela utilização anterior e actual de contraceptivos orais pelas americanas». A progresterone que os contraceptivos modernos contêm parece desempenhar um papel essencial no mecanismo da protecção.

«Dentro de dez a vinte anos iremos assistir a uma explosão assassina de cancros do seio entre as utilizadoras dos contraceptivos orais «predizia um certo número de ginecologistas hostis às terapêuticas hormonais. «O nosso inquérito nega radicalmente essa hipótese» afirmam os epidemiologistas americanos.

O estudo conduzido sobre uma população de mulheres de idades entre os vinte e os cinquenta e quatro anos e que vivem em oito regiões diferentes dos Estados Unidos, não revela com efeito qualquer aumento do número do cancros do seio entre as utilizadoras de contraceptivos orais, mesmo quando essa utilização foi contínua ao longo de mais de quinze anos e se verificou num grupo denominado «sensível», seja porque as mães ou as irmãs dessas mulheres tinham tido um cancro do seio ou porque elas próprias sofriam de mastopatia benigna – tumores benignos da glândula mamária.

O inquérito confirma pelo contrário que certas categorias de mulheres correm mais do que outras o risco de virem a apresentar um cancro do seio, quer tomem ou não a pílula. Trata-se das que não têm filhos ou cuja primeira gravidez levada a termo foi tardia, e que sofrem de mastopatia benigna ou que apresentam antecedentes familiares de cancro do seio.

O notável efeito protector observado em relação aos tumores do ovário e do útero parece não se verificar em relação aos cancros do seio que constituem, nos Estados Unidos como em França, a primeira causa de mortalidade por cancro entre as mulheres e que atinge uma em cada doze.

Não é de excluir, no entanto, que o aparecimento de contraceptivos com uma mais forte dosagem de progesterone venha, no futuro, a conseguir essa protecção.

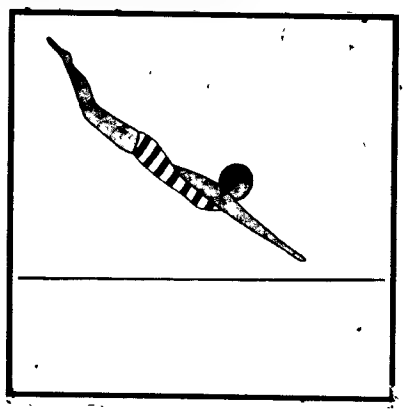
As campanhas alarmistas

Haverá poucas substâncias farmacológicas cujos efeitos e a eventual toxidade tenham sido tão rigorosa e minuciosamente estudados como os dos contraceptivos orais. Nenhum outro produto farmacêutico conheceu uma tal difusão – 150 milhões de mulheres tomam regularmente a pílula – e nenhum outro pode ser considerado tanto como este não como um medicamento cujos efeitos tóxicos eventuais têm que ser admitidos em razão dos benefícios terapêuticos, mas como uma química de conveniência na qual nenhuma consequência perigosa será tolerável.

À apreensão que suscitava a manipulação das hormonas no tempo em que os seus efeitos eram ainda mal conhecidos vieram juntar-se os preconceitos de ordem ideológica ou religiosa que marcaram fortemente as campanhas alarmistas, continuamente lançadas, ao longo dos últimos vinte anos, contra a pílula contraceptiva.

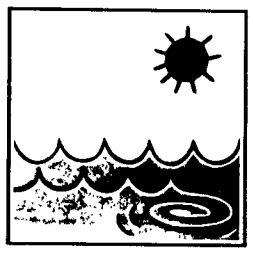
De todos os riscos anunciados o único que persistia a curto e a médio prazo era o dos acidentes cardiovasculares – hipertensão, embolia, acidentes das coronárias e cerebrais – muito raros entre as mulheres predispostas com menos de trinta e cinco anos e mais freuqnetes entre as mais velhas – trinta e cinco a quarenta e cinco anos. Mas mesmo entre estas últimas, um estudo recente mostra que o acréscimo de risco de acidentes cardiovasculares não é maior do que o que se verifica entre as utilizadoras do tabaco.

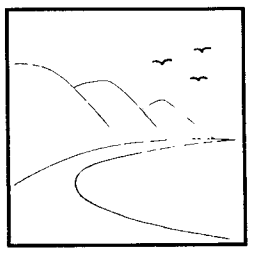
Os inimigos da pílula viraram-se então, à falta de outras armas, contra as incógnitas cancerológicas a longo prazo. Os inquéritos tornados públicos pelo centro de Atlanta trazem-nos agora não só um tranquilizador sossego sobre a inexistência desse perigo mas também a convicção de um benefício preventivo inesperado para a cancerologia feminina.



NÃO dê saltos em locais que desconhece

PROCURE zonas sem rebentação ou remoinhos





EVITE locais pouco frequentados

Atlas de Lázaro Luís (pormenor), exposto no Mosteiro dos Jerónimos

Revelado pelo ministro da Cultura

Receitas da XVII deixam mais de um milhão a "descoberto"

As receitas da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura renderam apenas 50 mil contos até à data, enquanto das despesas ascendem a um milhão e trezentos mil contos, revelou ontem o ministro da Cultura, Coimbra Martins, no decorrer de uma sessão solene a que presidiu na Câmara de Lagos.

O tema desenvolvido pela ministro era o das prioridades políticas do Governo em matéria de cultura. «Nós pensamos que este tipo de cultura não é o único e que o procedimento existente não é compatível com a época que estamos a atravessar», sublinhou Coimbra Martins.

Apesar de se interrogar sobre a possibilidade de um país em crise se empenhar em realizações tão grandiosas como a XVII, o ministro da Cultura não deixou de considerar a iniciativa realizada sob os auspícios do Conselho da Europa, como «o grande acontecimento cultural do século em Portugal».

Para Coimbra Martins, quando se fala de cultura, «discute-se muitas vezes sobre opções entre a cultura de grande prestígio e de grandes realizações, e a cultura regional ou popular». Segundo o ministro, o Governo «não optou por nenhum dos termos da alternativa, não enjeitando, na medida das possibilidades, as realizações nacionais de grande prestígio, nem de maneira nenhuma a cultura regional local ou popular».

«Olhar o preço»

Na sua intervenção, Coimbra Martins ocupou-se ainda da questão do contrato de artistas internacionais de espectáculos.

«Nós não podemos comprar sem olhar o preço», sublinhou. «Se comprarmos sem olhar o preço, continuaremos a caminhar para a ruína».

Para Coimbra Martins não existe qualquer razão cultural, artística ou nacional para impedir os concertos. Mas as tomadas de posição do Governo sobre os casos de Júlio Iglésias e Peter Tosh – cujos espectáculos foram proibidos pelo Governo, por suspeita de saída ilegal de divisas para pagar os respectivos «cachets» – não podem ser entendidas, segundo Coimbra Martins, como uma regra.

Na sessão, a que Coimbra Martins presidiu, foi ainda apresentado o projecto de renovação urbana da cidade de Lagos, tendo o presidente da câmara solicitado a declaração de utilidade pública para a zona não edificada junto às muralhas que circundam a cidade antiga. Depois da sessão solene, Coimbra Martins visitou o centro histórico da cidade.

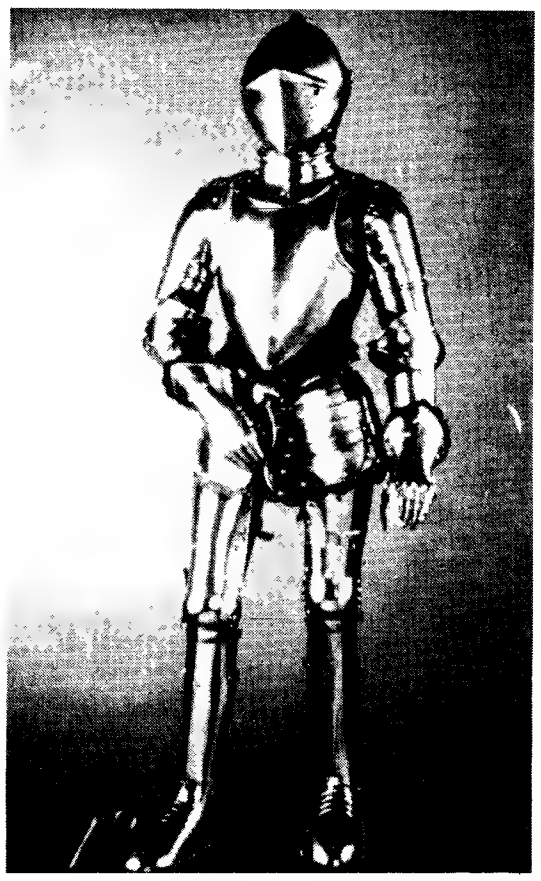
Confirmado o cancelamento do concerto de Peter Tosh

O ministro da Cultura, Coimbra Martins, confirmou ontem à ANOP o cancelamento do concerto de Peter Tosh, anunciado para amanhã em Lisboa.

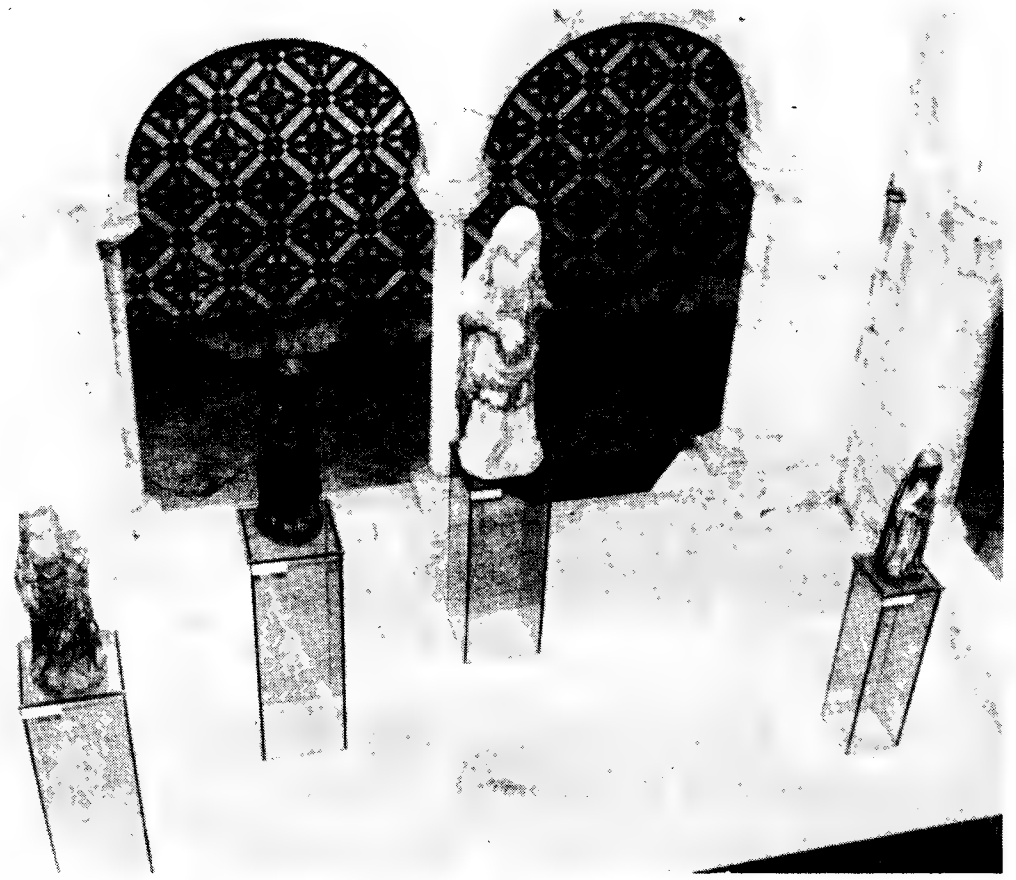
O contrato entre o empresário português e o líder da música «Reggae» não foi homologado pelo Ministério do Trabalho, tendo Coimbra Martins sugerido que o documento era «pouco claro».

«O que nós queremos é contratos lisos e que não encubram nada, porque ninguém acredita que Peter Tosh viesse cá ganhar só 150 contos», referiu ainda o ministro da Cultura.

Recorda-se que o promotor do espectáculo de Peter Tosh é o empresário Alexandre Basto, o mesmo que quis trazer a Lisboa Júlio Iglésias, mas não pôde.



Réplica da armadura de D. Sebastião (núcleo da Torre de Belém)



Núcleo da Madre de Deus: da terra para o mar

Filme sobre o general Dalla Chiesa vai ser rodado em Itália

O drama do general Carlo Alberto Dalla Chiesa, o chefe da Polícia assassinado no ano passado na Sicília, vai ser levado ao «écran».

Sob a direcção de Gianni Minello, a película começará a ser rodada no próximo mês com o actor ítalo-francês Lino Ventura no papel do chefe militar que maior renome obteve nos últimos anos em Itália.

Como general dos carabineiros, Dalla Chiesa distinguira-se nos finais da década passada e princípios da actual, por uma campanha que dirigiu com grande eficiência contra as Brigadas Vermelhas e outros grupos clandestinos armados.

Mais tarde, e já virtualmente desmanteladas estas organizações armadas de extrema-esquerda, Dalla Chiesa voltou a guindar-se a primeiro plano, ao ser designado prefeito (chefe de Polícia local) de Palermo, com poderes especiais para dirigir uma acção profunda contra a Mafia.

Minello anunciou inicialmente, durante o recente festival de cinema de Taormina, o seu propósito de levar ao «écran» a vida do general. Segundo informações mais detalhadas conhecidas mais tarde, o filme será rodado nos lugares que foram cenário dos principais episódios na trajectória de Dalla Chiesa na sua dupla condição de lutador contra o terrorismo e contra o crime organizado.

Dalla Chiesa foi assassinado juntamente com a sua mulher numa rua de Palermo, numa emboscada que a Polícia atribuiu à Mafia.

O assassinato do general, que emocionou o país, desencadeou uma série de polémicas em torno a possíveis responsabilidades atribuíveis às autoridades governamentais, por não terem protegido suficientemente o general contra eventuais atentados e por não lhe terem dado a «carta-branca» de que necessitava para combater a Mafia.

O anunciado filme de Gianni Minello, que apresentará fora de concurso em Taormina o seu filme «Un Ragazzo Come Tanti» (Um Rapaz Como Tantos), inscrever-se-á na rica tradição dos filmes – denuncia ou filmes-investigação que constitui um valioso filão da cinematografia italiana.

Alguns destes filmes, como «O caso Mattei» de Francesco Rosi, contribuíram com elementos de juízo novos que não se haviam registado durante a investigação real do caso evocado na película. Neste caso, do acidente aéreo que em 1962 vitimou Enrico Mattei, promotor e presidente do Ente Nazionale Idrocarburi (ENI).

Daí a expectativa com que é aguardado este filme de Gianni Minello, que o filmará com a sua cooperativa TV Cine 2000 e uma contribuição financeira de 500 milhões de liras, proveniente da região siciliana.

Na realidade, a vida de Mattei e a de Dalla Chiesa culminaram tragicamente no mesmo cenário – a Itália meridional – com duas mortes violentas que num caso é sem dúvida atribuível à Mafia e no outro projecta sobre esta insistentes suspeitas.

Julia Maciel (IPS)

Realizador polaco vence na Figueira da Foz

O XII Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz terminou ontem naquela cidade, com as críticas à iniciativa a subirem de tom: má organização, ausência de discurso próprio e vazio de projecto cultural são três acusações que muito se fizeram ouvir.

O Grande Prémio do Festival foi atribuído ao filme «O Imperativo», do realizador polaco Krysztoff Zanussi, produzido em 1982 na Alemanha Federal, e que esteve a concurso na secção de ficção.

Com placas de prata foram contempladas as películos «Ulisses», do alemão federal Werner Nekers (1982), «Flores Selvagens», do canadiano Jean Pierre Lefèbvre (1981) e «Vendo Vermelho», de James Klein e Júlia Reichert (1983).

Na secção de imagens e documentos classificou-se em primeiro lugar o filme «Céu e Terra», do austríaco Michael Pilz (1982), e na melhor curta-metragem destacou-se «A Única Imagem que Faltava em Casablanca», do alemão federal Charly Weller (1982).

O Prémio CIDALC – Prémio Cidade da Figueira da Foz – foi atribuído ao filme «Ilusões Perdidas», do húngaro Gyula Gazdag (1983), ficando para «A Minha Tia Nora», do realizador equatoriano Jorge Preloran, o Prémio Glauber Rocha que é destinado a distingruir o melhor filme de língua portuguesa ou espanhola.

O Prémio Tóbis, para a melhor fotografia e destinado à cinematografia portuguesa, não foi atribuído.

A concurso estavam «Jogo de Mão», de Monique Rutler, e dois episódios da série televisiva «História de Mulheres», de Lauro António, e intitulados «Casino Oceano» e «A Bela e a Rosa», bem como o documentário «Terra Nova, Mar Velho», de Francisco Manso.

Autos quinhentistas portugueses abrem temporada do Nacional

Quando se imagina um teatro histórico de feição pedagógica como algo de estático, servilmente arqueológico e propositadamente «arrecriativo», corre-se o risco de sofrer uma **decepção** com o novo espectáculo que, desde Maio, se vem preparando no Teatro Nacional de D. Maria II. Inicialmente previsto para a abertura do Festival de Teatro integrado na XVII – e que, como se sabe, foi recentemente cancelado – este espectáculo que vai abrir a temporada da casa de Garrett é constituído por dois autos quinhentistas portugueses de características bem diversas.

Enquanto a primeira parte, preenchida pelo «Auto de S. António» de Afonso Álvares, na versão original, (se) apresenta (como) um auto religioso - claramente, inspirado no género medievo dos «milagres», espécie de hagiografias populares – onde o lirismo do texto se espraia lentamente na contenção do gesto e da movimentação, dando lugar a um quadro de imagens hieráticas, visualmente identificativo com a arte da estatuária, valorizando-se uma leitura moralizadora (não moralista, todavia), através de jogo simbolista, raiando o ritualismo, deixando-se apenas na alegoria, que entremeia o acto, o colorido da embiguidade do que é a luta entre o bem e o mal, enquanto isso o «Auto de Vicente Anes Joeira», que constitui a segunda parte e de quem se desconhece o autor, surge-nos como um «quase-vaudeville» medievo, onde predomina a mordacidade crítica de um teatro popular profano, a um ritmo alucinante, em que a movimentação e o uso contrastante de tempos e contratempos esboçam um ambiente febril de uma certa Idade Média que existiu nos «Carmina Burana», por exemplo, para além das catedrais.

Unidos os dois autos por uma mesma visão estética e estilística, pode o espectáculo, ferozmente antinaturalista, tornar-se polémico, na certeza, porém, que se destina a servir diferentes públicos, na perspectiva primeira do que é a função do teatro: divertir. Só que divertir na senda de uma pesquisa formal sob a perspectiva da inovação...

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

Quinteto *de Robert Altman*

Quando um realizador quer fazer jus a uma fama, geralmente sai obra simplesmente esforçada. Mas quando Altman quer corroborar a imagem (apressada e inverdadeira) que dele fizeram – a de um autor – o resultado é apenas desencorajador

É verdade que esta história, entre a ficção científica e o filme metafísico – a la Bergman – não é destituída de interesse. É verdade que o filme, do ponto de vista cenográfico, chega a ser bem surpreendente. Ou seja, não neguemos que há um certo fascínio neste jogo do **Quinteto**. Mas, depois, há os tiques irritantes: os formais, como esse halo desfocado que envolve sempre as imagens, os de argumento, como a vontade de falar a todo o transe do «destino do Homem», do Apocalipse moral & etc. Depois há o irrisório do empreendimento: nós compreendemos a intriga antes do protagonista e esse saber não nos adianta nada. Depois há o supérfluo das vedetas: Paul Newman, Brigitte Fossey, Vittorio Gassman, Fernando Rey, Nina Van Pallandt, Bibi Anderson, um caldo intelectual sem utilidade nenhuma a não ser para afixar no cartaz.

De maneira que **Quinteto**, passado um primeiro impacto de estranheza e algumas soluções de cenografia, fica apenas como um filme pretensioso, gratuito e mesmo um tanto aborrecido de seguir. Ou seja, Altman não parede capaz de outras coisas senão veriações sobre o seu próprio estatuto de autor, o que ainda por cima não é verdade. Em suma, mais uma desilusão neste início de temporada fértil no campo das esperanças abortadas.

FICHA:
Título original: Quintet.
Realização: Robert Altman (USA-1979)
Argumento: Frank Barhydt, Robert Altman, Patrícia Resnick.
Fotografia: Jean Boffety.
Cenários: Leon Ericksen.
Música: Tom Pierson.
Montagem: Dennis M. Hill.
Interpretação: Paul Newman (**Essex**), Vittorio Gassman (**Saint Christopher**), Fernando Rey (**Grigor**), Bibi Andersson (**Ambrósia**), Brigitte Fossey (**Vivia**), Nina Van Pallandt (**Deuca**), Tom Hill (**Francha**), etc.
Cinema: Quarteto.
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos.

Escritores portugueses no Brasil

Onze escritores portugueses participarão em São Paulo no dia 20 num colóquio sobre as tendências da moderna literatura em Portugal.

São eles Alexandre O'Neill, Almeida Faria, António Alçada Baptista, António Lobo Antunes, Assis Pacheco, Egito de Oliveira Gonçalves, Isabel da Nóbrega, José Cardoso Pires, José Saramago, Lídia Jorge e Pedro Tamen.

Quase todos eles integram uma série de reportagens em que a jornalista Cremilda Medina, do jornal «O Estado de São Paulo», fez um levantamento da literatura portuguesa contemporânea, agora editada em livro com o título de «Viagem à Literatura Portuguesa».

O programa da visita inclui ainda encontros com professores de língua e literatura portuguesa, escritores brasileiros, estudantes, além de uma sessão de autógrafos no Centro Cultural de São Paulo, onde haverá também uma exposição de livros editados em Portugal.

Simultaneamente José Saramago e José Cardoso Pires lançarão no Centro Cultural os seus livros, respectivamente «Memorial do Convento» e «Balada da Praia dos Cães», agora editados no Brasil.

Estes onze escritores percorrerão depois outras cidades brasileiras, deslocando-se a Campinas, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba e Porto Alegre.

Na Sociedade de Geografia

Ciclo de conferências sobre regiões polares

Muitos são os países que neste momento estudam o que se passa actualmente nas regiões polares e o que se passou em eras geológicas. Isto não apenas por tais regiões continuaram praticamente desconhecidas mas por agora se ter reconhecido o grande interesse que o seu conhecimento apresenta para o estudo do desenvolvimento das regiões temperadas.

As condições meteorológicas e a agitação marítima das nossas costas são, como é bem sabido determinadas pelas baixas pressões da Islândia. Que grandes massas de águas frias provenientes dos mares da Gronelândia e da Noruega se encontram ao largo da nossa costa entre os 2000 metros e o fundo é que já não é do conhecimento geral O mesmo se poderá dizer acerca das massas de água proveniente da Antárctida que, deslocando-se no fundo do oceano Atlântico, chegam aos Açores. A presença de tais massas de água fria, no entanto, muito afecta as condições de vida de tdos os seres marinhos que se pescam nas nossas costas e não apenas as do bacalhau que os nossos pescadores vão buscar aos bancos da Terra Nova.

Convirá referir, a propósito, que nas abundantes reservas em proteínas existentes nos mares do Antárctico actualmente se põem grandes esperanças para a resolução do problema da fome no Mundo.

Quais os recursos minerais do Árctico e do Antárctico? Existem neles jazigos ricos em minerais? Poder-se-ão neles obter os preciosos hidrocarbonetos? Para orientar e abreviar a pesquisa de tais recursos será necessário averiguar previamente o que nessas zonas se passou há algumas dezenas de milhões de anos. Por isso, geológos estão a estudar a evolução de tais zonas, em particular a partir do fim da era Mesozóica.

Para que entre nós se não continue a ignorar o muito que nos últimos anos foi possível averiguar e o muito que se espera vir a conhecer acerca de fenómenos que, embora ocorrendo a grande distância, tanto afectam e mais poderão vir a afectar as nossas condições de vida, a Sociedade de Geografia vai promover, em Outubro e Novembro do corrente ano, um ciclo de conferências em que as Regiões Polares serão tratadas sob os seguintes aspectos:

No próximo dia 23, «Interesse do Ciclo», por «Sir» Ranulph Fiennes; 13 de Outubro, «Históricos e Políticos», pelo comandante Limpo Serra; 20 de Outubro, «Meteorológicos e Geofísicos», pelo dr. Espírito Santo; 27 de Outubro, «Oceanográficos», pelo comandante Gonçalves Cardoso; 3 de Novembro, «Geológicos», pelo dr. Hipólito Monteiro; 10 de Novembro, «Biológicos», pelo prof. Luís Saldanha; 20 de Novembro, Encerramento, por «Sir» Vivian Fuchs.

Novo mapa-tipo dos "culturais" da RTP

Dez programas culturais figuram no novo mapa-tipo da Radiotelevisão Portuguesa, a estrear em 17 de Outubro.

Seis desses programas serão emitidos pela RTP-1 e os restantes quatro pela RTP-2.

Os da programação do Primeiro Canal da RTP são «Bem Dizem Bem Escrever» (às terças-feiras), «3 tons» (jazz, às quartas-feiras), «Memória de um Povo» (quinzenal às quintas-feiras), «ResPública» (quinzenal, às quintas-feiras), «Viva a Cultura» (jornal cultural, às sextas-feiras) e «No Tempo» (aos domingos).

Os do Segundo Canal são «Estórias da Música» (às quartas-feiras), «... Da Música» (às quintas-feiras), «Clube de Jazz» (às sextas-feiras) e «Teatro Para Todos» (aos domingos).

XVII Exposição

Continuação da pág. 3

recuperação dos exemplares patrimoniais que foram postos à nossa disposição foi única. O rejeitar o provisório foi, quanto a nós, uma atitude inteligente, sensata e culturalmente rendível. Optar por um provisório, só revelaria incompetência, temor (para não dizer medo) ou incapacidade de realização.

Sabia-se (e Pedro Vieira de Almeida melhor que ninguém, pois que há muitos anos se dedica a estas coisas do património) o estado verdadeiramente ruinoso em que se encontravam a Madre de Deus, a Casa dos Bicos, a Torre de Belém, os múltiplos perigos de incêndio que pairavam sobre o Museu Nacional de Arte Antiga, o abandono funcional a que estavam votados os espaços complementares da Igreja dos Jerónimos.

Logo, a opção pelo não provisório tornou-se mais do que evidente, exigível.

2.º Artigo de 28/7/83 – (Madre de Deus)

O núcleo da Madre de Deus, arquitectonicamente, assenta num estrutura espacial ptéexistente (isto é, que já lá existia) à excepção dos seus espaços de entrada – pátios, vestíbulos, bar e sala – que, embora contidos naquela estrutura, foram retirados dos suas funções extra-museográficas e altamente perigosas (oficinas da Casa Pia de Lisboa) que desempenhvam.

Por outro lado, esta estrutura espacial não é a original do Convento da Madre de Deus, mas é o fruto de uma série de intervenções, algumas de vulto, que através dos tempos lhe foram introduzidas.

Logo, toda a sua sequência espacial é uma miscelânea de épocas e gostos correspondentes às intervenções.

Mais. Os espaços que estão ocupados pela Exposição e que já pertenciam, a maior parte deles, ao Museu Nacional do Azulejo são uma ínfima parte de um complexo arquitectónico, muito mais vasto, que se encontra hoje na posse da Casa Pia de Lisboa (secção Maria Pia).

Por isso se propôs, em princípios de 1981, ao IPPC o rápido estudo de um plano director para aquele complexo, que pudesse orientar com maior precisão a intervenção que se iria processar numa das suas partes.

Esse estudo, que obviamente não cabia dentro do âmbito de intervenção deste Comissariado, não foi feito e este viu-se assim empurrado para uma intervenção sectorial que não desejava.

Por tudo isto, a recuperação das áreas do Museu do Azulejo limitou-se ao estritamente essencial, tendo havido o cuidado de deixar esta intervenção como uma intervenção «em aberto» perante as estruturas espaciais globais existentes no local.

Daqui resulta que, PVA tenha «lido» uma certa «timidez», uma «pouco audiciosa», uma «hesitação» na intervenção que «não se constitui como uma intervenção altamente qualificada»! Mas o que é curioso nestas considerações é que PVA, por dever de funções, é, ou deve ser, conhecedor de toda esta problemática da Madre de Deus e para criticar um núcleo da XVII omite a razão primeira da diversificada estrutura espacial do próprio edifício que se pretendeu respeitar.

A crítica de PVA aborda quatrc planos: o arqueológico, o urbano, o arquitectónico e o expositivo, mas sem a profundidade e o conhecimento de causa que a sua posição de crítico implica.

Não me proponho escalpelizar todos os argumentos trazidos à «incrível polémica» que se gerou à volta da Casa dos Bicos. Para já esclareço PVA e o público leitor que a operação Casa dos Bicos não constituiu, para os coordenadores e responsáveis da Exposição, a intenção de ser o «prato forte» da mesma, nem tão pouco a peça polémica. As nossas ambições limitaram-se a um processo metodológico compatível com a concretização de uma Exposição Europeia (e não exclusivamente nacional como muitos pensam) e com a efectiva transcendência de uma intervenção patrimonial muito delicada. Disto temos plena consciência.

Intervir numa unidade patrimonial implica o estabelecimento de critérios de intervenção e estes não são os mesmos para as circunstâncias em que se apresentam todas essas unidades. Para umas poderá ser a simples reconstrução por existirem dados concretos e rigorosos que a permitam. Para outras, arruínadas, abandonadas por desleixo ou incúria e das quais não existem os referidos dados concretos e rigorosos, há que haver a coragem de as recuperar (não reconstruir) em termos de unidades patrimoniais úteis para funções urbanas claramente necessárias. E, nestes casos, a criatividade e intervenção formal deve ser assumida sem quaisquer receios, de forma a expressar e testemunhar a época dessa mesma intervenção. Sobre este ponto, também, não tenho quaisquer dúvidas.

As críticas de PVA ao processo arqueológico realizado na Casa dos Bicos são extremamente duras e esquecem factores e circunstâncias várias. Por exemplo: num processo de construção de edifícios em Lisboa foi, segundo julgo, a primeira vez que assim se procedeu, sendo nos outros casos, qualquer achado levado para vazadouros, as próprias escavaçês nos vão dando o valor relativo dos achados e os técnicos arqueológicos registam exaustiva e documentalmente tudo o que vai aparecendo (só assim é possível chegar-se a camadas inferiores), tudo o que foi considerado pelos arqueólogos, em perfeita colaboração com toda a equipa projectista, como imprescindível de ficar no próprio local, aí ficou e lá está.

Todo este processo conduziu a um enorme esforço de concretização por parte de todos os intervenientes e ao não abandono da Casa dos Bicos como núcleo expositivo e como peça urbana recuperada, negando-se frontalmente o recurso fácil ao provisório exterior no largo. Esta hipótese, aventada por PVA, conduziria a termos, arrastadamente, a Casa dos Bicos na mesma situação de impasse em que se encontrava e contra a qual nunca ninguém se insurgiu (nem mesmo PVA ou o grupo de críticos de Arte a que pertence). E, por outro lado, não faltaria quem viesse acusar-nos de incapacidade de realização, deixando uma obra a meio (quem a continuaria?)

Esclareço ainda, que as escavações no exterior foram iniciadas desde a primeira hora na área possível e ocupada pelo diminuto estaleiro da obra. Mas foram interrompidas quando veio à luz a parte superior do colector existente ao longo da rua e que para a sua feitura implicou, ao tempo, a abertura de uma grande vala com remoção e remechimento de todas as camadas arqueológicas com interesse. As peças aparecidas posteriormente, precisamente no lado contrário desta sondagem inicial, foram aí lançadas quando do reenchimento das obras do colector. Não há, julgo, «excessiva ligeireza e menor aviso», como afirma PVA, nem tão pouco as pedras encontradas no exterior e no interior da Casa dos Bicos tinham qualquer cabimento numa reconstrução impossível de realizar, como já afirmei.

Quanto aos aspectos urbano, arquitectónico e expositivo não nos cabe tecer considerações sobre a justeza das soluções mas apenas registar que nas suas linhas gerais eles correspondem aos objectivos fixados pela coordenação geral da Exposição.

Uma palavra ainda sobre os arranjos exteriores. Basta ler o Decreto que cria o Comissariado para se concluir que a este não competia qualquer arranjo urbano na cidade, cuja autarquia é a única autoridade com competência de intervenção. Pro isso o Comissariado limitou-se a apresentar sugestões para o Campo das Cebolas e para a área fronteira à Rua Vieira Portuense em Belém. Apenas a primeira foi, embora tardiamente, concretizada pela CML e segundo o seu critério.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Mais outra do Bento, maltratado em Moscovo, coitado

VÁRIAS vezes na televisão nos convidaram, melhor dizendo, nos obrigaram a estar presentes na emissão de sábado. E porquê, e porquê, e porquê, senhoras e senhores? Porque iam transmitir uma ópera célebre? Porque iam apresentar grandes artistas? Enfim ... porque iam ao menos transmitir, nem que fosse em diferido, um jogo do Benfica?

Nada disso. Tratava-se do último episódio do «Dallas».

A locutora dizia que se tratava de um «acontecimento de grande importância». E com um acento dramático de vendedeira de banha da cobra: **Esta noite não saiam de casa... Não percam a oportunidade de ver pela última vez...** etc, etc.

«Dallas» o maior logro da história da televisão. A negociata sem escrúpulos levada às últimas consequências. A exploração mais desenfreada do provincianismo internacional.

Que a RTP tomou a sério. Até ao vómito. Como se vê pela demagogia da locutora.

Pseudopopular com falta de ar

Prometeram-nos que o Festival de Folclore do Algarve teria apenas hora e meia. Já seriam muitos, muitos mais do que à primeira vista parece, aqueles noventa minutos. Mas uma vez mais, a RTP falseou os seus próprios números.

São quase onze horas no momento em que começo a escrever esta crónica. Já adormeci e já acordei uma data de vezes. O festival lá continua, lá continua sempre, desde as nove horas. Sabe Deus quando terminará.

Estas manifestações «folclóricas» deixam-me sempre num grande estado de depressão. Não consigo tornar-me malhadiço e já lhes sofro os ataques há uma data de anos. Dou por mim a perguntar, danadamente: «Mas é isto o folclore? É esta a cultura musical, balética, poética do nosso povo? Ao longo de oitocentos anos (oitocentos anos, caramba, não é brincadeira nenhuma!) não produzimos mais do que estes pulinhos, saltinhos, saias até ao chão, mãos no ar e as rodas, e as rodas sem fim, ora agora chego eu, ora agora chegas tu? Estas gaiticas, estes acordeonismos, estes ferrinhos? Estas composições roídas por uma sub, subíssima literatura? Este pseudopopular com falta de ar?

Tudo o mesmo, tudo igual (com raríssimas excepções) de terra para terra, de rancho para rancho. É como se apenas os nomes das terras mudassem — e fossem sempre os mesmos bailadores, os mesmos professores, os mesmos compêndios.

Tudo agravado com a presença de Raul Durão, que também já faz parte de um certo tipo de folclore da RTP. Aliás, agora felicíssimo, biligando, por ter demonstrado, perante milhões de pessoas, que há uma língua que ele ainda fala pior do que o português.

Na assistência notava-se a figura do dr. Mário Soares. Soturno. Cara de poucos amigos — se é que ainda tem alguns — parecia assistir sem nenhuma espécie de deslumbramento. Para tudo dizer: notava-se que estava ali a fazer um grande frete, que não estava satisfeito.

Que lhe teria acontecido? Mistério!

A verdadeira explicação dos 5-0

Passava das onze horas quando chegou o **Girabola.** A abrilhantar o serão, duas figuras conhecidas: Fernando Cabrita, sucessor de Otto Glória no comando da selecção, Bento, guarda-redes do Benfica.

A maior parte do tempo foi ocupada com a transmissão de imagens de jogos da segunda divisão, seguidos de entrevistas com os treinadores ou presidentes dos clubes.

Estas girabolices não ultrapassam os lugares-comuns, as fofoquices futebolísticas dos jornais desportivos para consumo dos «drogados». Raramente (nem me lembro se alguma vez o foram) são espaços para meditar o desporto na sua missão social, educativa de, também ele, contribuir para a construção do homem. Ali tudo se circunscreve ao remate, ao golo, ao plantel, ao resultado, ao que se passou no campo. Para «Girabola», fora das quatro linhas, não há mais nada. A esta dicotomia, a este confundir todo o universo com o valor do reduzido do círculo em que nos movemos, é que se chama alienação. RTP — claro! — contribui fortementemente para isso.

As maiores vítimas desse engano são os próprios jogadores. Alguns chegam mesmo a acreditar que são ídolos, merecedores de todos os privilégios. Na sua ingenuidade, atingem as fronteiras da anedota.

Bento, por exemplo, jamais terá podido imaginar que os deuses, seus pares, o abandonariam e permitiram que lhe enchessem o saco com cinco bolas. Como aconteceu em Moscovo. E como o guarda-redes não aceita esta rasteira de Júpiter, vá de buscar explicações. Foi a alimentação (ingratos, deram-lhe lombinhos de esturjão e ainda reclama!), foi a fruta — e ontem veio com mais uma achega para a derrota.

Foi assim. Como chegaram tarde ao hotel, tiveram de deixar as bagagens no «hall» e seguir logo para o restaurante, pois se arriscavam a ficar sem jantar...

De que se queixa Bento? Queixa-se de ter estado num país onde os futebolistas são tratados como pessoas — e não como deuses. Na sua verdade humana e não na sua mentira mitológica de emoções subdesenvolvidas. De qualquer modo, não se compreende como o facto descrito terá influenciado o resultado volumoso.

O que vale é que este homem dá menos «frangos» na baliza do que nas entrevistas. Se não, era uma desgraça.

Hoje

Ana Preta, uma das personagens da telenovela «Pai Herói», que continua a exibir-se todos os dias à hora do almoço

15.20 **Matinée das Três e Meia** – «A Grande Competição». Intérpretes: Paul Newman, Joanne Woodward
17.20 **«Sítio do Pacapau Amarelo»**
17.50 **Sumário**
18.00 **Tempo de Desporto**
18.25 **Curso de Línguas** – Inglês.
19.00 **Teleregiões**
19.25 **Tempo dos Mais Novos**
20.00 **Telejornal** – as notícias do País e do estrangeiro.
20.30 **Telenovela** – «Origens».
21.05 **Vamos Caçar Mentiras**
22.40 **Último Jornal**

Na rubrica Teatro do Mundo, da RTP-2, representa-se a peça de Luís de Pina, intitulada «Verso e Reverso», que tem como principal intérprete Eládio Clímico

19.02 **Desenhos Animados**
19.30 **TV/2 Notícias**
19.40 **Se o Mar Acabasse** – «A Pesca do Bacalhau».
20.20 **Pliedro** – artesanato no distrito de Viseu.
20.40 **Teatro no Mundo** – «Verso e Reverso». Intérpretes: Eládio Clímico, Maria Amélia Matta, Carlos Veríssimo, Lídia Franco e Fernanda Lapa.
22.00 **Jornal da Noite**
22.20 **«Demissão Adiada»** (6.º epesódio). Intérpretes: Ângela Browne, Martin Jarvis e Glyn Bouston.

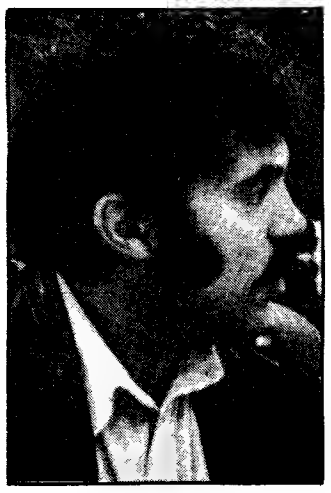
Amanhã

13.00: Desenhos Animados; **13.30**: Jornal da Tarde; **13.55**: «Pai Herói»; **14.55**: Voar; **15.20**: «O Caso dos Antigos Astronautas»; **16.50**: «Lucinda Brayford», **17.50**: Sumário; **18.00**: «Novas Aventuras de Popeye»; **18.25**: Curso de Línguas – Francês; **19.00**: Teleregiões, **19.30**: Tempo dos Mais Novos, **20.00**: Telejornal; **20.30**: «Origens» **21.05**: «Avenida Paulista»; **21.55**: Programa musical – com Sammy Davis Jr. **22.50**: Último Jornal.

19.00: Desenhos Animados; **19.30**: TV/2 Notícias; **19.40**: Fronteiras da Música; **20.10**: Património; **20.35**: Cine-Clube/2 – «Rumo a Tóquio»; **22.15** Jornal da Noite **22.35**: «Demissão Adiada».

DOIS RELANÇAMENTOS PELA MINERVA

MANUEL GERALDO



A SEGUNDA MORTE DO GENERAL DELGADO

CARLOS ALBERTO CORREIA

PENÉLOPE E OUTRAS ESPERAS

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 680, 3.ª Secção.

Exequentes: DECORAÇÕES SANTOS & MORAIS LD.ª.

Executado: IRENE LOPES MONTEIRO VIDAL, casada, doméstica, residente na Av. Rio de Janeiro, 60-3.º Esq.º, em Lisboa.

Lisboa, 27 de Julho de 1983

O Juiz de Direito,
Alípio Duarte Calheiros

O Escrivão Adjunto,
José Alberto Martinho Pereira

«DL» — 19/9/83 — 1.ª Publicação

Caminhos de Ferro Portugueses

VENDA DE SUCATAS

Está aberto concurso público até 6-10-83, para venda de sucatas, agrupadas no Barreiro e constituídas por:

— Sucata de motores e peças dos mesmos
— Sucata de radiadores
— Sucata de alumínio
— Sucata de material eléctrico
— Caldeiras de vapor.

As informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidas no Departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 Lisboa Codex, telefone 86 97 60 a 68, ext. 229 ou telex. 12382 FERPOL P.

POUPE ELECTRICIDADE

Direcção Geral de Energia
Campanha de poupança de energia

ouro

TODOS OS OBJECTOS MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av. Almirante Reis, 175 1.º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP Vamos Caçar Mentiras (21.05)

2 RTP «Verso e Reverso» (20.40)

Origens

Hermínia encontra Cassilda em casa de Francisco a esvair-se em sangue. Cassilda desmaia.

Gaspar diz a Luís, André e a Sara que não os pode ajudar mais do que já fez. Luís diz a Gaspar que ele deve aparecer como herdeiro.

Nando diz a Xavier que decidiu aceitar a sugestão do pai e ir trabalhar para a loja. Ao mesmo tempo confessa que as coisas com Filomena parecem estar pegadas. Xavier e Nando abraçam-se a chorar.

Júlia desce as escadas. Vai ao chaveiro e depois dirige-se para o telefone, falando com Morato

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Cinema

A Cinemateca Portuguesa comemora hoje o centenário do nascimento do realizador e operador Ernesto de Albuquerque, pioneiro do cinema português. Serão exibidos, às 18 horas, na Sala Dr. Félix Ribeiro, excertos de filmes seus, recentemente descobertos e recuperados, e «Pratas Conquistador», de que foi director de fotografia.

Às 21.30, na mesma sala, será exibido «L'Argent», de Robert Bresson, um dos filmes mais polémicos que recentemente passaram no Festival da Figueira da Foz.

Música

A encerrar o programa musical paralelo à XVII Exposição de Cultura e Ciência do Conselho da Europa, Joaquim da Hora interpreta hoje, às 21.30, no órgão da Sé de Lisboa, obras de António Carreira, Cabezon, Heredia, Manuel Rodrigues Coelho, Frescobaldi, Basquini, Froberger, Boyvin e Pierre de Mâge.

Exposições

No Centro de Arte Moderna Gulbenkian, aberto às terças, quintas e domingos, das 10 às 17 horas, e às quartas e sábados das 14.30 às 19.30, o público tem à disposição três espaços preenchidos por galerias de exposições, sendo a principal consagrada à Colecção de Arte Portuguesa, com obras desde 1911, e as outras duas à pintura e escultura estrangeiras e ao desenho, gravuras e livros, além de uma sala de exposições temporárias que oferece agora uma mostra de Amadeu de Sousa Cardoso, e um museu de escultura, ao ar livre, com vinte peças.

A XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura do Conselho da Europa, dedicada a «Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento» continua patente ao público até ao fim do mês, em cinco núcleos: Convento da Madre de Deus (Xabregas), Casa dos Bicos (Campo das Cebolas), Museu Nacional de Arte Antiga (Rua das Janelas Verdes), Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém. Todos os dias, das 10 às 20 horas, excepto às quartas-feiras.

Maruício Abreu expõe fotografias no claustro do Convento de Jesus, em Setúbal. A mostra, denominada «Terra Branca», é organizada pela edilidade setubalense e está patente ao público até ao próximo dia 23.

Uma colectiva de serigrafia e escultura pode ser visitada na Altamira, em Lisboa (Av. 5 de Outubro, 39), de 2.ª a 6.ª-feira, entre as 10 e as 19.30, até ao fim do mês. Apresenta obras de, entre outros, António Botelho, Cargaleiro, Cruzeiro Seixas, Júlio Resende e Vespeira.

Maizum: 10 dias na SNBA com «Gilgamesh»

Teatro

O Maiz um pegou na sua última produção, «Gilgamesh», e mudou-se provisoriamente da Rua do Século para a Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde estreará o espectáculo, no próximo dia 30 de Setembro, pelas 21 horas e 30. Aí na Barata Salgueiro fará somente uma curta temporada de 10 representações, após as quais se deslocará a Espanha, para participar pela segunda vez no Festival Internacional de Teatro realizado em Sitgés – Barcelona. Lembramos que o ano passado já este grupo participou em tal realização com «Drácula's Concert», tendo sido considerado um momento alto a participação portuguesa em tal festival. «Gilgamesh» é um poema épico de origem suméria. A versão cénica baseada em tal poema é de Adolfo Gutkin, os textos são do poeta Pedro Támen, cenografia de Nuno Câmara Pereira, figurinos e adereços da pintora Ana Vieira, música de Carlos Federico e direcção vocal de Francisco D'Orey. A interpretação é dos actores: Ávila Costa, Carlos Paula, Helena Serrão, José Lopes, Luís Gamito, Paula de Freitas, Carlos Lara e Silvina Pereira Martins.

Finalistas da Escola de Teatro do Conservatório Nacional de Lisboa organizam entre 22 e 29 do corrente uma «Semana de Teatro» durante a qual serão apresentadas seis montagens, escolhidas entre o conjunto de exercícios de fim de curso. Os espectáculos, com entrada gratuita, serão apresentados na Comuna e na sala da Sociedade Portuguesa de Autores. O programa é o seguinte: SPA (Av. Duque de Loulé, 31) – **Bedtime Story**, de Sean O'Casey (dias 22 e 23 às 18 horas); **O Amante**, de Harold Pinter e **A Lição**, de Ionesco (dias 26 e 27 às 18 horas); na Comuna (Praça de Espanha) – **Sonho de uma Noite de Shakespeare**, colagem de textos (dias 22 e 23 às 21.30); **A Canção do Lobo Mau**, de Jack Richardson e **Contistórias**, montagem de contos tradicionais (dias 28 e 29 às 21.30).

concurso RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel _____

Código Postal _____

Lic. TV Nº _____

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	87$15	93$15
ALEMANHA FED (marco)	45$95	47$95
ÁUSTRIA (xelim)	6$45	6$60
BÉLGICA (franco)	2$112	2$312
BRASIL (cruzeiro)	$050	$150
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	99$70	101$70
(notas de 5 a 1000)	100$20	102$20
DINAMARCA (coroa)	12$80	13$20
ESPANHA (peseta)	$771	$893
EUA (dólar – notas de 1 a 2)	123$15	125$15
(notas de 5 a 1000)	123$65	125$65
FINLÂNDIA (marka)	21$50	22$10
FRANÇA (franco)	15$20	15$90
HOLANDA (florim)	41$10	42$10
INGLATERRA (libra)	185$05	189$05
IRLANDA (libra)	144$75	148$75
ITÁLIA (lira)	$070	$080
JAPÃO (iene)	$477	$512
NORUEGA (coroa)	16$55	17$05
SUÉCIA (coroa)	15$60	16$20
SUIÇA (franco)	56$55	57$65
VENEZUELA (bolivar)	7$20	8$20

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

16.15: Música de câmara; **17.00**: Rosa rosae; **17.30**: Música do século XVII; **18.05**: Culturando; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.10**: Concerto em ré maior, para violino e orquestra, de Beethoven; **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **22.00**: Os caminhos do homem; **22.50**: Solos de órgão; **23.06**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Musical; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Equipa da tarde; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.00**: Ouvir e pensar; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

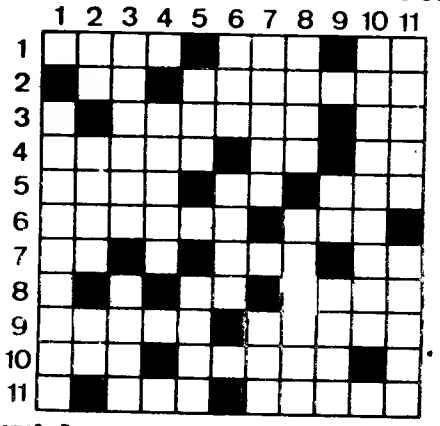
14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Paju.

NÃO entre na água após demorada exposição ao sol

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 3 838



HORIZONTAIS:

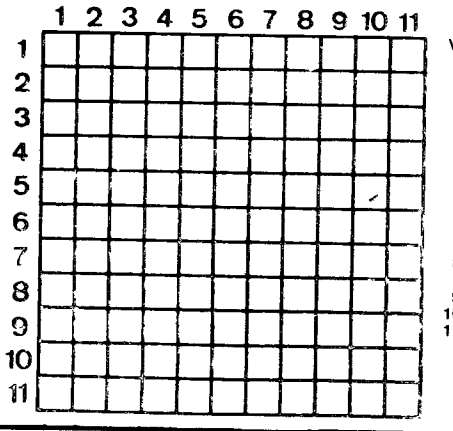
1 Aquele que. Possui. Plutónio (s.q.).
2 Milímetro. Assolaras.
3 Estar unido por aderência. Cálcio (s.q).
4 Arrancam. Autores. Idem.
5 Dar pios. Césio (s.q). Mãe de Rómulo e Remo.
6 Enganado. Cada uma das parte dissociadas pela corrente eléctrica.
7 Letra grega. Desgraça. Aqui.
8 Preposição e artigo. Bonança.
9 Alcunhas. Transferes para outro dia.
10 Nome de jogo. Nome de mulher.
11 Transpira. Cidade de Itália.

VERTICAIS:

1 Expectativa.
2 Artigo indefinido. Freguesia do concelho de Barcelos. Sufixo que designa estado.
3 Reunir em maço. Íntimos.
4 Oferecerás.
5 Possui. Doença que dificulta a respiração.
6 Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África. Lago de Itália.
7 Rio do Brasil. Altar cristão.
8 Mamífero roedor da América do Sul também conhecido por lebre-das-pampas. Refutais.
9 Letra grega. Esteiros.
10 Perseverança.
11 Estragada. Queimas.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9690



HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Carruagem (Gir-Bras).
2 Congregava. Faldas.
3 Infausto. (fig). O mesmo que nogueiral.
4 Rate. Ataca.
5 Ledes letra por letra.
6 Pronome pessoal. Expulsei.
7 Triturasses.
8 Rebole. Ensejo.
9 Abalar. Chiste.
10 Cria.
11 Relativos a oásis.

VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Loulé.
2 Banha de porco. Olé.
3 Freguesia do concelho de Coimbra. Encaplado (falando-se do mar).
4 Punhado. Operária.
5 Fazei subir. Rente.
6 Aprova. Quinhentos e um em romano.
7 Aldeia de Itália. Textualmente.
8 Local onde se faz o vinho. Prendo.
9 Agita. Divisões de uma casa.
10 Soberba.
11 Manuscrito. Campeão. Deitar solas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 837

HORIZONTAIS:

1 VELHO. É. Mês.
2 Alão. Picara.
3 Sés. Paras.
4 Tisnares Ca.
5 Au.
6 Al Camba
7 Passavivas. Rs
8 Ele Pé.
9 Descascaria.
10 Ri. Romãs. Ri
11 Ossos Socos.

VERTICAIS:

1 Vasta PEDRO
2 Elei. Taleis.
3 Lassa. Sés.
4 Ho. Nuas. Cró.
5 Pá. Li. Nos
6 PARA. SM
7 Eira. Cascas.
8 Castas. Aso.
9 Mas Pr.
10 ER. CABREIRO
11 Sala. Ás. Ais

PROVÉRBIO: Velho é Pedro para cabreiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9689

HORIZONTAIS:

1 Quem. Barata.
2 Ura. Mui.
3 Ia. Turrando.
4 ONU. Em. Or.
5 Tomar. Ras
6 Bi. Asso.
7 Cerco. Sapa.
8 Talos. Sarem
9 Uvas. Calara.
10 Dosarias. Di.
11 Os. Sa. Vês.

VERTICAIS:

1 Quito. Tudo
2 Urano. Cavos.
3 Ea. Umbelas.
4 Airosas
5 Quer. Cs. Ra.
6 Ao. Ci
7 Aéreas. Saaz.
8 Amassais
9 Ain. Soara.
10 Tudo. Perde.
11 Amora. Amais.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
PARADA DAS ESTRELAS

AVIS 547163

Av Duque de Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
O SANTO E A VENDETTA
1.ª Semana

BERNA 776098

Av Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS AVENTUREIROS DO FIM DO MUNDO

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
int. men. 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
10.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO
2.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.30, 18 e 21.30
REBECA
Às 24
O HOMEM, O ORGULHO E A VINGANÇA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av 5 de Out. e Pinh. Chagas

As 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE
Às 24
O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN-HILL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

As 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
UM CASO ESTRANHO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21
- N. ac. men. 18 a.
SOLDADO AZUL

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 13/4

Às 15.30 e 21.30
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O GRANDE DESAFIO
- N. ac. men. 18 a.

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
61.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
LOUCA AVENTURA NA SELVA

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
A PROVINCIANA

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
SUPERMAN III
2.ª Semana

LONDRES 36-31-5

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
VERÃO ASSASSINO

MONTECARLO 58[illegible]

Av. Pedro Álvares Cabral, 3

As 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
SAS TERROR EM S. SALVADOR

MONUMENTAL 555[illegible]

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
ORAID DOS COMANDOS

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
O TURNO DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O PROFISSIONAL

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A VIDA É SEMPRE IGUAL
c/ Júlio Iglésias

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14, 17.45 e 21.30
- N. ac. men. 10 a.
O GIGANTE
4.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30 e 21.30
Int. men. 18 anos
A HISTÓRIA DE BRUCE LEE

Uma cena do filme INICIAÇÃO CARNAL de Mike Nichols com Jack Nicholson, Candice Bergen, Arthur Garfunkel e Ann-Margaret, em Exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA A
Às 4.30, 16.45, 19 e 21.15
QUINTET
As 23.30
O HERÓI DO ANO 2000

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
SERENATA À CHUVA
Às 23.30
RUMOS DO CINEMA

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 13 a.
LADRÕES DO TEMPO
Às 23.30
GUERRILHEIROS DO INFERNO

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
M. 16 a.
INICIAÇÃO CARNAL
Às 23.30
O MEU TIO DA AMÉRICA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
PINK FLOYD, THE WALL

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O SENHOR DO FERRO
JOÃO BRONCAS, O ETERNO REPETENTE

SÃO JORGE 579144-579342

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
SOPHIE'S CHOICE
4.ª Semana

SALA 2

Às 21.15
Maiores 12 anos
HEAT AND DUST
(Verão indiano)
7.ª Semana

SALA 3

As 13.45, 17.30 e 21.00
Não ac. men. 13 anos
GANDHI
25.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 6-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
QUATRO AMIGOS

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- M. 18 a.
UMA MULHER DE SONHO

STAR 80[illegible]

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
OS ANOS LOUCOS DE MONTPARNASSE
4.ª Semana

TERMINAL 37[illegible]

Estação do Rossio

Às 11, 13.15, 15.30, 17.45, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
SUPERMAN III

TIVOLI 370595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
PARADA DAS ESTRELAS

VOX 380809

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 379

As 15, 18.15 e 21.30
- M. 3 a.
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O NEVOEIRO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA-2 — «Os Três Dias do Condor», às 21,30 (13 anos)
ALFA-3 – «Bad Boys» às 21.45 (16 anos)
QUINTETO - «Glória». às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «A Floresta do Prazer», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «A Gata Borralheira», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «Opção Final», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
CINESTÚDIO ACS – «João Broncas, o Eterno Repetente», as 21.15 (6 anos)
APOLO 70 – «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
CITY-CINE - «Musica no Coraçáo», às 21.00 (6 anos)
ROYAL – «Kung Fu em Explosão», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «Bruce Lee, a Face da Vingança», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Cine-Almada – «O Vingador da Noite», às 21.30 (18 anos)

COSTA DE CAPARICA – Silcine – «O Juiz Sou Eu», às 21.45 (18 anos)

ALMADA – Incrível – Encerrado para obras

ALMADA – Academia – «Fanny e Alexandre», às 21.15 (12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «Blade Runner, Perigo Iminente», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Desafio das Águias», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Uma Ilha no Tecto do Mundo», às 21.30 (Todos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Bad Boys» às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido - «Os Malucos Atacam de Novo», às 21.30 (6 anos)
AMADORA – Cinestúdio - «Monsenhor» às 21.30 (12 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «O Anjo do Rock», às 21.30 (13 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «Átila». às 21.15 (13 anos)

Porto

TERÇO – «Tigre em Fúria», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Dinamite Johnson», às 21.30 (12 anos)
ÁGUIA – «Os Salteadores da Arca Perdida» às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Trinitá, Cowboy Insolente», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Superman III», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE – «Verão Indiano», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE-A – «Nasce uma Estrela», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS - «Duelo Entre Gigantes», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «O Caçador», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Na Calada da Noite», às 21.45 (13 anos)
BEBÉ - «Tootsie» as 21.45 (13 anos)
FOCO – «Amantes de Verão», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Bad Boys», às 21.30 (16 anos)
PEDRO CEM – «A Vida é uma Festa», às 21.30 (13 anos)
RAIONE - «A Ponte Sobre o Rio Kway», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Amantes de Verão», às 21.30 (18 anos)

farmácias

Lisboa

AJUDA: Lídia Almeida – Cç da Ajuda 170 (Tel 637318); **ALVALADE: Cartaxo** – Av da Igreja 21 C (Tel. 897958). **AVENIDAS NOVAS: Valle** – Av. Marquês de Tomar 47 (Tel. 773043). **BENFICA-IGREJA: Marques** – Est de Benfica 648 (Tel. 700046); **HOSP. S. JOSÉ-DESTERRO: Silmar** – Rua de São Lázaro 128 (Tel. 542824); **CAMPOLIDE: Pátria** – Cç dos Mestres 30 A (Tel. 680627); **PALÁCIO DE SÃO BENTO: Micael** – Rua São Bento 380-382 (Tel. 662162); **PAMPULHA: Infante Santo** – Rua do Olival 290 (Tel 661003); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha** – Rua Penha de França 58-60 (Tel. 849245); **VALE FORMOSO-POÇO BISPO: Barros Gouveia** – Rua Vale Formoso Cima 79-B (Tel. 382180); **ALGÉS: Almeida Nito** – Av Comb. Grande Guerra 34 (Tel. 2112070); **BRANDOA-COLINA DO SOL. Vidal Reis** – Quinta da Correia-Célula G Lote 35-Urb. Alfornelos (Tel 996540). **ODIVELAS-PATAMEIRAS: Amaral** – Rua Antero Quental 8-8A (Tel. 925455).

REFORÇO

BAIXA: Durão – Rua Garret 92 (Tel 324166); **CAMPO D'OURIQUE: Condestável** – Rua Coelho da Rcoha 119 (Tel 666206); **ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço** – Lg D. Estefânia 4-5 (Tle. 554808); **JOÃO XXI: Onilda** – Av Joao XXI 13 A (Tel. 886848); **LUMIAR: Patuleia** – Alm. Linhas de Torres 262 B (Tel. 790332), **OLIVAIS NORTE: Central Olivais** – Rua Alf. Barrilaro Ruas 7 C (Tel. 815539); **MARQUÊS POMBAL-METRO PICOAS: Correia de Almeida** – Av. Fontes Pereira de Melo 21 B (Tel 547385). **PALHAVÃ: Aguiar** – Av. Col. Bordalo Pinheiro 98 A (Tel 764629); **PICHELEIRA: Marluz** – Cç da Picheleira 140 BC e Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tle. 880703); **SANTO AMARO: Correia de Azevedo** – Rua Luís de Camões 42 B (tel. 638625); **VALE ST. ANTÓNIO: Martins Lda** – Rua Fernão Magalhaes 33 (Tel 849448); **BURACA: Vaz Martins** – Rua António Ferro 6 A (Tle. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova** – Rua Açores 11 A (Tel. 910305); **PRIOR VELHO: Matos** – Tv. Prioras (Tel. 2519939); **PONTINHA: Pontinha** – Est. Santo Eloi 4 Lote SE (Tel. 990220)

Linha de Cascais

TIRES — Guimarães — L. Duartes,lote A-r/c (tel. 2441616), até às 22 horas; **ALCABIDECHE — Carvalho** — B. João P. Corr.ª, 40-B (tel. 2690363), até às 22 horas; **PORTO-SALVO — Ferreira Bastos** — R. D. Firmino Reb.º (tel. 2421015), até às 22 horas: **CAXIAS — Nova** — R. Bernadim Ribeiro, 1-A (tel 242839), permanente: **CARCAVELOS — Vilar** — Av. M.ª Conceiçao, lote 8 (tel. 2470777), permanente; **S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira** — Av. Sabóia, 29-B (tel. 260085), até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA — Luz** — Até às 22 horas; **OEIRAS — Alcântara Guerreiro** — Residencial Dr. Augusto Castro, lote 10 (tel 2430691), até às 22 horas; **PAREDE — Macau** — R. J. Elias Garcia, 42 (tel. 2471785), permanente; **SASSOEIROS — Amaral Semblano** — Quinta das Encostas, até às 22 horas; **MADORNA — Madeira** — Até às 22 horas, **AMOREIRA — Abrantes** — Viv Maria Carlos Anj. (tel. 2682313), até às 22 horas: **ESTORIL — Parque** — Arcadas do Parque, 3 (tel. 260191), até às 22 horas, **CASCAIS — Misericórdia** — R Regimento 19, 41 (tel. 280141), permanente

Outra banda

ALMADA — Silva Júnior — Av. 25 de Abril 9-2.º-esq.º (tel. 2768030) permanente, **COVA DA PIEDADE — Avelar da Silva** — R. Dr. Alberto de Araújo 19-A (tel 7750337), ate as 22 horas **LARANJEIRO — Moderna** — R. Dr. António Elvas,8-A (tel. 2290315), até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA — Higiénica** — Av. da República, 23 (tel. 2400020), até às 19 horas; **SESIMBRA — Lopes** — R. Cândido dos Reis, 13 (tel. 2233471); **BARREIRO — Avenida** — Av. Alfredo da Silva, 88 (tel. 2073212), permanente, **AMORA — Duarte Ramos** — R. Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul, até as 22 horas; **SEIXAL — Alves Velho** — L. Camões, 27 — Torre da Marinha (tel. 221132), até as 22 horas; **MONTIJO — Moderna** — R. Bulhão Pato, 50 (tel 2310156); **MOITA — Silva Rocha** — P. da República, 16 (tel. 239029). **ALHOS VEDROS — Portugal** — Av. da Bela Rosa, 8 (tel. 204250); **ALCOCHETE — Gameiro** — L. António Santos Jorge 15 (tel. 234100); **SETÚBAL — Tavares da Silva** — R. das Gaivotas, 68, permanente — **Saião** — Av. Portela 55, ate às 22 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P. D. João V, 9-B (tel. 932756), permanente — **Central** — Av Cardoso Lopes, 22-A (tel. 932210), até as 22 horas; **DAMAIA — Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (tel. 970523), ate as 22 horas; **QUELUZ — André** — Av. Elias Garcia, 151 (tel. 950043), ate as 22 horas; **CAMARATE — Mendonça** — Apelação, até às 22 horas, **CACÉM — Garcia** — Av. dos Missionários, 2 (tel 9242181), permanente **MEM MARTINS — Cristina** — Av. Vitorino Nemésio, 14-A (tel. 9214820), permanente, **MERCÊS — Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (tel. 9215275), até às 22 horas. **RIO DE MOURO — Riomouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (tel. 9260194), até as 22 horas; **COLARES — Abreja** — (tel. 9290088) **PEDRO DE SINTRA — Valentim** — (Tel. 980456). permanente.

OUTRAS FARMÁCIAS

MOSCAVIDE — Varela — Av. Moscavide, 44-B (tel. 2518520), até as 22 horas; **SACAVÉM — Cortes** — Av. Luísa Braancamp, 2-A (tel. 2519420), permanente; **LOURES — Sálvia** — Av. da República, 29 (tel. 2531240), permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

NACIONAL, R. Senhora da Luz, 15 Foz; **COUTO**, L. de São Domingos, 10; **FERREIRA DA SILVA**, R. dos Mártires da Liberdade, 150; **GOMES FERREIRA**, R. de Faria Guimarães, 449, **MELO TAVEIRA**, R. Alcaide de Faria, 77.

DE DIA E TODA A NOITE

VITALIA, P. da Liberdade, 34; **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 360; **NAU VITÓRIA**, R. de Nau Vitória, 723; **MEMEZES DE LIMA**, P. Dr. Teotónio Pereira 227; **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 855.

Coimbra

UNIVERSAL, P. 8 de Maio, 35 T. 23744)

teatros

Lisboa

VARIEDADES - «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (12 anos)
ABC – «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES. 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade. 368740
Serviço de norte (depois das 21)
Porteiro 321154
Redacção 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegrafico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada. 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte. 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

2.28	**3,5 m**	8.05	**1,5 m**
14 41	**3,7 m**	20.30	**1,3 m**
Dia 20			
3.04	**3,6 m**	8.38	**1,3 m**
15 17	**3,9 m**	20.59	**1,1 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	15º
BRAGANÇA	12º
VILA REAL	12º
PORTO	15º
COIMBRA	16º
CABO CARVOEIRO	16º
PORTALEGRE	19º
LISBOA	16º
ÉVORA	18º
BEJA	15º
FARO	17º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	22º
FUNCHAL	20º

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado do quadrante norte. Poucas ou nenhumas alterações.

MAIS DE MEIO-QUILO DE LIAMBA foi apreendido ao jovem Francisco Morais, de 20 anos, estudante, quando lhe passaram busca às coisas na pensão onde reside. A acção policial seguiu-se à captura quando pouco antes na Calçada do Carmo vendeu 30 gramas daquela droga a outro estudante, Manuel Pedro, de 19 anos, por mil escudos. Do dinheiro que tinha em seu poder, nacional e estrangeiro contavam-se três notas de 100 dólares, US, só que falsas

GRITOS DE SOCORRO alertaram esta madrugada um guarda da PSP na Rua do Arsenal em Lisboa. Quem, os soltava era o comerciante Fernando Fernandes, de 28 anos, residente em S João dos Craveiros, rodeado de quatro individuos que o despojavam dos valores. Perante a intervenção policial, os quatro assaltantes fugiram aos pares. Perseguindo dois deles, o policia foi recebido a tiro e ripostando atingiu o Joaquim Botas, de 26 anos, no dorso, o que originou o seu internamento no hospital de S. José O companheiro deste, Fernando da Costa, de 23 anos, intimado pelos tiros deixou-se prender A arma usada pelo Botas, um revolver marca Beretta de 22 milímetros, foi apreendida na altura

O MINISTRO PORTUGUÊS da Indústria e Tecnologia, Veiga Simão recebeu hoje o ministro das Comunicações da Guiné-Conakry Alaf Koruma, no que constitui o primeiro encontro oficial em Lisboa entre governantes dos dois países Veiga Simão depois de assinalar o facto disse que representava «uma abertura de Portugal a países não apenas de expressão portuguesa», nos domínios da cooperação técnica e económicea. O ministro da Guiné, Conakri após ter sido recebido por Veiga Simão disse que a sua visita a Portugal se enquadrava num reforço da amizade entre os dois países nomeadamente entre o Partido Socialista e o Partido Democratico da Guiné, Conakri e entre os presidentes dos dois países.

NO LUGAR DE VENDAS NOVAS, em Lourosa (EN 1), o mineiro José Manuel Vieira Ribeiro, de 29 anos do lugar de Monte Meão, em Sanguedo, Vila da Feira, despistou-se quando seguia de bicicleta motorizada, indo embater violentamente contra um automóvel que vinha em sentido contrário, pelo que teve morte instantânea. O veículo abalroado era conduzido por Vidal Pinto de Figueiredo, de 30 anos, do lugar do Cerro, em Nogueira do Cravo, Oliveira de Azemeis, que, para alem de um amigo trazia também duas jovens amigas que sofreram ferimentos graves

Situação muito tensa em alguns Estados

Pilhagens, fome e mendicidade entram no quotidiano brasileiro

PILHAGENS, fome e mendicidade constam agora da vida quotidiana da população brasileira, mergulhada na crise económica.

A Imprensa do Rio de Janeiro publica uma informação procedente de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, segundo a qual um grupo de mendigos tinha sido surpreendido quando se preparava para comer um bocado de carne humana, os restos de um pé amputado. Um dos mendigos declarou à polícia que o descobrira num caixote do lixo e que o confundiu com um pedaço de galinha.

Os armazéns e as lojas de produtos alimentícios dos povoados do Nordeste brasileiro são saqueados periodicamente, desde há vários anos, pelas populações condenadas à fome. No entanto, as pilhagens de supermercados deixaram de ser apanágio das localidades poeirentas do «polígono da seca», nome dado ao Nordeste do Brasil, devastado há cinco anos por este flagelo. Os saques chegaram às capitais de estado: Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo.

Estas já não são poupadas pela escalada de uma revolta confusa oriunda das classes mais desfavorecidas da população, ainda desorganizadas, mas que constituem, devido à sua fraca formação intelectual, um campo ideal para os agitadores de todas as espécies, noia-se nos meios políticos

A calma regressou aos subúrbios do Rio de Janeiro onde foram pilhados 79 supermercados desde o passado dia 7 e a Polícia deixou de estar em «estado de alerta» desde sábado. Contudo, na altura em que a situação parecia estar a normalizar-se, soube-se que era atacado pela multidão mais um supermercado de São Paulo

Cerca de 50 pessoas, ajudadas por quatro homens armados de revólveres, que tinham dominado os responsáveis do estabelecimento, apoderaram-se de feijão preto, açúcar, farinha e outros produtos alimentares, levando também o dinheiro que se encontrava na caixa registadora.

Quando a Polícia Militar chegou ao local, os assaltantes – homens, mulheres e crianças muito novas – já se tinham posto em fuga com os seus embrulhos, em direcção a uma favela habitada por desempregados.

Três mil quilómetros mais a norte, centenas de «sinistrados da seca» (nome dado às populações privadas de recursos na sequência da seca que se abateu sobre essa região do país) tentavam pilhar supermercados em Fortaleza, capital do Estado do Ceará.

Também eram assinalados assaltos no Estado de Paraíba no extremo Norte do Brasil

As grandes linhas da nova carta de intenções dirigida pelo Brasil ao Fundo Monetário Internacional para obter a libertação dos créditos necessarios à sua sobrevivênvia económica, fazem recear, em alguns meios de negócios brasileiros, que a recessão aumente ainda mais, fazendo crescer os riscos de uma explosão social generalizada.

Vários dirigentes ou individualidades da economia nacional demitiram-se ou ameaçaram fazê-lo durante as próximas semanas, para assinalarem o seu desacordo com essas orientações: a demissão que provocou maior agitação foi a do presidente do Banco Central do Brasil, Carlos Langoni, que tinha participado, ele próprio, juntamente com os responsáveis do governo brasileiro, nas negociações do Brasil com os seus credores internacionais.

Mas Carlos MLangoni nao foi o único que exprimiu o seu desacordo com a política de Brasília: assim, o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social Luis Sande, também se demitiu, para frisar o seu desacordo – segundo os meios económicos – com o ministro do Plano, Delfim Neto. O director da Fundação «Getúlio Vargas», um dos organismos encarregados de determinar o aumento do custo de vida, também amaeaçou demitir-se

Diplomatas e observadores são unânimes em colocar uma só questão: quais podem ser as consequências políticas dessa degradação da situação social?

A próxima data importante será a eleição, em Janeiro de 1985, do sucessor do general Figueiredo na Presidência da República. O chefe do gabinete civil da Presidência, Leitão de Abreu, indicou que o futuro presidente será escolhido — como a Constituição prevê e apesar da hostilidade dos quatro partidos da oposição — pelo colégio eleitoral, onde o partido Democrático Social (PDS, oficial) dispõe da maioria.

Será no colégio eleitoral que será dada a garantia de que as grandes orientações do regime não mudarão durante o próximo mandato presidencial, visto que será o actual presidente, o chefe espiritual do PDS, a «propor» o nome do seu sucessor.

Mas isto não impede que alguns sectores das Forças Armadas acusem os governadores da oposição de modularem as suas reacções face as explosoes sociais e as pilhagens em função de objectivos politicos.

Assim, um membro do Estado-Maior do Exército, cujo nome não foi revelado, afirma, na última edição da revista «Veja», que o governador do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, «não quis reprimir as pilhagens com firmeza para não perder os votos dos habitantes das favelas, na hipótese de se vir a verificar uma eleição directa para a Presidência».

Por seu turno, o Partido dos Trabalhadores (PT), do ex-dirigente sindical Luís Inácio da Silva, conhecido pelo nome «Lula», apoia os cerca de 300 desempregados que estão acampados há vários dias no parque de Ibirapuera, em São Paulo, exigindo que o governador do Estado lhes obtenha empregos.

Assembleia da República

Pacote fiscal discutido esta semana

O pacote fiscal imposto pelo ministro das Finanças vai ser discutido ainda esta semana, na Assembleia da República. A decisão foi adoptada sexta-feira à tarde na conferência de líderes parlamentares, depois de o plenário ter aprovado um requerimento do Partido Socialista para prorrogar a actual sessão especial

As propostas governamentais foram já impugnadas pelo MDP e pelo PCP, enquanto o CDS anunciou idêntica intenção

O PCP opõe-se à discussão das propostas com o fundamento de que o Governo pretende alterar o Orçamento do Estado sem assumir claramente essa intenção. Os deputados comunistas pretendem que a discussão se faça no quadro da revisão do orçamento em vigor, aprovado ainda durante o governo Balsemão como provisório.

Por seu turno, o MDP apenas questiona a constitucionalidade da proposta que pretende aplicar retroactivamente um imposto sobre os rendimentos de trabalho auferidos entre os meses de Janeiro e Setembro deste ano

De acordo com o calendario preparado pela conferência de líderes força-feira serão repetidas as eleições onde os candidatos não tiveram o número de votos necessários para serem eleitos, e na quarta serão discutidas as impugnações. A partir desse dia, ou então de quinta-feira e até sexta, serão debatidas as oito propostas do pacote fiscal do Governo.

Entretanto, o PCP insiste ainda na discussão da interpelação que propôs sobre a política governamental pela maioria o requerimento que apresentou na sexta-feira, para incluir no período suplementar a discussão da interpelação, os comunistas poderão retomar a questão na sexta-feira, logo que estejam discutidas as medidas propostas no pacote fiscal de Hernâni Lopes. Para os comunistas não ha argumentos que possam impedir a coligação PS/PSD de se submeter ao debate parlamentar.

Guarda da PSP morto a tiro numa desordem em Lamego

Um guarda PSP, Carlos Alberto Pereira, de 50 anos, foi alvejado mortalmente a tiro, cerca das 22 horas de ontem, no lugar da Fonte, em Lamego, quando procurava, com outro companheiro, enfrentar um grupo de desordeiros que actuavam num arraial integrado nos festejos em honra da Senhora dos Meninos

Segundo o «DL» conseguiu apurar esta manhã jundo da PSP local, que já deteve dois suspeitos, cuja identidade não revelou para não «prejudicar as investigações». O guarda Carlos Pereira foi a dado momento provocado por um grupo de indivíduos, chegando mesmo a ser molestado. Seguiu então no local um outro agente que, a fim de intimidar os agressores, fez um disparo para o ar. Estes porém não recuaram e, em vez disso, avançaram para ele acabando por manietá-lo a retirar-lhe a pistola. Seria então com esta arma que um dos desordeiros, antes da fuga disparou sobre o guarda Carlos Pereira.

Obrigações

Continuação da pág 1

Segundo fontes bancárias por nós ouvidas, alguns bancos abriram os seus balcões com um pequeno número de títulos disponíveis, mas a corrida às obrigações rapidamente as fez esgotar. Recentemente, já se tinha verificado idêntico fenómeno

A referida fonte qualificou-nos a situação criada pela actual forma de subscrição de obrigações como *uma chatice para os bancos e uma chatice para público.* Até há algum tempo a operação em questão estava sujeita a rateio dos títulos disponíveis entre todos aqueles que haviam manifestado a intenção de os adquirir. Tal sistema tinha algumas desvantagens, acrescentou o mesmo informador, mas evitava uma certa injustiça que deriva do facto da subscrição acabar por não ser pública

Como já noticiamos na passada sexta-feira a grande maioria das obrigações subscrições de acordo com o actual regime *sem rateio,* faz-se fundamnentalmente por carta dos clientes dos bancos que lhes comunicam a *ordem de subscrição* dos títulos que desejam.

Entre estes clientes parecem avultar, primeiro os particulares, depois as companhias de seguros e, finalmente, empresas diversas.

Sobre as motivações do público para orientar desta forma as suas poupanças foi-nos dito que se *trata de um comportamento altamente subjectivo que não obedece exclusivamente a opções de investimento decididas racionalmente.* Para exemplificar esta interpretação, a nossa fonte disse-nos que a recente emissão de obrigações da EDP não obteve grande receptividade na zona do Porto, apenas porque aí correu que dentro em breve surgiriam no mercado as obrigações do tesouro FIP/83.

A perspecitva desta emissão, que será de 15 milhões de títulos, e cuja subscrição se iniciara já em 3 de Outubro, não impediu porém que a «*corrida*» às obrigações do Banco de Fomento fosse tão «*entusiástica*» no Porto como em Lisboa

Ainda em relação ao carácter «*subjectivo*» da preferência do público pelo investimento neste tipo de títulos, refira-se que, apesar disso, eles apresentam, em relação aos depósitos a prazo, a grande vantagem de terem juros isentos de impostos complementar o de capitais.

Sete Ponto Sete

Favelas: os dois Brasis

Aprender a pensar o espaço

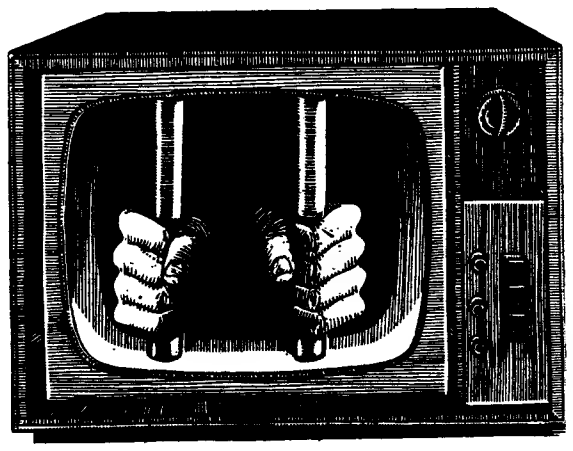
Pág. 4

Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Sociedade

"MASS-MEDIA E CULTURA DE MASSAS? - 1

O conceito da cultura: uma discussão interminável...



Carlos Alberto Gomes

NÃO obstante a viva polémica desenvolvida acerca do verdadeiro significado e consequências do fenómeno a que, no contexto das sociedades industriais do capitalismo avançado, se convencionou designar por cultura de massas (mass culture), trata-se de um facto indiscutível, o sempre crescente papel que determinados meios de difusão desempenham não só na transmissão de informações como também de mensagens culturais, em sentido lato.

Efectivamente, estamos em presença de um tipo particular de cultura, resultante dos meios de difusão de «mass», estreitamente dependente não só das características dos meios difusores, «o meio é a mensagem» (1), como também das condições sociais que presidem ou regem a sua produção, isto é, tal como T. Adorno e M. Horkheimer apontam, incisivamente, das relações entre a indústria e a cultura, no quadro daquilo a que chamaram a «indústria da cultura» ou seja, a produção e a distribuição, em série, de bens culturais.

Relativamente a este fenómeno, a posição assumida por alguns dos mais conhecidos representantes da Escola Filosófica de Franckfurt, a que pertencem os dois autores evocados, é a de uma radical recusa do que consideram constituir um empobrecimento dos materiais estéticos, logo da «Cultura», provocado por uma indústria da «cultura» cuja ideologia é a do lucro. Assim, para Adorno e Horkheimer, «a arte renuncia à sua própria autonomia e toma, orgulhosamente, o seu lugar entre os bens de consumo... comercializáveis e substituíveis como um produto industrial». Por isso, na sua perspectiva, a partir do momento em que a produção cultural passou a estar sob o controlo dos potentados económicos do capitalismo monopolista, a cultura, a arte, bem como os seus criadores, ficaram sujeitos às normas de uma produção industrial que, assente numa lógica de puro consumo, retira às produções culturais de alto valor estético e intelectual o estatuto adequado exigido pela sua própria importância.

Além disso, adiantam, tal indústria exerce sistematicamente e por diversos meios, uma acção que tende a retirar aos indivíduos qualquer poder de iniciativa no plano da criação cultural, remetendo-os para uma atitude de recepção meramente passiva de uma pseudocultura difundida quotidianamente através da televisão, do cinema, das revistas, da banda desenhada, da publicidade, etc..

Para nos situarmos com clareza na multiplicidade de argumentos e perspectivas suscitados por esta problemática, necessário será reter a ideia da existência de uma oposição declarada entre uma cultura de alto nível, designada pelos representantes da Escola de Franckfurt através da expressão «cultura cultivada» e uma cultura dirigida ao consumo de uma população de composição sociológica pretensamente homogénea e, por isso, definida em termos de massa. Esta «massa», cultural e politicamente manipulada, tal como o tipo de sociedade em que se insere é, por exemplo, assim caracterizada por Ortega y Gasset: «A sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois factores: minorias e massas. As minorias são indivíduos especialmente qualificados. A massa é o conjunto das pessoas não especialmente qualificadas. Não se entenda, pois, por massas só nem principalmente as «massas operárias». Massa é o «homem médio». Mais adiante, Gasset precisa; «... a massa é o que não actua por si mesma. Tal é a sua missão. Veio ao mundo para ser dirigida, influenciada, representada, organizada...» (3)

Por outro lado, é evidentemente necessário na discussão destes problemas possuir, como condição prévia, uma noção tão clara quanto possível acerca do que se entende por cultura. Todavia, é igualmente certo que é bastante difícil atingir tal objectivo dadas as numerosas, diferentes e frequentemente contraditórias significações do termo.

É sempre possível reunir um conjunto mais ou menos vasto de definições de cultura que vão, por exemplo, desde a concepção que, de um ponto de vista evolucionista, sustenta uma relação de equivalência entre o homem civilizado e o homem cultivado por oposição ao «selvagem», à concepção que define a cultura como sendo tudo aquilo que o processo de socialização acrescenta ao equipamento biológico do homem ou, numa perspectiva complementar, a cultura representaria um conjunto extremamente variado de sistemas de comportamento, de normas, de valores ou conhecimentos transmitidos de geração a geração, sob a forma de herança cultural.

Concepções há que defendem uma visão racionalista da cultura, valorizando nela as suas componentes cognitivas e estéticas. Assim, para Alphons Silberman, «dentro do padrão da nossa sociologia da cultura, as artes, a ciência e a filosofia devem formar em conjunto a unidade cultura». (4)

Por outro lado, a distinção entre cultura e civilização confere, na opinião de Gaston Berger, um estatuto bem diferente ao conjunto constitutivo da unidade cultura proposta por Silberman. Com efeito, para Berger, «a civilização compõe-se de valores universais, ao passo que a cultura se centra nos valores pessoais. Advertimos... que ser cultivado não é nem possuir muitos conhecimentos, nem ter certos conhecimentos privilegiados. Nem a instrução, nem a erudição, nem a virtude, são a cultura. A cultura é o sentido do humano». (5)

Na mesma linha de pensamento e, com idêntico ênfase, o historiador Robert Mandrou afirma: «Vou buscar aos etnólogos o seu conceito de cultura, que contribui decisivamente para fugir ao mito da cultura erudita como sendo a única cultura; e para integrar nessa definição os modos de vida, os comportamentos.» (6)

Face à diversidade dos pontos de vista, fácil é reconhecer como o faz Cazeneuve que «quando se pretendem estudar as relações dos «mass-media» com a cultura, sem dúvida não é necessário entrar detalhadamente em todas as discussões que suscita este conceito, podendo considerar-se que basta tomar o termo nas suas significações essenciais, que correspondem respectivamente aos adjectivos «cultivado» e «cultural». Estes dois sentidos da palavra cultura, implícitos nos dois grupos de definições acima apresentadas, significariam no primeiro caso «a aquisição harmoniosa de um certo volume de conhecimentos, o gosto de aprender e o sentido dos valores intelectuais» e, no segundo, o que é «transmissível numa civilização, principalmente no domínio das letras, das ciências e das artes». (7)

Deste modo, o primeiro dos sentidos da palavra cultura, apelando para as suas relações com a formação intelectual, corresponderia à interrogação: «As comunicações de massa contribuem para que o público seja mais ou menos cultivado?». Ao segundo, corresponderia um conjunto de questões acerca da função das comunicações de massa na formação cultural. (8)

Consideradas em conjunto, tais questões permitem concluir que, a avaliação da positividade ou negatividade das contribuições dos media (da sua acção), deve fazer-se inserindo-os no plano de uma concepção global da cultura, de carácter antropológico que, por isso mesmo, salienta a extrema variedade da herança civilizacional.

Citações

1) Marshall Macluhan, «Message et Massage», citado por Jean Cazeneuve em «A Sociedade da Ubiquidade», págs. 155-156.

2) Adorno e Horkheimer, em «Dialectic of Enlightenment» citados por A. Swingeood em «A Teoria da Sociedade da Massa», pág. 16.

3) José Ortega y Gasset, em «A Rebelião das Massas», pág. 139 — Livro Ibero-Americano, Rio de Janeiro, 1971.

4) Alphons Silberman, «La Musique, la radio et l'auditeur», PUF, Paris, 1954, pág. 149, citado por Jean Cazeneuve em ob. cit., pág. 120.

5) Gaston Berger, «L'Homme Moderne et son éducation», PUF, Paris, 1962, págs. 226-227, citado por Jean Cazeneuve em ob. cit., pág. 120.

6) Robert Mandrou, «La Nouvelle Critique», Janeiro de 1972, citado por Daniel Leconte em «Le Monde Diplomatique», n.º 2, 1976, pág. 17, no artigo/inquérito, «Viagens ao País da Cultura Selvagem».

7) Jean Cazeneuve, «A Sociedade da Ubiquidade», pág. 121.

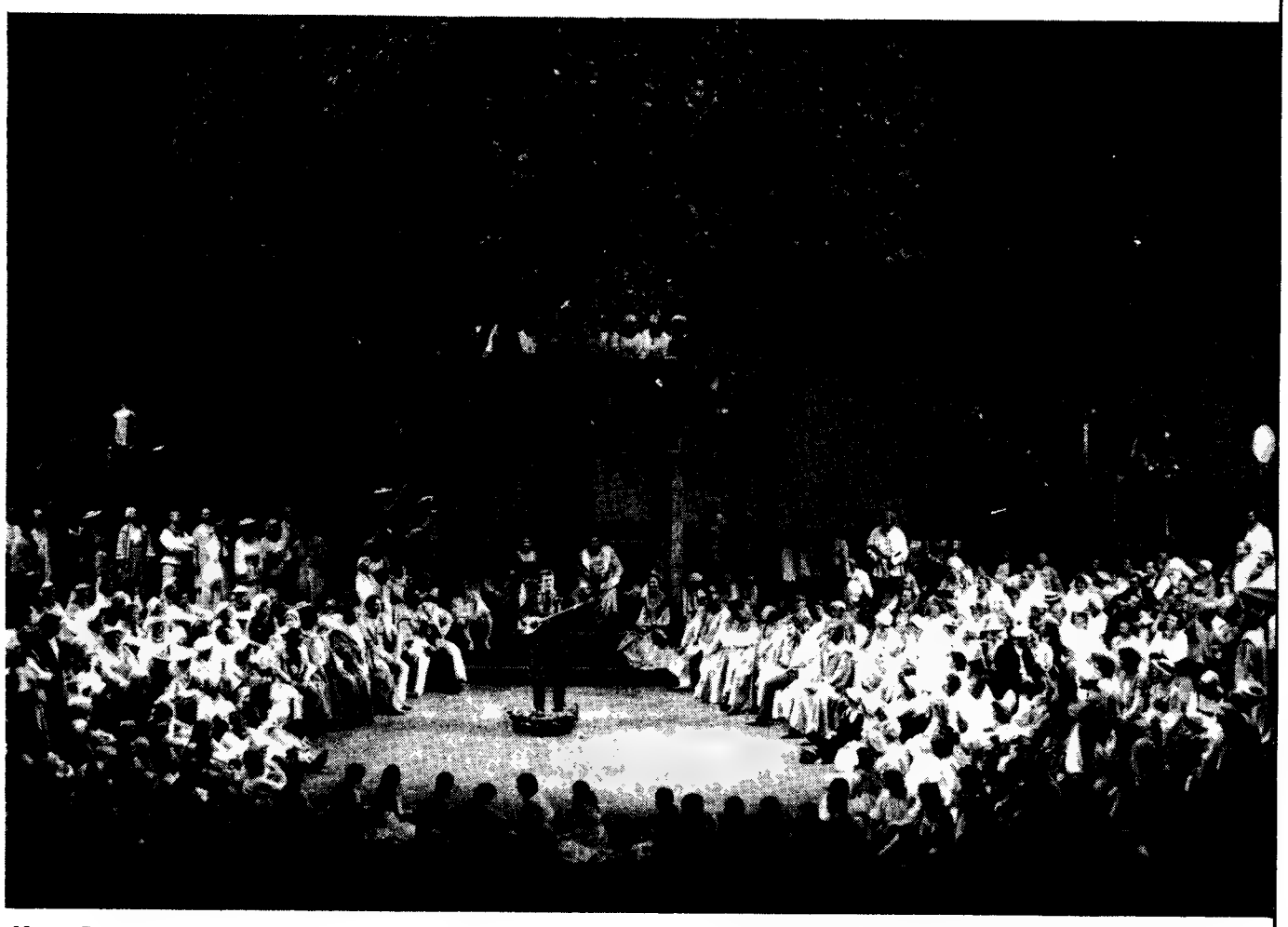
8) Jean Cazeneuve, «A Sociedade da Ubiquidade», págs. 122-140.

Ópera

BAYRETH NO CENTENÁRIO DA MORTE DE WAGNER-2

O momento mais contraditório da reforma wagneriana

Mário Vieira de Carvalho



«Mestres Cantores»: o povo escuta Beckmesser (Hermann Prey)

SENDO o momento mais consequente da reforma wagneriana, Bayreuth acabou por transformar-se também no seu momento mais contraditório.

Bayreuth opunha o seu público «engagé» ao público frívolo da ópera, opunha a sua sala democrática, onde se apagavam as diferenças de classe, à hierarquização de plateia e ordens de camarotes, opunha a distância crítica para com o quotidiano dos «prazeres mundanos» à submersão do teatro por esse mesmo quotidiano. Era o teatro **para depois da revolução.**

Chauvinismo e anti-semitismo

Mas começou-se a falar de Bayreuth como um templo. Do fosso da orquestra como «abismo místico». Da arte como religião. Um enigmático **Bühnenweihfestspiel** («solene festival cénico» — «Parsifal», que se pretendia eterno exclusivo de Bayreuth, contribuiu para adensar essa imagem. A leitura «mística» parecia óbvia. A «Redenção Cristã» respondia aparentemente à interrogação deixada em aberto pela «Tetralogia», às incertezas da opção entre uma mundividência materialista (Feuerbach) e o pessimismo schopenhaueriano, que fora generalizado apressadamente a todo o Wagner. A **evasão radical** do quotidiano, que devia funcionar em Bayreuth como instrumento de transformação dos homens e do mundo aprisionados nesse quotidiano, esgotar-se-ia em si mesma como mera **evasão**, como veículo de alienação mítica, mística e mistificadora.

Wagner era um compositor profundamente enraizado na cultura nacional, que se queria herdeiro e continuador dos grandes mestres alemães, que defendia a unidade política e cultural da Alemanha. Fracassada a via revolucionária em 1849 (revolução «de baixo para cima»), julgou ver em Bismarck — ainda que só muito fugazmente — o obreiro possível dessa unidade (revolução «de cima para baixo»). Marcado pelas humilhações que o «chauvinismo» da alta roda francesa lhe fizera padecer nos anos quarenta e, sobretudo, em 1861, compreende-se a forma exaltada como reagiu à vitória prussiana dez anos depois, humilhando por sua vez os franceses na peça satírica, pensada para opereta, «Uma capitulação». Não era difícil, nestas circunstâncias, fazer de Wagner uma bandeira do «chauvinismo» e imperialismo alemães.

«Parsifal»: Gota Friedrich com Simon Estes (Amfortas) durante os ensaios

Assim como também não era difícil transformá-lo em bandeira do anti-semitismo. Wagner vira a questão, no essencial, sob a perspectiva da luta contra a usura, contra o domínio do capital, contra o poder do ouro, que se concentrava maioritariamente nas mãos de uma oligarquia judaica. Contudo ao contrário de Marx, que analisava as causas socioeconómicas do fenómeno, Wagner aceitava a voz corrente, explicando-o por inerência de raça. O contacto com as doutrinas de Gobineau, que admirava como etnólogo, contribuiria, mais tarde, para fortalecer essa imagem de um Wagner anti-semita. De pouco lhe valeu recusar as propostas de militância ou de prestação de apoio ao movimento anti-semita organizado que crescia na Alemanha.

«O ovo da serpente»

A orientação imperialista, chauvinista, racista (anti-semita) começa a apoderar-se de Bayreuth logo na década de 80. As «Bayreuther Blätter», onde Wagner chegara a colaborar, tornam-se a breve prazo num órgão político-cultural dos sectores mais reaccionários da burguesia. Hans von Wolzogen e Houston Stewart Chamberlain (percursor do nazismo, segundo Goebbels) são dois dos principais porta-vozes do movimento.

No dealbar dos anos 20 a imagem de Wagner cultivada pelos **Gralshüter** («guardiões de Graal») de Bayreuth já se encontra suficientemente amadurecida para ser anexada pelos nazis. Cosima Wagner, de resto profundamente ligada a Chamberlain, deixa-se ir na onda. O filho de Wagner, Siegfried, casa em 1915 com a filha Winifried de um conhecido activista conservador e anti-semita. O partido nazi estabelece os primeiros contactos com a família Wagner em 1919. No dia 1 de Outubro de 1923, Hitler transpõe pela primeira vez as portas de «Wahnfried» (designação dada por Wagner à sua casa). Pouco depois dos acontecimentos de Munique, Siegfried Wagner toma posição ao lado de Hitler, enquanto Winifried defende numa carta à imprensa o chefe do partido nazi como símbolo da luta a empreender contra «o inimigo interno», ou seja, contra «o marxismo». O significado «nacional-socialista» da estreia dos «Mestres-Cantores» no Festival de Bayreuth de 1924 já não deixa dúvidas a niguém. Depois da tomada do poder em 1933, Hitler torna-se um hóspede regular de Winifried em Wahnfried e Bayreuth um santuário nazi, onde se previa celebrar solenemente com o «Parsifal» a vitória militar sobre os aliados...

Assim se completava, através de Bayreuth, a mutilação, deturpação e manipulação da herança wagneriana. A tradição de um Lassalle, que em 1865 se reconhecera na Siegfried da «Tetralogia», de um Bernard Shaw, que em 1900 vira no «Anel» a luta de classes da Europa da revolução industrial, de um Thomas Mann, que transpusera a temática wagneriana para a sua própria ficção sobre a sociedade alemã da época,ao mesmo tempo que postulava um wagnerismo «rebelde» assestado contra Bayreuth (como, de resto, o era o de toda a imprensa liberal), não pudera impedir que ali se chocasse «o ovo da serpente».

Do naturalismo ao naturalismo

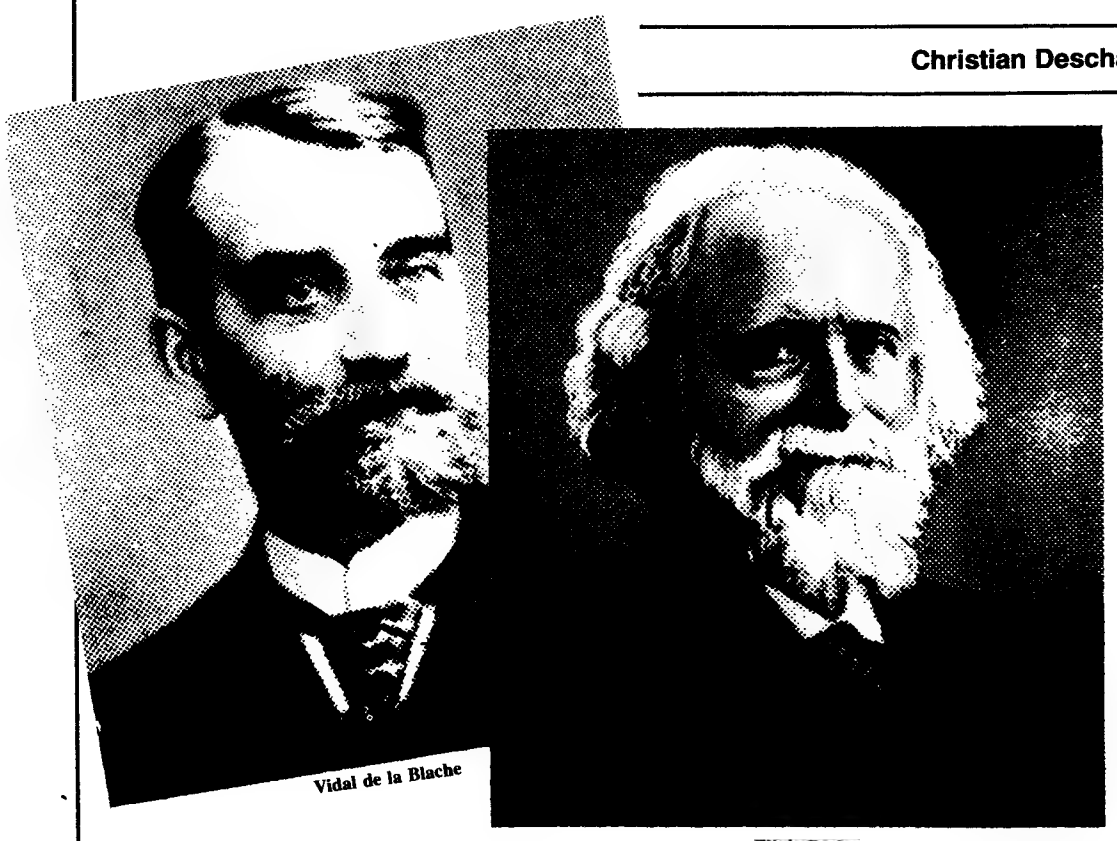
Depois da segunda guerra mundial começou a revisão. Do naturalismo avesso a todos os modernismos (princípio intocável das encenações do tempo do nazismo) passou-se com Wieland Wagner ao palco abstracto do drama psicológico. Mas se abstrairmos da tentativa isolada de Eisenstein com a encenação da «Valquiria» em 1941 (Moscovo), só nos anos 70, com as encenações do «Anel», como teatro declamado, em Munique (Heinrich Heisping, 1971), e como drama musical em Kassel (Ulrich Melchinger) e Leipzig (Joaquim Herz), se redescobriu a herança revolucionária de Wagner, levada finalmente a Bayreuth, onde fôra dissimulada e reprimida durante cerca de um século, pela célebre produção do «Anel» assinada por Chéreau/Boulez (1976-80).

O público, porém, esse não mudou substancialmente. Bayreuth representa ainda hoje, do ponto de vista da estrutura de comunicação em que assenta, a negação do seu objectivo originário. As actuais oligarquias descendem das precedentes. Não permitirão facilmente a subversão daquela imagem de Wagner que os seus pais e avós tão piedosamente compuseram. Daí talvez o recuo verificado este ano na nova montagem da Tetralogia: o regresso ao naturalismp, às epopeias nórdicas como tema central e não como símbolo.

Na actual fase de desenvolvimento do teatro musical e da assimilação de Wagner, esse recuo mascara, com o luxo dos prodígios técnicos, a ausência do drama actuante para nós, para o nosso tempo. É apologia da «música de ópera» num teatro pensado para o «drama musical». Georg Solti arrogou-se esse direito. Mas não pôde contar com o concurso de um só dos encenadores alemães. As grandes fortunas da Europa e da América que frequentam Bayreuth preferem, é claro, uma Tetralogia que as «tranquilize»...

A seguir (conclusão):
«Mestres-cantores»: A rotina
«Parsifal»: A inovação

Yves Lacoste pensador do



Vidal de la Blache

Elisée Reclus

Christian Deschamps

Professor de geografia na Universidade de Paris VIII, Yves Lacoste quer dar à sua disciplina um carácter político, e fazê-la ultrapassar os saberes especializados.

Professor de geografia na Universidade de Paris VIII (ex-Vincennes), Yves Lacoste publicou entre outras obras: «Unité et diversité du tiers-monde», «La geographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre» (Maspero) e «Geographie du sous--développement» (P.U.F.). Desde 1970 que anima — com historiadores, urbanistas e filósofos — «Hérodote», uma revista de geografia e de geopolítica. Em ruptura com um certo número dos seus colegas, Lacoste faz a aposta de insuflar sangue novo a uma disciplina à qual deseja dar um aspecto polémico. À volta do saber do espaço, Lacoste quer conseguir as apostas das várias representações. Para ele, os mapas falam de estratégias e de ideologias. Irreverencioso, o seu pensamento faz-nos ver como o raciocínio geográfico pode fazer observar coisas que os outros não vêem.

O seu trabalho de geógrafo quer reflectir o espaço, tal como a história reflecte o tempo. Interessa-se ao mesmo tempo pelos fenómenos meteorológicos, eleitorais, pelas modas. Alarga assim consideravelmente o campo geográfico.

— Tudo o que está no espaço diz respeito à geografia. Numa certa altura as pessoas perguntaram a si próprias se a gastronomia ou a moda não alargavam demasiado o campo da historicidade. Hoje já não se censura essa abertura aos historiadores, talvez porque ela é censurada aos geógrafos. Claro que muitos geógrafos excluem os fenómenos sociais e políticos, em nome da sacrossanta cientificidade. Mas que seria da história se lhe pedíssemos que não se preocupasse com os fenómenos políticos?

— No ensino secundário a geografia, ao lado da história, que tem a parte de leão, è muitas vezes encarada como uma disciplina aborrecida.

Está a ser muito amável. Ela é **imensamente aborrecida.** A história é apaixonante porque se lhe encontra uma tensão dramática. Em contrapartida, a geografia é cheia de relevos, climas, populações, vegetações, etc. Estas séries de conhecimentos são ensinadas como se não houvesse nelas nenhuma aposta a fazer.

Para os oficiais

— Pelo contrário, o Professor sublinha as apostas decisivas do pensamento geográfico.

— Em história sabe-se quem ganhou a batalha. Então tenta-se compreender, cada vez com mais finura, porque o vencedor venceu.

Mas a geografia também tem um papel capital na batalha. Quem organiza a guerra faz um raciocínio geográfico dispondo as suas forças num território. Para mais, ele deve reflectir na maneira como o seu adversário vai colocar as forças. Há aí uma tensão fascinante. Os grandes grupos multinacionais que decidem investir em determinado Estado, em determinada região, também fazem raciocínios geográficos. Os médicos que trabalham os meios ecológicos onde há paludismo, fazem igualmente raciocínios geográficos.

— Fez escândalo entre os seus colegas ao afirmar que a geografia servia antes de mais para fazer a guerra.

— A geografia existiu muito antes do seu ensino na Universidade. Ela existe, de facto, desde que há mapas. A partir do momento em que o chefe da guerra, o soberano, deve tomar decisões relativas a zonas que não pode percorrer num dia, inventam-se os mapas. No século XIX executam-se, com uma erudição fascinante, mapas magníficos que hoje nos limitamos a aperfeiçoar. Em mais de um século, os Cassini fizeram um mapa de França. Tudo isso exigia um domínio político do espaço.

Mapa-mundo de Beatus (século XII)

— Fazer um mapa seria ser uma espécie de agente de informações.

— Sim: quem tem o mapa controla o território. Durante muito tempo os mapas custaram muito caro. Eles tinham uma importância económica, militar e administrativa fundamentais. Quando Carlos V e Francisco I se encontram, o rei da França leva o imperador ao seu gabinete dos mapas, mostrando assim ser capaz de levar a efeito acções muito afastadas.

O mapa é feito antes de mais para os oficiais. Quanto mais raro é, melhor mostra uma autoridade superior. Napoleão possuía mapas que os seus marechais não tinham. Vê-se bem nos quadros das batalhas que eles são muitas vezes realizados por geógrafos do Estado-Maior.

— Heródoto, tão reinvidicado pelos historiadores como pelos geógrafos, fornece toda a espécie de informações, incluindo lendas.

— As lendas também têm um grande alcance político. Para mais as informações de Heródoto são apaixonantes. Foram recentemente reconstituidos regimentos do exército persa, segundo as descrições que ele nos deixou. Ele quer demonstrar aos atenienses que os outros são bárbaros, mas também deve dar informações verdadeiras, porque podia haver guerra. Dizer que Heródoto é um agente de investigação é, para mim, o melhor dos cumprimentos.

— Hoje as informações ainda têm uma grande importância estratégica. Saber, graças aos satélites, como evoluem os fenómenos é ter um grande avanço sobre o adversário.

— Conhecer o estado das colheitas na Ucrânia ou na China tem, evidentemente, uma importância militar considerável.

O saber do espaço, em termos de táctica e de estratégia, muitas vezes reservado a uma pequeníssima maioria, é um poder colossal. Todos nós devemos aprender a pensar o espaço. Com efeito, traçar uma avenida ou modificar um equilibrio ecológico, depende da leitura de mapas. Num sistema democrático os cidadãos deveriam ser capazes de formular os seus objectivos em termos correctos. Ora o ensino geográfico que recebemos, não nos ajuda muito. O século XIX ensinou-nos a ler as palavras, trata-se agora de aprender a ler o espaço.

— Não se poderá dizer que as matemáticas também podem servir para fazer a guerra?

— Não digo que a geografia sirva exclusivamente para fazer a guerra. Mas, como geógrafo, avanço que não é de excluir esse aspecto. As matemáticas são acessíveis aos cidadãos que tiveram uma formação suficiente. Os matemáticos soviéticos têm acesso aos raciocínios matemáticos americanos. Em França, em Inglaterra, posso comprar um mapa de qualquer região. Mas nos três quartos dos Estados os mapas são exclusivamente reservados aos chefes da Polícia e das forças armadas.

Escalas diferentes

— Censuraram-no por deportar a geografia para o lado da geografia humana.

— Tradicionalmente, a geografia é separada em geografia física e em geografia humana. Para uma: a hidrologia, a botânica, a climatologia; para outra: a demografia, a sociologia... na verdade eu não queria privilegiar uma à custa da outra. Se me classificam como geógrafo humano é talvez porque escrevi muito sobre o terceiro-mundo. Mas esses trabalhos não eram especificamente geográficos.

Na verdade, trabalhar como geógrafo sobre o sub-desenvolvimento, é formular objectivos operatórios como por exemplo a valorização de um vale ou a luta contra as doenças. De resto, no terreno, as distinções entre geografia física e geografia humana já não têm sentido.

— Quando em 1972 analisou os bombardeamentos dos diques do Vietname pela aviação americana, publicou as suas anlises como geógrafo?

— Na planície onde se encontra Hanoi, os rios que desembocam das montanhas escarpadas, submetidas a uma intensa erosão, correm 10 a 20 metros acima da planície como uma via férrea num aterro. Para se proteger das inundações, o povo vietnamita fez diques imensos. A aviação americana queria destruir esses diques mas escondia esse objectivo que podia fazer de dois a três milhões de mortos. Estamos aqui perante um caso de hidrologia, de topografia, de ritmo de cheias, de repartições de povoamento, etc. Perante dificuldades desta natureza, tratava-se de tentar ultrapassar, como geógrafo, saberes especializados, a fim de denunciar certo tipo de acção.

— Ser geógrafo é utilizar outras ciências...

— Um geógrafo serve-se da geologia mesmo que saiba menos do que um geólogo, da sociologia mesmo que saiba menos do que um sociólogo. Mas ele devia ser capaz de pôr em conjunto vários tipos de saber do espaço. O geógrafo é talvez aquele que sabe sobrepor mapas muito diferentes uns dos outros.

— Observar uma cidade numa região ou num continente, é mudar de escala e fazer surgir problemas diferentes.

— Em história distinguiu-se principalmente com Fernando Braudel -diferentes tempos, longos ou curtos. Alguns historiadores preferem os tempos longos que servem bem a história económica e social e se estendem por vários séculos. Outros preferem os tempos curtos, o acontecimento. Mas não se pode explicar o 14 de Julho de 1789 analisando simplesmente esse dia preciso, nem mesmo as suas causas imediatas, mesmo que elas tenham a sua importância.

Em geografia é a mesma coisa. Para um pequeno vale utiliza-se a centena de metros, para a implantação da multinacional, os milhares de quilómetros. A multinacional

o espaço

s aqui
ia, de
as, de
c. Pe-
ureza,
assar,
eciali-
to tipo

outras

da ge-
os do
ologia
ue um
capaz
os de
talvez
mapas
os.
numa
te, é
surgir

iiu-se
hando
ongos
s pre-
ervem
cial e
culos.
tos, o
pode
anali-
pre-
causas
ham a

coisa.
-se a
lanta-
lhares
cional

que investiu na Tailândia, fez vários tipos de raciocínio geográfico. Antes de mais pega num mapa do mundo, depois escolhe espaços cada vez mais restritos. O raciocínio geográfico deve ter em conta todas estas escalas. Quando Che Guevara estava na guerrilha, os poucos quilómetros quadrados que ele ocupava tinham uma importância estratégica mundial.

— Na capa do número 29-30 da revista Herodote vê-se um mapa do Líbano que sobrepõe o relevo, os vários grupos religiosos assim como os espaços ocupados pelos sírios e pelos israelitas. Está-se perante um mapa que materializa um raciocínio geográfico.

— Penso que ao representar o relevo e os vários grupos religiosos — os druzos, os sunitas, os chiitas, os cristãos — vê-se onde se batem esses diversos grupos que defendem a sua integridade em espaços precisos. Assim, o exército israelita efectuou em 1982 o essencial do seu avanço sobre Beirute, sem tomar a estrada junto à costa. Ela passou pelo Chuf, montanha dominada pelos druzos. Ora os druzos de Israel fazem o seu serviço militar no exército israelita. E eram druzos que formavam essa vanguarda israelita que não encontrou resistência.

Geopolíticos libertários

— Faz aí um raciocínio geopolítico. Ora a geopolítica não foi muito bem vista durante muito tempo, porque Ratzel, que forjou a noção de geografia política, foi depois confiscado por pessoas muito pouco simpáticas.

— Ratzel era pan-germanista, expansionsta colonial; mas os seus sucessores pertenceram a vários grupos. O general Haushofer, por exemplo, especialista do Pacífico — amigo de Rudolf Hess, que tinha uma mulher judia e cujo filho participou no atentado contra Hitler — disse, apesar da sua ideologia, coisas apaixonantes. Penso que hoje devemos tentar retomar raciocínios geopolíticos no seu peso militar. Há raciocínios geopolíticos de toda a espécie. Não temos nenhuma razão para abandonar este tipo de raciocínio aos pensadores nazis. Há geopolíticos libertários.

— Elisée Reclus, um dos maiores geógrafos franceses do século XIX era libertário. O autor de l'Homme et la Terra era o companheiro intelectual de Bakounine.

— Esse anarquista analisa com erudição o funcionamento do aparelho de Estado. Ele também mostra como os povos oprimidos não constituem um grupo solidário, como eles se batem entre si de um modo terrível. Essa geografia é apaixonante e ainda é actual. Por exemplo, não se compreende nada do terceiro-mundo se ele for encarado como um conjunto solidário. Pense nos Estados africanos cujas fronteiras foram traçadas pela colonização e que juntam na mesma nação etnias algumas das quais eram negreiras e outras eram escravas.

— Mas foi a obra de Vidal de la Blanche que ocupou todo o espaço, à custa da de Reclus.

— Com Reclus a geografia que ainda não é universitária faz-se ferramenta. Ele pergunta a si próprio como poderia esse saber ser transmitido ao conjunto dos cidadãos. Essa obra colossal, tão roubada, será escondida. As geografias universitárias vão tomar como chefe de fila Vidal de la Blache, que escreveu, a pedido do historiador Ernest Lavisse, um livro considerado durante muito tempo um modelo: **Le Tabelau geographique de la France.** Essa obra caracteriza-se pela exclusão de tudo o que toca na política.

Opôs durante algum tempo o anarquista Reclus e o patriota conservador Vidal de la Blache e avança agora que a obra de Vidal não é assim tão monolítica...

— Acabo de descobrir recentemente que Vidal escreveu em 1916 **La France de l'Est.** Nessa obra não se encontra a exclusão da política que caracteriza o seu primeiro livro. Destinado ao presidente dos Estados Unidos **la France de l'Est** pretendia demonstrar que em caso de vitória dos aliados a Alsácia e a Lorena deviam voltar à França, mesmo que a maioria dos seus habitantes falasse alemão. Há aqui um raciocínio geográfico complexo. Sinto-me escandalizado por ver que a escola geográfica francesa excluiu esse livro.

De facto há muito que a geografia aceitou ser vassala da história.

— Lucien Febvre, o grande historiador, instituiu-se em dado momento árbitro na querela entre Vidal de la Blache e Durkheim.

— Na aposta da separação dos saberes, deixou-se a geografia física fazer o que quisesse. A geografia humana, porém, devia ser modesta. Ela não devia tocar na política que era coutada dos historiadores. A geografia devia ocupar-se do solo, a história guardava para si o Estado. Mas creio que as coisas estão a mudar. Muitos já hoje aceitam que não se pode excluir o social do campo geográfico. A geografia também está ligada ao drama.

FAVELAS BRASILEIRAS

Teresa Mesquitela

«As favelas do Rio transbordam sobre Niterói. O Morro do Estado ostenta sem vexame sua porção de miséria. Fonseca, Bonfim, Nova Brasília (sem ironia) estão dizendo: «Um terço da população urbana selou contra nós a faternidade de não possuir bens terrenos. São Paulo cresce infatigavelmente em esplendor e pobreza, com seus 200 mil favelados do ABC...»

(CARLOS DRUMOND DE ANDRADE)

FAVELAS. Bairros de lata brasileiros.

Amontoa-se uma população miserável que nunca sabe o seu amanhã. Trágica, permanente, acusadora, a fome representa o denominador comum nas favelas, sobretudo as que se localizam no **Nordeste brasileiro.**

As efectivas dimensões sociais desta trágica situação, que se relaciona com as **condições políticas, económicas e culturais,** ainda não foram até agora bem evidenciadas: existe uma inexplicável carência de bibliografia, quase um silêncio premeditado. **Josué de Castro,** sociólogo brasileirp, no seu estudo **Geografia da Fome,** diz que: «os preconceitos de ordem política e económica, fizeram da fome um tema proibido, como se a ciência e a técnica, orgulhosas das suas conquistas materiais extraordinárias que dominam as forças naturais, se sentissem humilhadas ao terem de confessar abertamente o seu fracasso no que diz respeito ao melhoramento das condições de vida humana e com este silêncio se esforçam por esconder a verdadeira situação.»

Alguns anos atrás foi publicada uma obra, escrita por uma negra, **Carolina Maria de Jesus,** onde ela nos descreve o seu dia a dia numa **favela** brasileira, **o verdadeiro esgoto da cidade: drama, fome, pobreza, porcaria, mau cheiro, lugar, onde se pode observar crianças a procurar alimentos nos caixotes do lixo, (tomates podres, pão bolorento, restos de carne, etc).**

O casebere de Carolina foi feito de tábuas desencontradas, com uma cobertura de chapa e pedaços de cartões velhos. Ela começaria a escrever este **diário,** precisamente no dia de aniversário de sua filha Eunice. No dia dos anos, ela tinha pedido de presente à mãe, um par de sapatos. Carolina sabia que não os podia comprar. Então, foi rebuscar nos caixotes do lixo, onde encontrou uns velhos, que lavou, consertou, dando-os de presente à filha!

Testemunho imprescindível, é o de **Francisco Julião,** líder camponês, conhecido no Nordeste brasileiro pelo **homem das Ligas Camponesas, grande impulsionador da reforma agrária nordestina. Ao regressar ao Recife, depois de um longo exílio a que esteve sujeito por parte do Governo brasileiro, num impressionante texto, Meninos, eu Vi!,** retrata-nos nele, a fome e a morte nordestinas; nos mangues e nas favelas:

«...Como ficar indiferente a tudo isto e não exigir uma imediata transformação desta trágica realidade? Agora, de volta do exílio, vejo outro espectáculo mais horrível. É o das crianças, de zero a um ano, a dois, a três e a mais, que desfilam pelo necrotério em caixinhas desconjuntadas, descansando nos braços esquálidos de mães e pais sem lágrimas nem esperança. Porquê? Porque sem autópsia não há atestado de óbito e sem esse ninguém pode ser enterrado. Um homem rude e silencioso de bisturi entre os dedos, vai abrindo cadáveres mirrados, começando da virilha para a garganta, enquanto que com outra extraí os intestinos que o médico olha entre bocejos de indiferença, já que está habituado a este espectáculo que revolta a «gente bem», quando o vê, em fotos coloridas tiradas no Biafra ou em Bangladesh. Sabeis, compatriotas, o que há dentro destes intestinos exibidos à luz crua do anfiteatro?

Vento, vento e mais nada. É o sinal de que a criança morreu de fome!...

E continua, nestes termos:

...o filho de gente pobre só exibe vento, vento, na autópsia. O atestado fala de carência, quando devia falar de fome. Meninos, eu vi! Duvidais? Ide ao Nordeste. Ide pelo Brasil, nas favelas sem limite!...

Anéis de miséria

Vistas do ar as cidades brasileiras geralmente parecem seguir o plano concêntrico de um eclipse solar. Há um núcleo central escuro, com os edifícios de apartamentos, arranha-céus, casas de alvenaria, ruas pavimentadas e dos bairros residenciais das classe alta e média. À volta desse núcleo há o círculo claro dos caminhos de terra, das casas pobres, das favelas onde vêm bater as vagas humanas que fogem do interior, acumulando-se na periferia uma vasta massa que sobrevive pela permanente disputa das migalhas do centro.

Esses anéis de miséria estão hoje por toda a parte, espalhados pelo rápido crescimento urbano. **Márcio Moreira Alves,** descreve: «... Onde as populações marginais haviam conseguido localizar-se perto dos privilegiados, plantando seus barracos nas encostas íngremes de mais para serem aproveitadas pelos especuladores imobiliários, o governo as está expulsando para longínquos conjuntos residenciais. Nesses conjuntos as oportunidades de emprego próximo são raríssimas e o transporte é caro. A ida e a vinda de ónibus para o trabalho pode consumir um quarto da renda mensal familiar.»

«Ciclo do Caranguejo»

Drummond de Andrade, em **«Crónica das favelas nacionais»: «... No Recife... Quando se aterra o mangue, fogem os miseráveis para as colinas entre os dois rios, e tudo continua, com outro nome...»**

Recife. Nordeste do Brasil. Zona por excelência da miséria e da fome.

Nordeste do Brasil, uma zona de 900.000 km², na qual a monocultura do açúcar tornou o branco um senhor aristocrático e o índio, primeiro um escravo e depois um pária, uma zona onde a fome mata, sobretudo crianças. Os índices de mortalidade nesta imensa região são extremamente altos, dos mais elevados do mundo, principalmente os de mortalidade infantil.

Existem cidades no Nordeste, onde a **mortalidade infantil** alcança a impressionante cifra dos **500/1000,** o que significa que metade dos que nascem apenas espiam a vida por um breve instante. Aqui, a fome é o subproduto de uma economia que tornou o Nordeste numa **zona de subdesenvolvimento,** com uma péssima distribuição de riquezas, um índice de incremento demográfico dos mais altos do mundo, baixíssimo rendimento médio individual, pelo que alimentação se reduz, essencialmente, a farinha de mandioca, feijão e pouco mais.

Um estudo, realizado pelo **Instituto de Nutrição da Universidade de Pernambuco,** revelou que o Nordeste produz alimento **suficiente** para satisfazer de maneira adequada as necessidades da população. Por isso, se torna ainda mais gritante a insuficiência alimentar, quando se sabe que o açúcar e o cacau, que representam cerca de 37% das energias calóricas, constituem os dois principais produtos de exportação desta região e são ainda eles que constituem o volume substancial para a economia brasileira de trocas com o estrangeiro.

Mas o que acontece então com estas trocas? Apenas uma parte delas beneficia o Nordeste, porque a maior parte tem sido sugada pelo governo e utilizada para equipar a indústria do sul do país. Ou algumas vezes, o que é bem pior e mais revoltante, para pagar a importação de produtos de luxo — como carros, perfumes, etc. — e toda a espécie de coisas com que os países subdesenvolvidos pensam disfarçar a sua miséria, mas afinal, tornam o seu subdesenvolvimento ainda mais gritante.

O de ocultar a existência da fome, o de negar a realidade de um grupo de habitantes, marginalizados, pela miséria, como símbolo de vida da maioria dos homens do nordeste. **Josué de Castro** foi um dos homens brasileiros, ele próprio nordestino, que tentou revelar ao mundo inteiro, o que se passava no Brasil. É dele este texto, **«O Ciclo do Caranguejo»:**

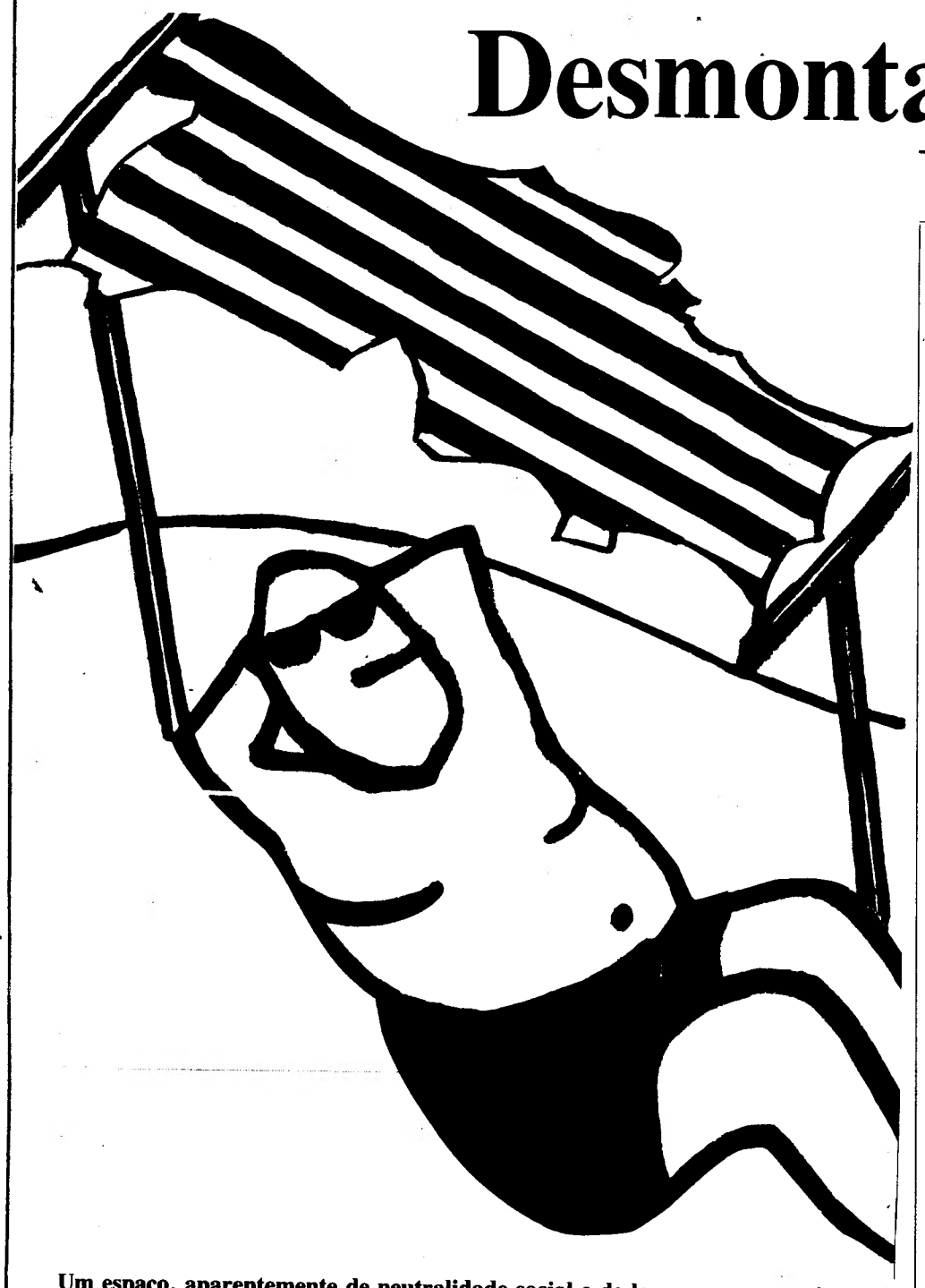
«... A família Silva mora nos mangues da cidade do Recife. É originária do sertão. Desceu do Cairi, na seca, perseguida pela fome. Só havia uma maneira de desapertar: era cair no mangue. No mangue não se paga casa, come-se caranguejo e anda-se nu. No mangue o terreno não é de ninguém. É da maré. O caboclo Zé Luís Silva levantou-se mocambo. As paredes feitas de varas e mangue e de lama amassada. Tudo de graça, encontrado ali mesmo. O mangue dá tudo: casa, comida: mocambo e caranguejo.

Assim, quando Zé Luís sai de manhã para o trabalho, já o resto da família caiu no mundo: Os meninos abrindo a porta e caindo no mangue. Lavam as ramelas dos olhos com a água barrenta, fazem porcaria ali mesmo, depois enterram os braços de lama adentro para pegar caranguejos. A lama misturada com urina, excrementos, o caranguejo nasce nela, vive nela. Cada elemento da família marcha dentro desse círculo de miséria até ao fim, até ao dia da sua morte...»

Paraísos

Desmontagens do quotidiano

Ana Fernandes Luís Baptista



Um espaço, aparentemente de neutralidade social e de lazer, como a praia, está repleto de significações das quais destacamos alguns aspectos no intuito de questionar o lazer balnear dos portugueses.

Parece não espantar ninguém o facto de se afirmar que os portugueses, os que utilizam o seu direito a férias, privilegiam a praia em desproveito do campo. A praia apresenta-se como um espaço de férias, (raramente como referente de tradição, o que acontece com o campo), indentificando-se com a «utopia sonhada» ao longo de um ano de trabalho.

A S imagens de um mês ao sol na praia refletem-se nos outros onze, em que os pré-veraneantes (visto não ser habi-ual a utilização do tempo de érias noutras períodos do ano), planeiam e preparam os seus lias de rotura e de evasão, de otal afastamento dum quoti-liano quantas vezes desagradá-el. A referência a essa época nual surge sempre rodeada de m envolvimento quase mítico. aparência de que durante as érias são ultrapassadas todas as arreiras sociais, parece vir ao ncontro da nossa ideia. Daí que fim das férias tome muitas das ezes o sabor de frustraçao. É o m de uma situação que se pre-ndia eternizar, longe dum tra-balho, dum quotidiano, tão de-sigualmente vivido e ansiado. Mas então, o que resta desses dias que se quiseram diferentes, excitantes... As fotografias, os posteriores encontros, as «histórias de Verão», o que são afinal? Como se reflecte no dia a dia de trabalho essa recordação anual?

A rotura que se pretendia criar, rotinizou-se. A procura da mesma praia, do mesmo parque de campismo, dos memos locais de recreio, ano após ano, leva necessariamente à ritualização de práticas, tidas como anualmente diferentes. Ao cabo e ao resto, que significa a transplantação da casa em tendas ou «roulottes», repletas de mesas, cadeiras, frigoríficos e televisores, entre os objectos de primeira necessidade, nada faltando mesmo até para a realização de faustosas patuscadas que tanto apaixonam os nossos conterrâneos?

Grupos de co-veraneio

As diferentes atitudes e comportamentos dos individuos em férias não podem ser analisadas isoladamente, isto é, sem ter em conta posições e estatutos sociais, normas e valores, enfim, toda uma série de factores que diferenciam e identificam grupos sociais. Não é de modo nenhum exaustiva esta nossa apreciação, mas antes uma tentaiva de desmontar, em certa medida, o que pode ser ofuscado por um sol torrante. Assim, apresentamos de seguida o que entendemos chamar grupos de co-veraneio.

a) Banhistas de garrafão — os conhecidos transportadores de «mobília» para junto dos areais. São identificados no aluguer de barracas para terem os tachos de comida a jeito e perto donde enterram os garrafões de tinto refrescados pelo mar. Geralmente habitantes de povoações vizinhas ou do interior, são comummente apelidados de saloios (pelo menos em certas zonas do país balnear), e distinguem-se pela dobra das calças e pela marca deixada pelo sol nos braços escurecidos. Estão entre os recordistas de indigestões dada a carga excessiva de alimentos ingeridos. Escarnecidos por outros veraneantes, usam ainda deste seu direito ao gozo do lazer como uma extravagância que nem sempre encaixa bem no seu mundo, para outros ultrapassado e arcaico.

b) Emigrantes em férias europeias — Nova atracção turística, o emigrante em férias «à medida da Europa», parece já não pretender totalmente gastar as suas «vacances» na aldeia de origem, mas antes começar a disfrutar os prazeres de veraneio à imagem do que vê fazer no país onde trabalha. Daí, verem-se cada vez mais emigrantes que acampam, pensionam pelas praias portuguesas e que são reconhecíveis pela sua invulgar forma de se expressar, estranhamente belingue. Afastados do anterior grupo congénere de origem, aproximam-se nos seus contactos, aliás escassos e fundamentalmente realizados pelos filhos, doutros grupos.

c) Trabalhadores do bronze — Fugidos da «civilização» eis que em longas colunas surgem os veraneantes por excelência, os que a contas com um ano de sol perdido, aí vêem recuperar os tons. Pagam o que for preciso, gastam o que não é preciso mas têm que fazer férias na praia. Reconhecem-se sob formas diversas, ora expondo-se à «torreira do sol» para rapidamente ganhar a cor que assegura o símbolo de bronzeado do ano balnear, ora nadando heroicamente por vezes até ao afogamento, ora fisicamente se expondo: os homens as suas qualidades no ziguezaguear duma bola que histeriza velhas de bata e carrapito; as mulheres, o novo modelo de biquini, saborosamente apreciado pelos devoradores de reduções. Grupo bastante heterogéneo na sua composição, normalmente gente da cidade, onde mais facilmente pode surgir a ilusão de igualdade no veraneio. Conhecem, no entanto, subtis elementos distintivos como sejam: a zona balnear em que se encontram (a luta por fazer férias no Algarve), o habitat de férias (casa própria, alugada ou de amigos, tenda, barraca clandestina etc...), o nível e tipo de consumo em alimentação, divertimentos, tipo de transporte, vestuário e acessórios...

d) Monoquinis/Surfers — Embora esta dicotomia não seja universaliável, é este o modelo de importação que começa por despertar um pouco por todo o lado; depois de nascer no Algarve, zona ainda preferencial do «estrangeiro» introdutor de tais práticas, pelo menos duma forma generalizadora. Timidamente, começam as portuguesas «prá frentex» a tirar a parte superior do biquini, enquanto corajosamente se lançam, especialmente rapazes na prática dos «surfs». Embora dificilmente delimitável, este conjunto ganha expressão assente entre os que podem deste prazer usufruir, as conversas de Verão para a grandiosidade das «Europas» e muito dos «States», onde a vida parece ser bem mais à sua medida porque «nesta porcaria de país nunca há nada para fazer...»

Especialmente será ainda interessante notar a distinção das zonas de praia frequentadas. Poderíamos grosseiramente apresentá-las assim: as zonas «públicas», mais afastadas do mar e por onde toda a gente passa, geralmente reservadas aos menos afoitos, aos menos ambientados com essas coisas de mar; mais próximo, dispõe-se o grosso populacional podendo ainda ser encontrados , em zonas de mais difícil acesso, os que, procurando diferetes prazeres socialmente menos «próprios», assim os disfrutam.

Férias — consumo

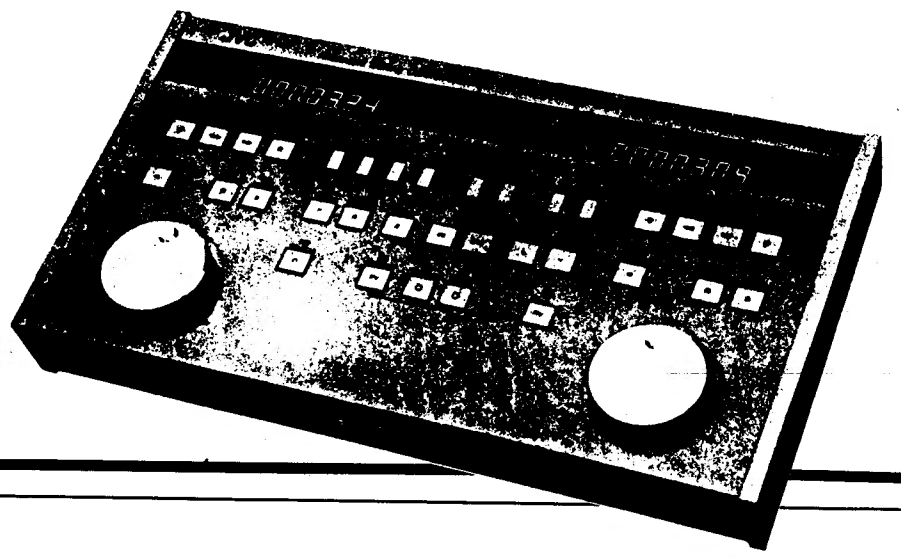
Apesar de todas estas distinções agora apresentadas a padronização dos valores do lazer tende a tornar-se dominante nos locais de férias. A sede de gozar o mais possível os «únicos momentos livres que temos» conduzem, por vezes, a uma quase irracionalidade, frenesim consumista dum pretenso nivelamento das condições sociais de existência dos individuos, agora de súbito igualmente contemplados. A ideia de praia, intimamente ligada às férias, ao espaço de lazer, reveste-se assim de caraterísticas peculiares que mesmo a aproximam duma «sodiedade diferente» em que o «stress» não constitui problema e em que o bem-estar, o consumo, a privacidade parecem estar ao alcance de todos. A disponibilidade para viver novas situações de que cada um pode ser o criador é, por um lado, fortemente condicionada pelas possibilidades facultadas pela sociedade de consumo, e de que os jogos e espectáculos, que por toda a zona de veraneio abundam, são exemplo acabado; e, por outro, pela limitação de tempo e de anteriores condições que lhe permitam de facto, novas situações quer criativas quer relacionais. As férias surgem, apesar de tudo, como um momento de descompressão em que tudo se faz um pouco como brincadeira. O momento em que se pode fazer tudo o que não se faz durante o ano. A brincadeira, o humor **devem** ser a tónica dumas férias.

Tirado o tempo de lazer ao trabalho e à festa, no sentido tradicional, qual o seu verdadeiro significado? A organização dos tempos livres sob modelos internacionais de turismo, da sociedade de consumo, permitem de facto ao indivíduo decidir da sua vida durante um mês, ou será que este apenas conhece uma intensificação da alienação? Não estaremos apenas perante uma «rotura rotinizada que sob a forma de descanso apenas se modificou a face do que se mantém: do stress, do consumo, das diferentes situações sociais?

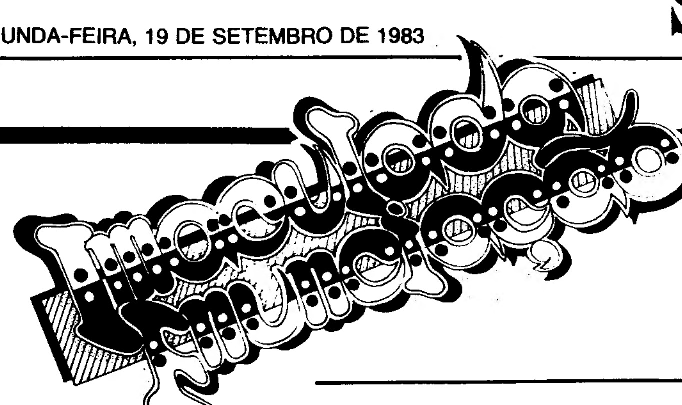
O produtor

Manuel Carvalheiro

Para se ir à sede da produtora «Animatógrafo», basta chegar-se ao Largo do Rato e pegar-se no eléctrico. Desce-se na paragem mais próxima da Rua Sociedade Farmacêutica e entra-se pela porta do número vinte e sete. Sobem-se umas escadas de madeira velha, recentemente enceradas e, no terceiro andar, do lado esquerdo, entra-se sem bater na porta, porque geralmente está sempre aberta. No corredor, por volta das cinco da tarde, é quase garantido avistar-se um homem de fato azul a ler o «Diário Popular». Quem quer que o veja, tem a certeza



Limpo



Luís Andrade de Sá

HÁ alguns anos a polícia de um estado norte-americano, preocupada com o aumento de acidentes de viação provocados pelo uso e abuso de estimulantes, decidiu desmantelar a rede local de traficantes de «est-coast-tum-around», um excitante feito à base de anfetaminas.

Presos os negociantes, logo se verificou que os seus clientes não eram bem o público jovem, multirracial e vadio que rouba o carro ao pai e vai divertir-se para os mais lúgubres antros da cinematografia hollywoodiana. Pelo contrário, eram honrados camionistas, que se abasteciam do produto no mesmo sítio onde enchiam o depósito e, desta forma, chupando umas miligramas psicanalíticas de benzidrina aguentavam-se despertos ao volante do seu camião. Era um negócio rentável, assegurado por uma enorme clientela de motoristas ensonados que, em apenas um ano, esgotaram o «stock» de uma das muitas bombas de gasolina, avaliado em cerca de seis milhões de comprimidos.

Condenados a três anos de cadeia pela prática de comércio clandestino, os traficantes, no fundo, não fizeram mais do que vender um produto da classe dos psicotrópicos que, legal ou ilegalmente, e só no que diz respeito aos tranquilizantes é consumido duas vezes por segundo nos Estados Unidos.

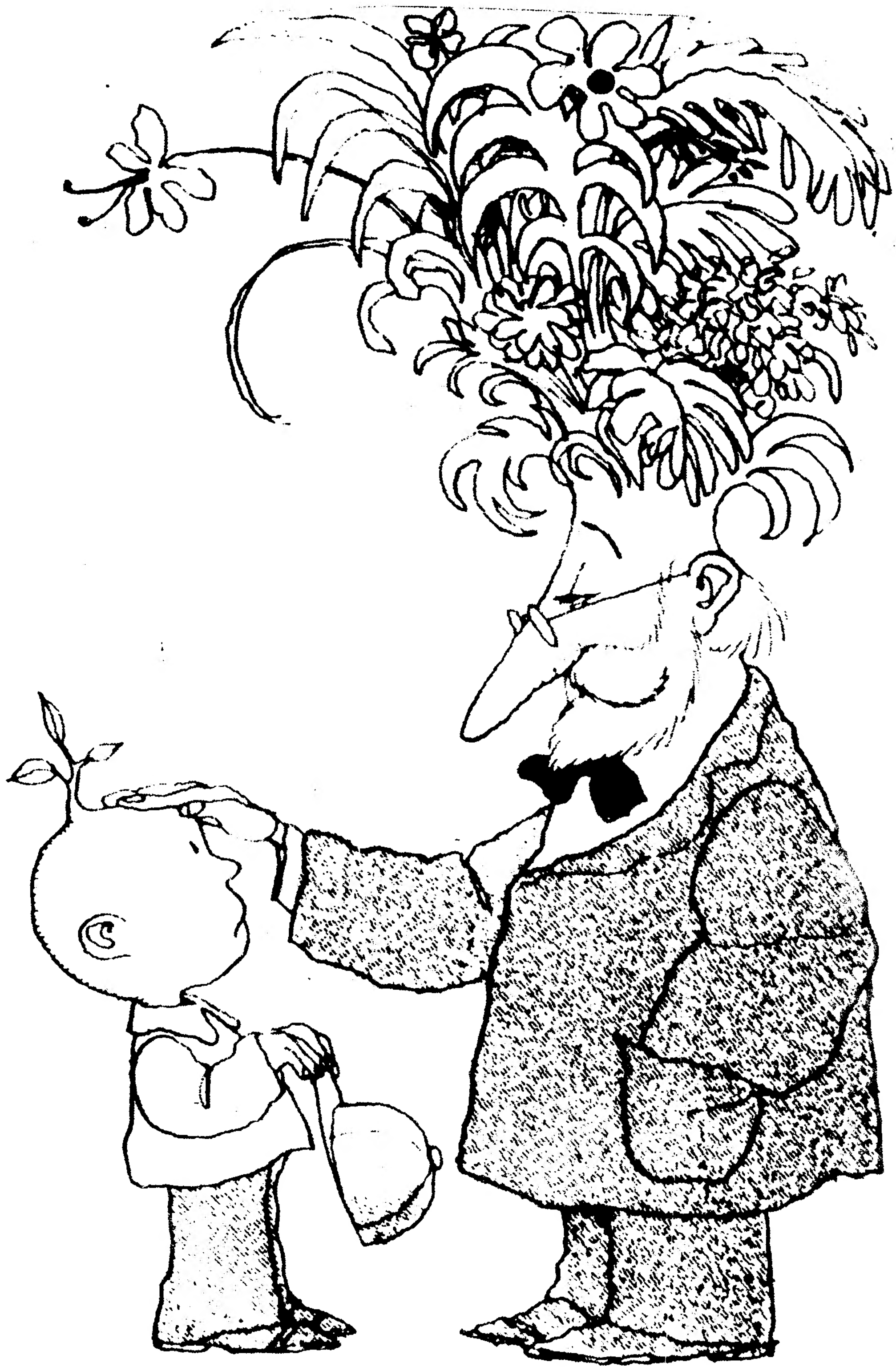
Ironias do destino, é certo, e foi também o que deve ter pensado o jovem que pagou 120$00 por dois comprimidos Lipo-perdur e que, mais tarde, veio a descobrir uma embalagem cheia deles na mesa de cabeceira dos pais e, ainda por cima, comparticipada pelos Serviços Médico-Sociais. São duas atitudes que se confrontam no mesmo meio para atingir outros fins: a busca da paz interior, o afastamento do medo, o combate à pressão do quotidiano, o exorcismo da angústia, mas também o alargamento da mente, o disparatar da consciência, o fazer as células do cérebro tomaram o freio nos dentes.

Já aqui se falou, em artigo anterior, da necessidade de se trabalhar a doença ou, se qui[illegible]rmos, da importância do dar a [illegible]a à moléstia para o melhor aproveitamento da aventura celular («o câncer é a aventura do ser», Deleuze); agora é talvez a altura de nos referirmos ao iludir do fascismo químico, ao outro aproveitamento da super produção farmacêutica que encharca o mercado com alcalóides e benzidrinas, de ácidos e brometos, psicoltónicos, tranquilizantes, neurolépticos, hipnóticos, eufóricos, com «speeds» e «drunfs» que para além de livrarem do mal dos semáforos e dos relógios de ponto,da monocordia do horário do metropolitano e dos almoços em pé, também, por estranhas reacções químicas, pela alquimia das multinacionais, provocam o excitar sensorial, a alucinação paradisíaca ou infernal para além do imaginável, um melhor aproveitamento dos sentidos, um outro conhecimento das cores, das formas, dos sons, dos cheiros.

É a ciência a alargar os limites do possível, como já antes o fizera a mãe natureza, com a magia dos cogumelos, dos cactos, das folhas, raízes e, não tendo que se adorar o laboratório Roche pelo seu produto Rohypnol, não se pode, contudo, estar ao mesmo tempo com Deus e com o Diabo, por um lado usufruindo da peste química, capitalizando-a para outras aventuras e por outro, clamando contra o industrialismo e a sua componente nuclear. É uma intoxicação moderna, citadina, alheia dos grandes combates ecológicos, que tem mais a ver com o fumo dos automóveis do que com o paõ caseiro e, para além disso, goza dos benefícios do mercantilismo: fácil acesso ao consumo, preços razoáveis, controle de produção e qualidade e apresentação funcional e atraente.

O consumo de comprimidos, pouco significativo no mercado do vício nacional, estende-se por quase todos os medicamentos que, segundo a Lei 22/77, exigem um receituário especial, devendo mesmo, em certos casos, constar na receita os nomes e moradas do paciente e médico.

Desta forma, o mercado negro abunda por baixo no que respeita à qualidade, de Somnium, um euhipnótico não barbitúrico dos laboratórios Jaba, composto de metaqualona e difenidramina, de fortes efeitos hipnóticos; Mandrax, da Roussel, com uma composição química idêntica à do anterior; Friganor, da Sobio, composto de pamoato de fendimetratina; Lipo-perdur, da Normal, actuando através da fenilisoropilamina: Isonox, labo. UCB, à base de metaquolona; captagon, lab. F. e Lynce, composto de hidrocloreto de teoflina, e outros, que se vendem avulsamente, a preços (no caso, do bairro das colónias) que oscilam entre os 50$00 e os 70$00.

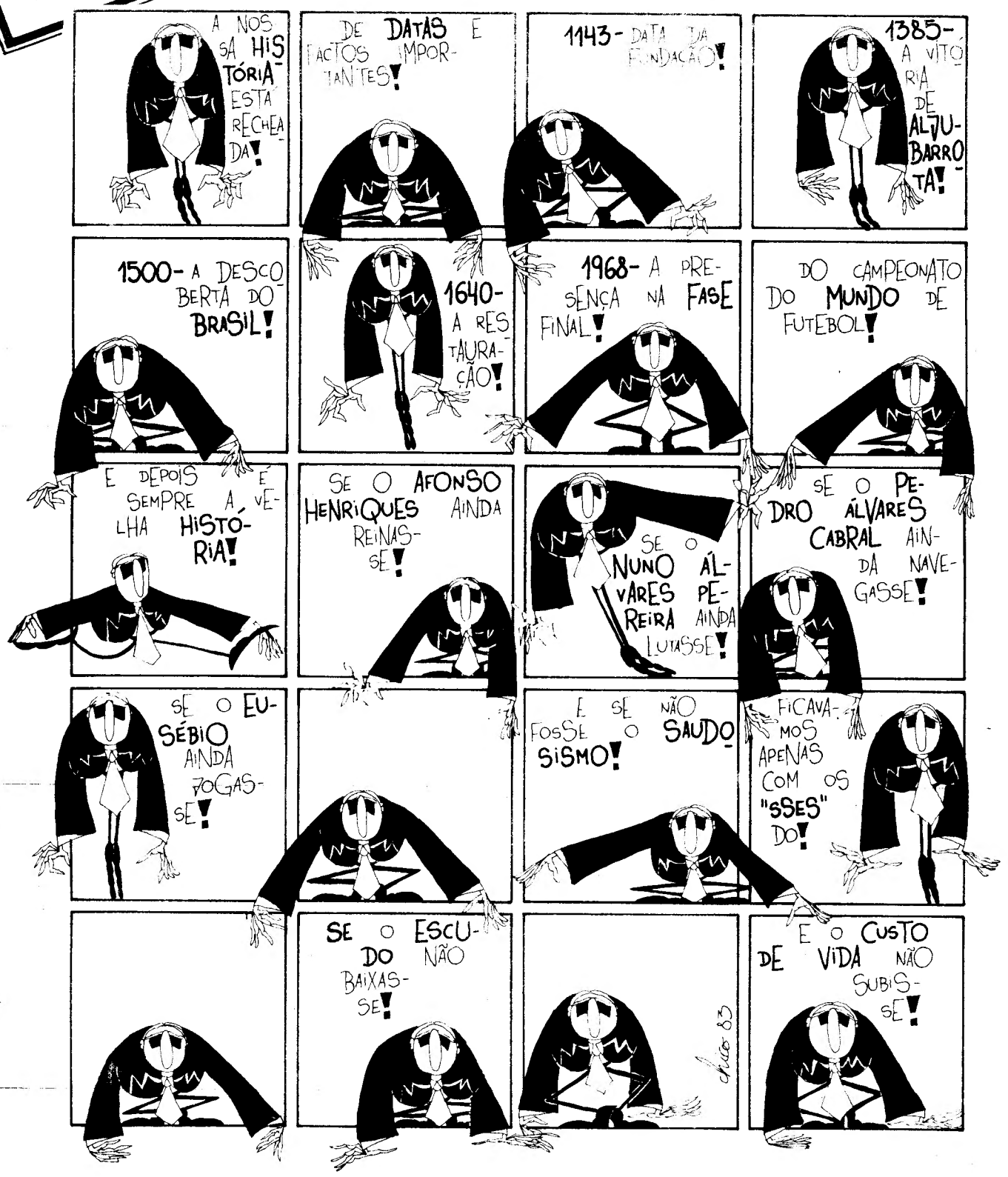


Cunha Telles aposta na video

de estar na presença de Cunha Telles, o mais importante produtor do cinema português. Em geral bem-disposto, convida-o logo a tomar um «whisky» no seu escritório, com ar-condicionado mas sem vista para o mar, como no antigo que possuía nas Escadinhas da Achada há dez anos, na altura em que lutava pela reabilitação, perseguido que fora pelos tribunais marcelistas por dívidas condizentes com a produção de treze filmes da geração 60. Hoje, liberto das dívidas, Cunha Telles é um homem que respira honestidade, com cinco filmes de longa-metragem em curso. O dele, «Esboço para uma vida», o de António Pedro de Vasconcelos (também habitualmente vestido de fato azul, mas mais clarinho), «O Lugar do Morto», o de Eduardo Geada, «Saudades para Dona Genciana», o de um ex-aluno da Escola de Cinema do Conservatório Nacional, Leandro Ferreira, cujo filme se chama «Contactos» e o de Alberto Seixas Santos, «Rosa». Todas estas produções são subsidiadas pelo Instituto Português de Cinema. A «Animatógrafo» existia para o público como distribuidora e exibidora. A produtora «Animatógrafo» foi fundada apenas há quatro meses, como resultante da sua associação à realização do filme americano «To catch a king», que Clive Donner realizou recentemente no nosso país. Cunha Telles conseguiu tirar disso dividendos e voltar-se de novo para a produção, a que prometera em tempos só se dedicar depois de ir para o inferno. A inesperada sorte da produção americana permitiu-lhe felizmente contradizer-se e com o dinheiro acumulado, em que alguns estimam entre dez e quinze mil contos, alugar este vasto apartamento e comprar o mais sofisticado material para montagem de filmes, como seja uma mesa «Stenbeck» com vídeo incorporado, o que embaratece tremendamente o trabalho de laboratório dos filmes. Numa enorme sala, também com ar-condicionado, é habitual poder-se encontrar duas montadoras com um sorriso agradável de sauna, actualmente a trabalhar em «Esboço para uma vida». Três «écrans» de televisão guarnecem a gigantesca mesa de montagem. Dois deles são monitores de vídeo: um leitor dos negativos de filme que correm na mesa de montagem com carretos próprios que impedem que se risque, visto que as mesas de montagem normais só passam positivos obtidos desses negativos, e, um gravador que imprime o filme rodado em cassetes de vídeo. A enorme vantagem deste novo sistema reside no facto do cineasta não precisar de obter uma cópia de todo o negativo filmado para ulterior montagem. Basta-lhe proceder apenas à revelação integral do negativo. Se um filme tem, por exemplo, quinze horas de rodagem impressas em negativo, basta esse negativo revelado para a montagem, e não, como antes, também ter de fazer quinze horas de positivo. É que o leitor vídeo por processo electrónico transforma automaticamente a passagem de negativo na mesa de montagem em positivo, com cores muito aproximadas das da cópia final. Com isto pode poupar cerca de mil contos a uma produção, além de uma espantosa economia de tempo, apesar da complicação inicial condizente com o manuseamento do novo material. Por outro lado, o trabalho da montadora, na mesa de montagem em si, reside só na sincronização das sequências, porque o trabalho propriamente criativo da montagem é feito depois no vídeo, pelo manuseamento de uma série de teclas de comando electrónico em sistema, cuja configuração lembra uma das tábuas de Moisés quando este atravessou o mar Vermelho. Por exemplo, o filme pioneiro neste sistema está actualmente gravado em cerca de treze bobinas de vídeo. Guarda-se o negativo, não se precisa do positivo e começa-se a montagem propriamente dita agora com a selecção de material, também em vídeo, feita a partir das pretéritas treze cassetes. Os iniciados na técnica laboratorial de qualquer cinematografia sabem que os negativos dos filmes têm um minúsculo número de bordo para cada plano, que os inexperientes por vezes só conseguem ver com uma potente lupa. Mas neste sistema de mesa de montagem com vídeo incorporado, existe uma maquineta independente que computadoriza um código com oito números para cada plano gravado em vídeo, a partir da referência do número de bordo do negativo do filme. Os dois primeiros números referem-se às horas filmadas, os seguintes aos minutos, depois mais dois para os segundos e, finalmente, os dois últimos para o número de «frames», isto é, fotogramas. Essa maquineta do número de código, está ligada por dois cabos tanto à mesa de montagem como ao aparelho gravador, que por sua vez comunica com um monitor vídeo receptor de imagens gravadas. O número de código instilado pela maquineta aparece bastante aumentado, estampado bem visivelmente na parte inferior da imagem vídeo, agora projectada no monitor. Um outro detalhe diz respeito ao facto de na fase inicial da montagem, enquanto se utiliza parte das operações clássicas de sincronização de sequências na mesa de montagem, a montadora não poder cortar o negativo do filme, mas apenas a fita magnética de som. Nesta fase inicial de sincronização, antes de se passar propriamente à montagem apenas em vídeo, é a película magnética relativa à banda sonora que se corta, acrescentando ou diminuindo o seu tamanho de forma a ajustar-se às sequências da banda imagem respeitante às sequências do negativo. E é também na película magnética referente ao som do filme que se imprime por impulso electrónico o número de código. Quem dá esse impulso electrónico para o som é outro aparelho, uma mesa com rodinhas, previamente ligada a um «tablier» de misturas. A coisa parece complicada da forma como aqui é brevemente explicada. Mas caro leitor, ela ainda é muito mais complicada. Por isso, para aqueles que de perto estão interessados na técnica cinematográfica mais moderna, aconselho que dêem uma saltada à produtora «Animatógrafo», porque pelo menos até hoje a porta está aberta. Enquanto se não tiver que tocar à campaínha, quer dizer que sempre se poderá continuar a dar uma espreitadela na sala de montagem com sistema vídeo incorporado. Por aqui passa aquilo que se convencionou já chamar de «segundo fôlego do cinema português».

Sete Ponto Sete

doces crónicas



Ninho de cobras e fontes de energia

Durante alguns dias, as estações de televisão de Buenos Aires recomendaram às pessoas como deviam proceder no caso de serem mordidas por cobras venenosas. Os conselhos dos médicos não eram no entanto dirigidos aos habitantes das florestas tropicais do Norte do país, mas sim à população da própria capital argentina.

A causa destas precauções foi o aparecimento massivo de répteis nas margens, atracadouros e parques costeiros de Buenos Aires.

As cobras «chegaram» conjuntamente com os «camalotes» — molhos de plantas aquáticas trazidos em grandes quantidades pelo rio Paraná, que registou este ano grandes inundações. As fortes correntes de água trouxeram tudo o que encontraram pelo caminho, incluindo vários representantes do mundo animal.

As crianças pescavam as cobras ao longo dos cais da cidade, com anzóis ou arpões, de fabrico caseiro. Os melhores exemplares passaram a ser vendidos como «souvenirs». Mas o maior prazer de tão inesperada presa foi para os emigrantes da Coreia do Sul radicados em Buenos Aires: cobra frita na brasa, que constitui um dos seus pratos nacionais preferidos.

Apesar da maior parte dessas cobras serem inofensivas, havia também algumas venenosas como a iarara. Mas a ignorância das pessoas levou ao seu extermínio generalizado, o que provocou veementes protestos por parte dos defensores do meio ambiente.

Os «camalotes», no entanto, não são perigosos só pelo facto de neles se ocultarem cobras venenosas. Segundo alguns especialistas, as massas de «camalotes» em movimento podem causar danos consideráveis nomeadamente às centrais hidroeléctricas que se encontram no rio Paraná.

Ao mesmo tempo, a flora aquática é uma matéria-prima com bastante valor. Na Argentina estão inclusivamente a ser elaborados projectos para a sua utilização na economia: utilizando processos microbiológicos específicos, pode-se obter dos «camalotes», cuja acumulação anual chega a atingir os 316 milhões de toneladas, entre 1 a 4 biliões de metros cúbicos de gás combustível.

Têm também utilidade os detritos obtidos em resultado da produção deste gás, pois contêm bastante azoto e podem servir na agricultura como adubos.

A primeira instalação experimental para produção de biogás já está em funcionamento na província argentina de Santa Fé. Por enquanto, os resultados ainda são bastante modestos: diariamente, transformam-se apenas 50 a 100 kg, de plantas aquáticas. O aparecimento de quantidades enormes de «camalotes» no porto da capital, poderá dar possivelmente um novo impulso à resolução prática desta descoberta.

Clip

• As palavras **medíocre, mediocridade,** aparecem com frequência nos apontamentos críticos «culturais» da Imprensa lisboeta, e não raro aí se denuncia a provável existência de uma espécie de conjura dos medíocres. Há, na verdade, não uma, mas várias: a dos medíocres propriamente ditos; a dos que se especializaram na denúncia da mediocridade dos outros e assim com ela estabelecem uma relação de equilíbrio dialéctica e necessária; e finalmente, como síntese obrigatória, os executivos do subdesenvolvimento português, que não concerne apenas a ordem económica e social, mas é também gritante nos sectores da vida moral e intelectual.

• Fala Juan de Mairena, porta-voz de António Machado: «Julgamos inocentemente que o povo rir-se-ia nas nossas barbas se lhe falássemos de Platão. Grave erro. De Platão só se riem os senhoritos da burguesia, no mau sentido — se há algum bom — da palavra». Outra fala daquele grande espanhol, sempre «à altura das circunstâncias», diz-nos que «é preciso enviar os melhores mestres às escolas dos mais perdidos lugarejos da província; se a cidade não manda para o campo os melhores mestres, mas tão-só a guarda e jornais de bola, o campo continuará a mandar para as cúpulas do poder os seus patos-bravos e advogados sornas, os seus caciques e intrigantes, expedindo-os também para as Academias e Universidades».

• Nos últimos anos do fascismo, quase ninguém dizia que era de direita: considerava-se uma coisa de muito mau gosto. E isso, no curto consulado marcelista, tornou fáceis e cómodas algumas modas ditas «esquerdistas» (atavios alegres, leituras divertidas, novos costumes sexuais, amizades perigosas, revistas significativas debaixo do braço, etc.). A «esquerda» (entre aspas, claro) tornou-se um grande negócio que permitia conservar integralmente os privilégios e adoptar, simultaneamente, formas permissivas de vida. A direita, digamos, dava-se ao luxo de ser de esquerda, um luxo de que a própria esquerda nõ podia participar, já que tinha de viver nos apertos da sua classe social e esconder-se da repressão. Na verdade, só os ricos e afins podiam manter uma vida pública de «esquerda». Os tempos mudaram e as modas também: a direita, agora, prefere a ética e a estética de direita, no que é seguida pela «esquerda democrática» que, a avaliar pelos bons restaurantes, bons automóveis, bons fatos, boas casas que os seus políticos preferem, decidiu adoptar também as modas de direita.